



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
MESTRADO**

**REVISTA FOCUSOLAR: JORNALISMO CIENTÍFICO,
ENERGIA RENOVÁVEL E SOCIEDADE**

Andréa Mesquita de Mendonça Cunha

João Pessoa - PB
Junho - 2016

Andréa Mesquita de Mendonça Cunha

**REVISTA FOCUSOLAR: JORNALISMO CIENTÍFICO,
ENERGIA RENOVÁVEL E SOCIEDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Profissional em Jornalismo do Curso de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Joana Belarmino de Sousa

João Pessoa – PB
Junho - 2016

**REVISTA FOCUSLAR: JORNALISMO CIENTÍFICO,
ENERGIA RENOVÁVEL E SOCIEDADE**

Andréa Mesquita de Mendonça Cunha
Dissertação aprovada em 15 de junho de 2016

JOANA B SOUSA

Profª. Dra. Joana Belarmino de Sousa
Orientadora



Prof. Dr. Jose David Campos Fernandes
Examinador Interno



Prof. Dr. Carlos Alberto Claudino Silva
Examinador Externo

João Pessoa – PB
Junho - 2016

C972r Cunha, Andréa Mesquita de Mendonça.
Revista Focusolar: jornalismo científico, energia renovável
e sociedade / Andréa Mesquita de Mendonça Cunha.- João
Pessoa, 2016.
109f. : il.
Orientadora: Joana Belarmino de Sousa
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA
1. Jornalismo. 2. Jornalismo científico. 3. Energia
renovável. 4. Jornalismo de Revista. 5. Sustentabilidade.

UFPB/BC

CDU: 070(043)

AGRADECIMENTOS

A Deus por me amparar nos momentos difíceis, me dar força interior para superar as dificuldades, me suprir de força e coragem diante dos momentos de fraquezas.

À minha orientadora Professora Joana Belarmino, por acreditar em minha capacidade intelectual, me indicar o caminho da pesquisa, por ser exemplos de profissional e de mulher de verdade que serão incorporados na sequência da minha vida.

Ao Professor José David Fernandes pela ajuda em momentos de definição desse projeto, e por contribuir com o meu crescimento profissional.

A administração central da UFPB na pessoa da Magnífica Reitora Margareth Diniz pelo apoio indispensável na versão impressa da Edição de Nº 1 da revista FocuSolar.

Aos pesquisadores do Centro de Energias Alternativas e Renováveis – CEAR pela disponibilização de seu acervo intelectual para consulta e viabilização da pauta de Edição de Nº 1 da revista FocuSolar.

Aos Repórteres Amaury Barros, Beatriz Lauria, Carmem Ferreira, Chrisley Wellen, Cristiano Sacramento, Danilo Monteiro, Diana Araújo, Felipe Lima, Hérica Carvalho, Jennifer Mali, João Diniz, João Paulo Martins, Juliana Luz, Luana Maria, Lucas Campos, Lucélia Pereira, Lylyanne Valeriano, Marcella Machado, Maria Alice, Mariah Regina, Moacyr Martins, Mikaella Pedrosa, Rennan Hideo, Samuel Amaral e Vitor Feitosa. Todos os discentes amigos que contribuíram com suas reportagens que materializaram a 1ª Edição da Revista FocuSolar.

Aos discentes Mikaella Pedrosa e Vinícius Angelus pelo trabalho de Diagramação.

A Vinicius Angelus pelo apoio incondicional e indispensável para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral criar uma revista piloto, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo, intitulada “FocuSolar”, no formato impresso, sobre o tema das energias renováveis, sua sustentabilidade e a renovação das suas estratégias, em linguagem jornalística, visando divulgar a produção acadêmico-científica do Centro de Energias Alternativas e Renováveis - CEAR da UFPB, colocando-se como um veículo facilitador da compreensão do discurso científico para os mais variados públicos. Os objetivos específicos contemplam: democratizar a produção acadêmica científica do CEAR; esclarecer e estimular ao público em geral a importância do acesso aos conhecimentos científicos produzidos pelo CEAR; contribuir na conscientização social da necessidade do uso de práticas e métodos mais eficientes e racionais para uso dos recursos naturais; fortalecer vínculos entre as ações do CEAR e o campo do jornalismo na UFPB; estabelecer função social mediadora em torno do uso da energia renovável e suas implicações sociais, ambientais e econômicas. Os procedimentos metodológicos que nortearam a realização da escolha da temática e da linguagem a ser usada na produção do produto serão divididos em 7 (sete) etapas, assim distribuídas: o levantamento do estado da arte; mapeamento do conhecimento da comunidade acadêmica do CEAR; observação da forma da estruturação do conhecimento gerado internamente pelos membros do Centro; formatação e detalhamento técnico, planejamento, e os seus processos de editoração; seleção dos artigos científicos para editoração da revista piloto e a produção do conteúdo para diagramação da revista. O relatório em seu desenvolvimento apresenta a fundamentação teórica, abordando dois grandes eixos reflexivos: O jornalismo científico e de revista, suas concepções, objetivos e funções; num segundo eixo, conceituamos as energias renováveis, apresentando o seu marco legal e a constituição do CEAR. A última etapa do relatório apresentado para o exame de qualificação contém uma descrição detalhada do produto, a revista “FocuSolar”, desde as fases de levantamento de fontes, processo de planejamento, editoração, com um piloto para um primeiro número a ser impresso. O projeto adotou, como perspectivas de inovação e prospecção, alianças com os cursos de graduação e pós-graduação em jornalismo, assim criando um produto que possa servir de elo entre a academia e a sociedade, contribuindo para a realização de uma ação de inclusão social e de democratização do conhecimento científico como um veículo facilitador da comunicação da ciência com um público heterogêneo.

Palavras-chave: Energia Renovável. Jornalismo Científico. Jornalismo de Revista. Sustentabilidade.

ABSTRACT

The present work has as main objective the creation of a pilot magazine, developed along with the Graduate Program in Journalism, named "FocuSolar", in print, on the subject of renewable energy, its sustainability and renewal of strategies in newspaper language, aiming to spread the academic-scientific production of the Center for Alternative and Renewable Energy - CEAR UFPB, placing it as a vehicle to facilitate the understanding of scientific information by widely-varied audiences. Specific objectives include: make CEAR's scientific, academic production become understood by general public; encourage the readers to access scientific knowledge produced by CEAR; contribute to public awareness on the need to adopt more efficient and rational methods and practices when using natural resources; strengthen links between CEAR actions and the journalism field in UFPB; exert a clearing function on the use of renewable energy and its social, environmental and economic implications to general public. The methodological procedures which have guided the choice of theme and language to be used in the product will be divided into seven (7) steps, as follows: definition of the state-of-the-art; knowledge mapping about CEAR academic community; observations about the knowledge structure internally generated by Center members; formatting, technical detailing, planning, and its publishing processes; select scientific articles for a zero issue and the production of content for the magazine layout. The report presents the theoretical foundation, addressing two pathways to reflection: Science journalism and its magazine format, concepts, objectives and functions; and as a second axis, inform renewable energy concepts, presenting its legal framework and the creation of CEAR. The last report version submitted for qualifying exam contains a detailed description of the product, "FocuSolar" magazine, from the stages of survey sources, process planning, publishing, with a pilot issue to be printed. The project adopted as innovation and prospection stance, alliances with undergraduate and journalism graduate courses, creating a product that can serve as a link between academia and society, contributing to the achievement of social inclusion and access to scientific knowledge as a vehicle to facilitate the communication of science to a heterogeneous audience.

Keywords: Renewable Energy. Scientific journalism. Magazine press. Sustainability.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Metodologia	13
2. Fundamentação Teórica	14
2.1. O jornalismo científico e sua importância para a difusão do conhecimento	14
2.2. Conceitos, objetivos e funções do jornalismo científico	17
2.3. Jornalismo científico	24
2.3.1. Jornalismo científico no mundo	24
2.3.2. Jornalismo científico no Brasil	25
2.3.3. Cronologia do jornalismo científico no Brasil	26
2.4. Comunidade acadêmica e o jornalismo científico	30
2.5. Jornalismo de revista	31
2.6. Revista como meio de comunicação	33
2.6.1. Surgimento da Revista no Brasil	36
2.6.2. Contrato de leitura	41
3. Estrutura da revista impressa	42
4. Componentes de uma revista	44
4.1. Gêneros textuais na mídia impressa	44
4.1.1. Gênero textual Editorial	45
4.1.2. Gênero textual Reportagem	46
4.1.3. Gênero textual Notícia	47
4.1.4. Gênero textual Artigo de Opinião	48
4.1.5. Gênero textual Entrevista	48
4.1.6. Gênero textual Perfil	49
4.1.7. Gênero textual Expediente	50
4.1.8. Gênero textual Sumário	50
5. Contextualização e detalhamento do produto	51
5.1. O Centro de Energias Alternativas e Renováveis	51
5.2. FocusSolar	52
5.2.1. Projeto Editorial	52
5.2.2. Nome do produto	52
5.2.3. Objetivo	53
5.2.4. Público alvo	53
5.2.5. Política editorial	53
5.2.6. Linguagem	54
5.2.7. Seções	54
5.3. Projeto gráfico	56
6. Processo de construção e perspectivas do produto	57
6.1. O processo de produção da revista	57
6.2. Inovação e prospecção do produto	60
7. Considerações Finais	61
8. Referências	66
ANEXO I	72

<i>QUADRO I – REVISTAS DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ELETRÔNICOS DA UFPB - ANO 2015</i>	72
<i>ANEXO II</i>	75
<i>PROJETO GRÁFICO DA REVISA FOCUSOLAR</i>	75

Introdução

O presente relatório de pesquisa reúne o trabalho de produção da revista Focussolar, produto apresentado como fonte de divulgação do Centro de Energias Alternativas e Renováveis da UFPB, trazendo para o centro da discussão, o jornalismo como mediador principal na divulgação da ciência para a sociedade. A matéria principal da revista são as energias renováveis, e o esforço principal é o de aliar a produção científica à construção de uma narrativa jornalística capaz de influenciar mudanças de comportamentos em favor da sustentabilidade e da defesa do meio ambiente.

O estudo da energia sustentável¹ é um conhecimento científico bastante relevante e de necessária difusão, tendo em vista que representa uma necessidade imediata para manter a atual sociedade, assim como as gerações futuras em termos energéticos. Representa a possibilidade de as populações presentes e futuras atingirem um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais para atingirmos progressivamente a sustentabilidade.

A difusão do conhecimento científico precisa ser feita com critérios. Warren Burkett cita alguns desses critérios: “Impacto – matéria que afeta uma grande quantidade de leitores; Significado – o que o tema significa para a ciência ou para o indivíduo; Pioneirismo – o pioneirismo e singularidade trazem em si a novidade; Interesse humano – perfis de cientistas ou de pessoas afetadas por descobertas científicas; Conflito – busca sobre o pioneirismo de uma pesquisa; Necessidades de sobrevivência – as pessoas têm grande interesse por temas que trabalham aspectos fundamentais de sobrevivência; e Necessidades de conhecimento – o ser humano curioso por natureza” (BURKETT, 1986, p. 229).

Os artigos técnicos científicos são produtos da construção do conhecimento incorporado pela literatura científica, por meio dos periódicos científicos. Estes também são disponibilizados nas redes eletrônicas, sendo exemplos de meios de disseminação submetidos à avaliação de seus pares, assim como de outros critérios, enquadrando-se nos de **impacto, significado, pioneirismo e conflito** preconizados por Burkett.

¹ É aquela que é gerada e fornecida de modo a atender as necessidades atuais, porém sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas necessidades. As principais fontes de energia sustentável são as renováveis e limpas, com nenhum ou muito pouco índice de geração de CO₂ (dióxido de carbono) e outros gases do efeito estufa. Definição extraída do site: SuaPesquisa.Com. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/energia/energia_sustentavel.htm>. Acesso em 17 de agosto de 2015.

Os critérios **de interesse, sobrevivência e necessidade de conhecimento** nem sempre estão presentes nos artigos técnicos científicos. Estes critérios são os que mais podem proporcionar facilidade de acesso a uma grande quantidade de informações, atingindo indivíduos de diversos âmbitos da sociedade. Tais preceitos de Burkett estão mais presentes em matérias jornalísticas quando existe uma integração entre o pesquisador – explorador do conhecimento e das técnicas experimentais – e o jornalista – detentor das técnicas que permitem a circulação de informações qualificadas e técnicas jornalísticas adequadas para a divulgação científica².

O jornalismo científico é um produto que leva ao público não especializado matérias de conteúdos relacionados com as ciências básicas e aplicadas como física, biologia, química, engenharias, mas também os conteúdos relacionados com as ciências humanas.

A universidade é vista na comunidade acadêmica como fonte privilegiada de geração, multiplicação e utilização de conhecimento. O problema é inserir e disponibilizar, nas universidades, ferramentas, dentro da revolução digital, que possam contribuir com aqueles interessados em descobrir como as tecnologias da informação e comunicação podem ser usadas. Assim, os conhecimentos científicos e tecnológicos gerados nessas instituições podem ser revertidos em produtos que tragam benefícios socioeconômicos para a sociedade em geral.

A eficácia da difusão do conhecimento depende dos meios de comunicação utilizados por seus produtores, para levar seus tratados, artigos, comunicações, palestras, resultantes de seus estudos, para um determinado público. Em geral, é o próprio cientista que escolhe o periódico, o congresso ou conferência para divulgação seus trabalhos de pesquisas em andamento ou concluídos.

A revista na modalidade impressa continua tendo a sua relevância no cenário geral da comunicação e mídia com os principais diferenciais de: alcança maior valorização de temas especializados e mesmo com o advento e fortalecimento da internet ainda é vista como um meio de comunicação capaz de conseguir a formação de vínculo mais forte e duradouro entre o produto e seus respectivos públicos.

Hoje, fazer uma revista impressa ficou mais fácil com programas acessíveis de editoração eletrônica, como *Adobe InDesign* e *MS Publisher* e outros modelos gratuitos.

² O conceito adotado é o de Bueno, W.C. (1985): divulgação científica é a comunicação de informações científicas para o público não especializado, fazendo uso da recodificação da linguagem e tornando os termos acessíveis ao entendimento comum.

Baixar um modelo é fácil, mas somente pessoas que adquiram habilidades específicas através de estudo são capazes de aprender a programar e adicionar textos e gráficos e criar um periódico personalizado.

A Universidade Federal da Paraíba, conforme se pôde constatar através de pesquisa realizada durante o curso das disciplinas do mestrado em jornalismo, tem incentivado a produção de periódicos no âmbito de seus programas de pós-graduação, dispondo de um repositório digital denominado Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos que foi inaugurado em 2006. Os repositórios, segundo o Glossário do IBICT (s/d), são sistemas de informação que armazenam, preservam, divulgam e dão acesso à produção intelectual de comunidades científicas. Incentivam e gerenciam a publicação pelo pesquisador (auto-arquivamento), utilizam tecnologia aberta e podem ser acessados por diversos provedores de serviços nacionais e internacionais (FERREIRA, 2008, p.120).

Consulta ao Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB, realizada em 2015, permite quantificar, identificar nominalmente, classificar dentro de áreas de conhecimento da CAPES e constatar o foco e/ou objetivos das Revistas Eletrônicas editadas na UFPB. As Revistas são vinculadas aos mais diversos órgãos da UFPB. Tais como: Centro de Ensino, Programa de Pós-graduação, Coordenação de Curso de graduação, Departamento, Grupo de Pesquisa, Núcleo de Pesquisa e Pró-reitora.

A pesquisa constatou que, a UFPB é responsável pela editoração de 54 Revistas do estrato de classificação das grandes áreas de conhecimento da CAPES: Ciências Agrárias (1); Ciências Biológicas (1); Ciências Exatas e da Terra (1); Ciências Humanas (12); Ciências Sociais Aplicadas (21); Linguística, Letras e Arte (8), Multidisciplinar (7). Essa editoração busca atender aos interesses de avaliação acadêmico-científica (Capes/Qualis Periódicos) e interesses específicos vinculados diretamente à missão da Universidade Federal da Paraíba, o quadro 1, no anexo, ilustra as revistas editadas pela UFPB, publicadas no Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB no ano de 2015, selecionadas por programas, áreas de conhecimento e objetivos dos periódicos.

Todas as Revistas postadas no Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB (2015) têm dois pontos de convergência. Em primeiro lugar, objetivam - publicar investigações/desenvolvimentos teóricos, relatos de pesquisas, debates, entrevistas e resenhas que contenham análises, críticas e reflexões sobre temas inerentes a cada área de conhecimento. Em segundo lugar, o público, vez que o foco das Revistas é circunscrito a academia científica especializada.

Entre as revistas, existem aquelas vinculadas ao Curso de graduação em Mídias Digitais (1), Curso de graduação em Comunicação Social (1), Programa de Pós graduação em Comunicação (3), Programa de Pós graduação em Jornalismo (1), Programa de Pós graduação em Letras (4) e Programa de Pós graduação em Linguística(1).

Essas Revistas, apesar de ter aderência direta ou transversal com os meios de comunicação de massa, não são destinadas ao público heterogêneo ou não especializado e nem podem ser consideradas uma fonte de popularização do conhecimento científico ao qual o cidadão comum tem pleno e livre acesso.

Dentre as missões atribuídas às universidades estão a pesquisa, o ensino e a extensão. No entanto, está tornando-se prática recorrente na Universidade Federal da Paraíba, no tocante a divulgação científica produzida no âmbito da academia, associar a pesquisa com o ensino.

A extensão, que deveria ser uma das premissas de grande relevância na instituição, por servir de elo de mediação entre a academia e a sociedade, fazendo cumprir, assim, o compromisso social da universidade, está ficando em segundo plano.

Tal missão não está sendo desempenhada satisfatoriamente. Esta afirmação pode ser evidenciada no levantamento feito no Portal de Periódicos Eletrônicos da UFPB, acerca da produção do conhecimento acadêmico-científico dos docentes e técnicos da instituição, dedicados às atividades de pesquisas científicas e de ensino, cuja divulgação é destinada a um público especializado.

Faz-se necessário, assim, um maior compromisso da UFPB com a extensão, no tocante a divulgação e disponibilização das informações científicas produzidas no âmbito da academia para o público não especializado, em uma linguagem jornalística, ou seja, menos técnica, que permita ser entendida pela comunidade em geral.

Neste contexto, é necessário que produções que contemplem em seu conteúdo fatos ligados às ciências básicas, ciências aplicadas e ciências humanas possam ser tipificadas como matéria jornalística. Só assim é possível incentivar esta prática e torná-la uma forma de se prestar conta à sociedade dos avanços da ciência e dos benefícios advindos dos investimentos que são feitos na formação de recursos humanos e laboratórios de pesquisa no âmbito da UFPB.

Para tal, é necessário um instrumento eficaz que viabilize o intercâmbio entre a tecnologia e a sociedade, que sirva para divulgar as produções acadêmicas que

despertem o interesse do público em geral, em nosso caso particular as pesquisas relacionadas à energia renovável.

A sustentabilidade³ é um tema fortemente presente na rede, em particular, merece destaque a ênfase que é dada à energia e ao meio ambiente. As diversas formas e usos de energia renovável são discutidos nos meios de comunicação de massa, os quais têm contribuído para disseminar o uso da energia renovável e de modificar o comportamento das pessoas no que concerne à preservação ambiental e economia das fontes ditas convencionais.

A energia renovável é, então, uma necessidade imediata para manter a atual sociedade, assim como as gerações futuras em termos energéticos. Esse tipo de energia representa a possibilidade das populações presentes e futuras atingirem um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

A proposta de criação do Centro de Energias Alternativas e Renováveis – CEAR da Universidade Federal da Paraíba é uma resposta direta a tendência mundial crescente de desenvolvimento de fontes de energia alternativa e renovável e para formação de profissionais de excelência com capacidade para atuar no mercado de energia.

O CEAR é estruturado para ser um ponto de destino para pesquisadores e empresas interessados em avançar, desenvolver e usar tecnologias no contexto de energia renovável e de suas diversas aplicações relacionadas. Ademais, tem a pretensão de vir a ser líder na formação de recursos humanos com a promoção da educação relacionada com a energia e o desenvolvimento de políticas públicas eficazes que conduzam a uma maior utilização e aplicação de tecnologias de energia renovável.

Nesta contextualização, essa proposta de trabalho se justifica pelo entendimento da obrigação que pesquisadores do CEAR, compartilhem o resultado de suas pesquisas não somente entre a comunidade especializada como também com a sociedade em geral, exercendo assim, a sua função de agente de inclusão social através da democratização do conhecimento.

³ Sustentabilidade é a capacidade de um indivíduo, grupo de indivíduos ou empresas e aglomerados produtivos em geral; têm de manterem-se inseridos num determinado ambiente sem, contudo, impactar violentamente esse meio. Assim, pode-se entender como a capacidade de usar os recursos naturais e, de alguma forma, devolvê-los ao **planeta** através de práticas ou técnicas desenvolvidas para este fim. Extraído do site [Ecologia Urbana](http://www.ecologiaurbana.com.br/sustentabilidade/o-que-e-sustentabilidade/) - O Caminho para uma Sociedade Sustentável. Disponível em: <<http://www.ecologiaurbana.com.br/sustentabilidade/o-que-e-sustentabilidade/>>. Acesso em 17 de agosto de 2015.

Do exposto, essa proposta tem como objetivo geral criar uma revista piloto de no formato impresso para divulgação de informações especializadas sobre energia renovável com o propósito fortalecer uma cultura científica em torno das fontes de energia renovável.

Para alcançar o objetivo geral serão desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- Democratizar os conhecimentos científicos e tecnológicos gerados acerca da energia renovável e meio ambiente;
- Estabelecer um elo entre a comunidade científica e a sociedade em geral, fazendo de domínio público os avanços ocorridos nas áreas das energias renováveis e o meio ambiente;
- Contribuir na conscientização social da necessidade do uso de práticas e métodos mais eficientes e racionais para uso dos recursos naturais;
- Fortalecer vínculos entre as ações do CEAR e o campo do jornalismo na UFPB, a fim de que se possa alcançar, no âmbito da energia renovável e do meio ambiente, a interdisciplinaridade, vital para a difusão destes conhecimentos;
- Estabelecer a função social mediadora em torno do uso da energia renovável e suas implicações sociais, ambientais e econômicas, fornecendo subsídios para que a sociedade em geral tome conhecimento da evolução da ciência, da tecnologia e das inovações e suas consequências no cotidiano das pessoas.

A pesquisa descritiva deste trabalho terá a finalidade de expor as características editoriais das Revistas postadas no Portal de Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB (2015). Para o desenvolvimento do produto e elaboração deste relatório final, foi realizada uma coleta de dados do tipo de produção impressa utilizado pela comunidade científica da UFPB com ênfase em energia renovável e meio ambiente. De seguida procedeu-se ao estudo da arte sobre jornalismo científico, técnicas de divulgação científicas, produção de revista impressa. Partiu-se então para o próximo passo, elaborar o projeto editorial e gráfico da edição zero da revista FocuSolar. Em seguida foi realizada uma pesquisa exploratória da produção acadêmica do CEAR para definir a pauta da revista e, na sequência, a elaboração das matérias. Por fim, foi realizada a diagramação, o espelho e a impressão da revista. As eventuais dificuldades do trabalho

serão as fronteiras que são impostas quando da criação de produto editorial de divulgação científica, em particular, a manutenção da periodicidade da revista e a vinculação da revista a um órgão que garanta sua continuidade. Além disso, a existência de profissionais de jornalismo com competência para recodificar um artigo escrito para um periódico científico para uma linguagem de jornalismo científica mantendo relevância do seu conteúdo.

1. Metodologia

Destaca-se os procedimentos metodológicos, utilizados para alcançar os objetivos geral e específicos que nortearam a produção da revista de divulgação científica FocuSolar no âmbito da UFPB. A proposta foi desenvolvida a partir das seguintes etapas, não necessariamente sequenciais. Inicialmente - e ao longo do processo foi levantado um estado da arte, em que foram estudados, em profundidade, textos e livros relacionados ao jornalismo científico, às formas de acesso do público às notícias de Ciências, à linguagem que deve ser utilizada na redação de reportagens de divulgação científica e jornalismo de Revista e sobre o processo de produção de mídias impressas. A partir das leituras, foi possível adquirir aportes conceituais sobre jornalismo científico, jornalismo de revista e procedimentos de construção de uma revista assim como de suas funções educativas e informativas. A segunda etapa teve por meta investigar em caráter preliminar, a produção científica-tecnológica do conhecimento gerado de forma explícita pela comunidade do CEAR, através de uma pesquisa de natureza exploratória. O propósito da investigação buscou identificar a presença das temáticas abordadas em artigos, palestras, seminários, dissertações, teses, patentes, trabalhos de conclusão de cursos, relatórios de programas de iniciação científica de se tornarem pautas de matérias jornalísticas, ou seja, merecedores de serem transformadas em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor potencial de ser codificada em um texto legível de divulgação para o público em geral. A etapa seguinte buscou estabelecer a formalização de um acordo de cooperação com o Centro de Ciências, Artes e Turismo da UFPB, em particular, com o docente responsável pela disciplina REPORTAGEM E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO para formação da equipe de editores, repórteres, designers, revisores e outros profissionais necessários a concretização da proposta de trabalho. Igualmente, estabeleceu-se um regime de

cooperação com estudantes do Curso de Mídias Digitais, do CCHLA, sobretudo para apoio nos processos técnicos de produção da revista. Partiu-se para a etapa de concepção e planejamento editorial e gráfico da Revista. A partir da definição do projeto editorial quando ficou definida a política editorial, escolha do título, a área de conhecimento temático da publicação, a missão da Revista, periodicidade, critérios de arbitragem, exigência de noticiabilidade dos artigos, seções, idiomas, perfil dos leitores, requisitos normativos e dados sobre a circulação da publicação. Enquanto que projeto gráfico irá ser o guia que indicará aos diagramadores como serão dispostos todos os elementos que compõem o discurso nas páginas da publicação de tal sorte que facilite o entendimento da mensagem, assim como, a identidade visual da revista. A quinta etapa dedicou-se à elaboração da pauta da Edição Zero da revista FocuSolar a partir do mapeamento do conhecimento da comunidade acadêmica do CEAR, em sua vertente tácita e explícita, no sentido de identificar a tipologia de conteúdos e formatos que podem ser eventualmente recodificados para uma linguagem de jornalismo científico voltado ao público em geral. Nessa etapa, efetivou-se na prática, o trabalho cooperativo entre a pesquisadora e os alunos dos dois cursos de graduação mencionados acima, que constituíram uma espécie de redação, com editorias, distribuição de tarefas, coleta de informações, reuniões de planejamento, revisão e confecção das matérias jornalísticas propriamente ditas. A sexta etapa permitiu organizar o espaço que cada matéria ocupou na[^o espaço da revista e a ordem das matérias. Na sétima e última etapa, finalmente, foi montado o boneco e o espelho da Edição Zero da revista FocuSolar para impressão.

2. Fundamentação Teórica

2.1. O jornalismo científico e sua importância para a difusão do conhecimento

Baseado nos conceitos de ciência e de disciplina preconizado por Senge, que considera a ciência como um processo de aquisição de novos conhecimentos e a disciplina como conhecimentos adquiridos em certa área de conhecimento (SENGE,1990), o jornalista Abram Jagle valoriza igualmente a divulgação das ciências e das disciplinas (JAGLE, 1979). Seu pensamento segue a lógica que os grandes feitos da ciência somente serão inteligíveis se o público for informado sobre os produtos e benefícios advindos das pesquisas científicas e tecnológicas.

Nesse contexto, a divulgação sistemática de pesquisas acadêmicas pelo os jornalistas significa a oportunidade de difundir os conhecimentos das disciplinas, que serão transmitidos na escola. Assim, as matérias jornalísticas que tratam da ciência representam uma oportunidade de recuperar o conceito básico de disciplina e esse tipo de produto se reveste de uma importância significativa na formação de uma sociedade que seja aberta à divulgação de ciência e tecnologia.

Portanto, o elo entre a ciência e a sociedade pode ser construído através do jornalismo científico, que pauta matérias sobre ciência e tecnologia, contribuindo assim, para a divulgação do conhecimento científico ao público em geral.

Essa prática de divulgação científica aumenta sua importância quando associada aos benefícios inerentes ao desenvolvimento científico e o crescimento econômico.

Com ampliação da exploração das mais diversas áreas de conhecimento científico e tecnológico. Ficou muito mais difícil, mesmo para a comunidade científica, acompanhar os inúmeros avanços da ciência. Neste aspecto, a atividade da imprensa é imprescindível para disseminar as pesquisas acadêmicas tanto para os cientistas quanto para o público heterogêneo.

Embora a comunidade científica disponha de seus próprios meios de divulgação e disseminação, como os periódicos científicos, anais, jornais e revistas eletrônicas, eles não são suficientes para atender essa demanda. Em consequência, apareceu um nicho de mercado, explorado por empresas de comunicações, e a cada dia aumenta a disponibilidade de revistas especializadas nas mais diversas áreas de conhecimentos, direcionadas ao público especializado e não especializado.

O aparecimento dessas revistas nas mais diversas especialidades com matérias correlacionadas com áreas específicas é um indicativo da contribuição do jornalismo para resolver, em parte, o problema das instituições de pesquisas em popularizar sua produção intelectual.

É fato que apenas os seminários, palestras, programas de pós-graduação, oficinas de trabalhos, colóquios e outros eventos internos rotineiros nas universidades não dão conta de disseminar os resultados alcançados nos mais diversos campos do saber e de promover o intercâmbio de conhecimento.

Nesse sentido, Verga afirma que:

“Ainda que aquelas sejam atividades importantes que devem cumprir toda universidade e toda organização científica, a educação permanente, o desejo de unir-se com o povo onde está imerso o centro científico, a obrigam a utilizar outros métodos” (VERGA, 1987, p. 45).

O jornalismo entra, aqui, como ferramenta para criar uma cultura favorável ao desenvolvimento científico e tecnológico, e, conseqüentemente, à divulgação científica. Segundo o cientista político Ithiel de Sola Pool, a difusão de imagens do desenvolvimento é função vital da comunicação porque estimula o próprio processo de desenvolvimento, ensinando novos valores e consolidando uma consciência nacional (CIMPEC,1976).

O astrônomo Carl Sagan foi um dos grandes defensores da divulgação científica e seus pressupostos podem contribuir para a prática do jornalismo científico. Na avaliação do autor, “é um desafio supremo para o divulgador da ciência deixar claro a história real e tortuosa das grandes descobertas, bem como os equívocos e, por vezes, a recusa obstinada de seus profissionais a tomar outro caminho” (SAGAM, 1997, p.37). No seu entender é mais educativo mostrar “como a ciência funciona”. Assim, se daria aos leitores as informações básicas e necessárias para diferenciar a ciência da pseudociência. Sagan propõe a divulgação, antes de tudo, dos métodos da ciência:

(...) Se comunicarmos apenas as descobertas e os produtos da ciência – por mais úteis e inspiradores que possam ser – sem ensinar o seu método crítico, como a pessoa média poderá distinguir a ciência da pseudociência? (...) O método da ciência, por mais enfadonho e ranzinza que pareça, é muito mais importante do que as descobertas dela (SAGAM, 1997, p. 37).

Nessa perspectiva, a integração entre o pesquisador, explorador do conhecimento e das técnicas experimentais, e o jornalista, detentor das técnicas que permitem a circulação da informação sobre resultados das pesquisas, pode ser o caminho para realização de matérias de cunho científico com informações qualificadas e técnicas jornalísticas adequadas para a divulgação científica. Proporcionando, assim, ao jornalista uma compreensão geral dos conteúdos, auxiliando na escrita de artigos interessantes sobre ciência, de tal sorte que desperte a curiosidade dos leitores.

É fato que a ciência e tecnologia representam uma fonte de matérias jornalísticas que precisa ser explorada com a mesma intensidade que a sociedade espera as soluções da ciência para os problemas que enfrentam a humanidade.

Os próprios cientistas têm dedicado parte do seu tempo para buscar os meios de divulgarem os resultados de suas investigações. Isso pode ser constatada no aumento da popularidade de livros que tratam de ciência e são escritos por Cientistas e não por jornalistas.

No entanto, em que pese os benefícios para o público heterogêneo obter conhecimento através da leitura de matéria do próprio gerador da descoberta científica, há sem dúvida um prejuízo para a ciência quando um cientista dedica-se grande parte do seu tempo na divulgação seus trabalhos. Mesmo que ele tenha aprendido técnicas de comunicação e redação de matérias jornalísticas. É um desvio de habilidades e competência adquiridas para fazer pesquisa que possam beneficiar a sociedade em geral.

2.2. *Conceitos, objetivos e funções do jornalismo científico*

Embora a divulgação da ciência e o jornalismo científico sejam convergentes no sentido de popularizar as descobertas científicas, a divulgação não é jornalismo científico. Para entender o trabalho do jornalismo científico é preciso diferenciar os conceitos de difusão, disseminação e divulgação científica.

O jornalista Wilson Bueno, faz uso desses conceitos para categorizar o jornalismo científico como um tipo de divulgação científica, e esta como uma forma de difusão do conhecimento. Segundo o autor o que distingue as duas modalidades são as características do discurso utilizado e do sistema de produção (BUENO, 1985).

Para Bueno, difusão seria “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas” (Ibidem., p.1420). No conceito de difusão científica tem-se um caráter geral e inclui diversos processos, ações ou produtos: periódicos científicos, bancos de dados em Ciência, Tecnologia e Inovação, reuniões científicas (congressos, simpósios, seminários, workshops), páginas de CT&I dos jornais e revistas, programas de rádio e televisão dedicados a esses assuntos, sites e blogs que veiculam informações nessas áreas, livros didáticos ou acadêmicos, vídeo e/ou documentário científicos, entre outros. Assim, “a difusão incorpora a divulgação científica, a disseminação científica e o próprio jornalismo científico, considerando-os como suas espécies” (BUENO, 1985, p.1421).

A interpretação de Bueno sobre difusão considera o público-alvo, assim como, a linguagem a ser usada. Bueno diferencia a difusão para uma comunidade científica da difusão para o público heterogêneo e interpreta os conceitos de disseminação e divulgação da seguinte forma:

(...) Disseminação de ciência e tecnologia pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas (...). Divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação

de informações científicas e tecnológicas em linguagem acessível ao público em geral (...) (BUENO, 1985, p. 1421).

A disseminação científica pode ser categorizada em intrapares e extrapares dependendo do alvo da comunicação. A comunicação é dita intrapares quando a veiculação de informações sobre CT&I ocorre entre especialistas de uma área ou de áreas conexas. Enquanto que a comunicação extrapares é relativa à circulação de informações para especialistas que não estão situados exclusivamente na área que é o objeto da disseminação. Assim, apesar da informação ser direcionada para um público especializado esse receptor pertence a diferentes áreas de conhecimentos.

Atualmente, no Brasil, a designação "divulgação científica", é hegemônica. O termo é usado por exemplo pela equipe de Ciência Hoje, que foi criada em 1982, em seu subtítulo "revista de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", bem como em editoriais e artigos. Foi também adotado por iniciativas subsequentes, como o programa televisivo Globo Ciência, a revista Globo Ciência e a revista Superinteressante.

A designação "divulgação científica" vem sendo usada ainda em vários estudos sobre o assunto, como atestam teses e dissertações desenvolvidas no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – instituição voltada para a Ciência da Informação (MASSARANI, 1998).

No primeiro número da Revista Ciência Hoje, os editores da publicação definiram divulgação científica como a tentativa, seja por cientistas, seja por jornalistas, de fornecer à sociedade uma descrição inteligível da atividade criadora dos cientistas e de esclarecer questões técnicas e científicas de interesse geral. A divulgação científica pressupõe a busca de uma linguagem devidamente acessível – em oposição aos jargões e às fórmulas frequentes na linguagem científica e em geral restritos aos especialistas de determinada área de pesquisa –, sem prejuízo das correções das informações (CIÊNCIA HOJE, 1982).

Bueno salienta que a divulgação científica, também conhecida como popularização ou vulgarização científica, é feita não somente pela imprensa, mas também por meio de livros didáticos, feiras de ciência, documentários, quadrinhos, suplementos infantis, folhetos informativos sobre higiene e saúde etc., (BUENO, 1985).

Tanto a divulgação científica quanto o jornalismo científico tentam atingir o grande público e, para isso, procuram usar linguagem coloquial. Nesse sentido: “Na

prática, o que distingue as duas atividades não é o objetivo do comunicador ou mesmo o tipo de veículo utilizado, mas, sobretudo, as características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula” (Ibidem, p.1421).

Os esforços de Bueno foram no sentido de demarcar o jornalismo científico dentro do vasto universo da difusão científica. Não elaborou um conceito formal para a especialidade, mas adotou a definição de José Marques de Melo:

Um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras, emissoras) e coletividade (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (BUENO, 1985, p. 1422).

Na avaliação de Bueno, o conceito de jornalismo científico deve obrigatoriamente incorporar o conceito de jornalismo, com as características apontadas por Otto Groth: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. Assim fica evidente o motivo que o levou a aderir ao conceito formulado por Melo. Ter como ponto de partida a atividade jornalística é, com certeza, fundamental, pois o jornalista científico é, acima de tudo, jornalista. Embora a literatura não traga uma definição de jornalismo científico aceita universalmente, os profissionais ou pesquisadores que se dedicam à análise da especialidade têm feito tentativas no sentido de sintetizar da maneira mais completa possível as características que garantem a especificidade do jornalismo científico.

Michel Thiollent entende jornalismo científico como:

O conjunto das atividades jornalísticas que são dedicadas a assuntos científicos e tecnológicos e direcionadas para o grande público não especializado, por meio de diversas mídias: rádio, televisão, jornais especializados e outras publicações em nível de vulgarização (THIOLLENT, 1984, p.307).

O Centro Interamericano para a Produção de Material Educativo e Científico para a Imprensa conceituou o jornalismo científico enfatizando o seu caráter educativo:

Trata da transmissão massiva, pelos meios de comunicação, de conteúdos que ampliem e melhorem a informação popular sobre ciência e técnica e contribuam para formar interesses e vocações que levem as pessoas a novas ocupações surgidas pelo progresso da sociedade (CIMPEC, 1976, p.34).

Migliaccio ao conceituar o “jornalista científico no Brasil” aborda essencialmente a construção de uma linguagem acessível a um público heterogêneo: “Informação persistente de fatos, personalidades e acontecimentos relacionados com o campo da ciência, veiculada através dos meios de comunicação de massa e transmitida em linguagem acessível ao grande público” (MIGLIACCIO, 1989, p.242).

Hernando admite que o nome “jornalismo científico” pode confundir, num primeiro momento, os que não são do meio jornalístico (HERNANDO, 1997). A expressão pode ser entendida, exemplifica, como o estudo do jornalismo como ciência, o que não é o caso. No entanto, lamenta, este é um equívoco que não há como mudar - afinal, o termo já é reconhecido por órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU) e pelas associações profissionais, como União Europeia de Associações de Jornalistas Científicos e a Associação Iberoamericana de Jornalismo Científico.

Hernando define jornalismo científico como “(...) especialização informativa que consiste em divulgar a ciência e a tecnologia através dos meios de comunicação de massa” (HERNANDO, 1997, p.15,16).

No esforço de caracterizar devidamente o jornalismo científico, alguns profissionais e estudiosos da área estabeleceram seus objetivos e funções, os quais ultrapassam o nível técnico e expressam os ideais mesmo da atividade. Melo entende que essa atividade deve ser:

(...) Principalmente educativa; dirigida à grande massa; promover a popularização do conhecimento das universidades e centros de pesquisa; usar uma linguagem acessível aos cidadãos comuns; despertar interesse pelos processos científicos, e não apenas pelos fatos isolados; discutir a política científica; incentivar os jovens a buscar conhecimento e promover a educação continuada dos adultos (MELO, 1982, p. 21).

Hernando também tentou reforçar o conceito de jornalismo científico pela determinação de seus objetivos e funções. Do ponto de vista dele, cabe aos jornalistas da área de ciência e tecnologia:

(...) Criar uma consciência nacional e continental de apoio e estímulo à investigação científica e tecnológica; Divulgar os novos conhecimentos e técnicas, possibilitando o seu desfrute pela população; Dar atenção ao sistema educacional que fornece os recursos humanos qualificados para desempenhar a tarefa de investigação; Estabelecer uma infra-estrutura de comunicação e considerar as novas tecnologias e conhecimentos como bens culturais, medidas que objetivam democratizar o acesso à posse da ciência e da tecnologia; Incrementar a comunicação entre investigadores (...) (HERNANDO, 1970 p.17 apud BUENO, 1985, p.1424).

Em trabalho mais recente, Hernando diferenciou as funções informativa, interpretativa e de controle que caberiam a essa área do jornalismo:

(...) *Função informativa* do divulgador que transmite e torna compreensível o conteúdo difícil da ciência, ao mesmo tempo em que estimula a curiosidade do público, sua sensibilidade e sua responsabilidade moral; *Função de intérprete* que precisa o significado e o sentido dos descobrimentos básicos e de suas aplicações, especialmente aquelas que estão incidindo mais radical e profundamente em nossa vida cotidiana: eletrônica, telecomunicações, medicina, biologia, novos materiais etc.; *Função de controle* em nome do público, para tratar de conseguir que as decisões políticas se tomem tendo em conta os avanços científicos e tecnológicos que melhorem a qualidade de vida do ser humano e promovam o seu enriquecimento cultural (...) (HERNANDO, 1997 p.20 apud BUENO, 1985, p.1424).

Além da função informativa, Bueno também considera básicas do jornalismo científico as funções educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica, implícitas nos objetivos e funções definidos por Calvo Hernando. De todas essas, a função político-ideológica é enfatizada por Bueno, que publicou vários trabalhos a respeito. Ele critica a visão “ingênua” de muitos jornalistas, que “ainda se apegam à noção de ciência como saber preciso, universal e puro” (BUENO, 1985, p.1423).

Comparando os objetivos ideais do jornalismo científico com o seu exercício no país, outros pesquisadores também identificaram falhas no modo como a ciência e a tecnologia são divulgadas. Para efeitos de estudo, eles as denominaram disfunções do jornalismo científico. Estas resultam, em grande parte, dos empecilhos encontrados pelos profissionais para colocar em prática o que foi atribuído à sua profissão.

As disfunções apontadas por Calvo Hernando referem-se, especialmente, à almejada função educativa do jornalismo científico. Segundo explica, elas são identificadas pelo “almanaquismo”, que define a tendência de reduzir as informações científicas e tecnológicas a meras curiosidades sobre a ciência, tais como registros de recordes e até piadas; pela ausência de uma mensagem didática em muitas matérias; pelo pouco respeito à exatidão científica, tanto na elaboração de um conceito quanto na apresentação de uma cifra ou medida; pela atenção desproporcional aos elementos secundários de uma informação científica, com o objetivo de aumentar a possibilidade de impacto junto aos leitores, e pela superficialidade, faltam de documentação, improvisação e atropelo no aproveitamento das fontes (HERNANDO, 1997, p.21 apud BUENO, 1985, p.1425).

Carvalho (1996) confessou que se surpreendeu ao constatar, em sua pesquisa de mestrado, que a revista de jornalismo científico mais vendida do Brasil, a

Superinteressante, contraria alguns dos pressupostos teóricos da atividade. Conforme conclui, a revista preferida do público adolescente é “um produto bem trabalhado de *marketing*” (CARVALHO, 1996, p.178). Na *Superinteressante*, mais da metade das notícias publicadas são de origem internacional, o que vai contra o preconizado pelos acadêmicos, que propõem a valorização da ciência e dos cientistas nacionais. A publicação observada “consolida uma prática dependente, combatida pelo movimento teórico do jornalismo científico” (Ibidem).

A despeito da função educativa prevista pela teoria, a filosofia editorial da revista valoriza especialmente os detalhes curiosos e inusitados das notícias, em detrimento de informações mais relevantes. O caráter educativo que *Superinteressante* deveria assumir, principalmente em função de seu público predominantemente jovem, escreve a autora, também é abalado pela seleção e tratamento das matérias. Ao invés de aproveitarem o “gancho” das novidades científicas e tecnológicas para explicar conteúdos disciplinares aos estudantes, os jornalistas – fiéis ao projeto editorial – mantêm a superficialidade que perpassa toda a publicação. A decisão dos editores responsáveis de priorizar o conteúdo atual, avalia Carvalho, “afasta a característica de uma publicação auxiliar para trabalhos escolares” (CARVALHO, 1996, p.127). Mais uma vez, demonstra que a finalidade proposta para o jornalismo científico não é alcançada.

Reis explica o objetivo do jornalismo científico, ao afirmar que:

Se quiséssemos definir o objetivo da divulgação científica, poderíamos dizer que ela procura familiarizar o leitor com o espírito da ciência (...) Mas o fato já assentado, isto é, a ciência como disciplina, também deve ser apresentada pelo jornal, para compreensão dos próprios fatos novos ou mesmo para suprir lacunas de formação intelectual do público (REIS, 1972 p.135 apud Bueno, 1985, p.1424).

No entanto, “com as características de almanaque a *Superinteressante* vem se mantendo como a publicação do segmento mais vendida no Brasil há oito anos” (CARVALHO, 1996, p.169).

Uma das contribuições do seu trabalho foi evidenciar que a teoria sobre jornalismo científico não reflete a realidade da cobertura jornalística nas mais populares revistas brasileiras do gênero: *Superinteressante* e *Globo Ciência* (hoje *Galileu*). A pesquisadora constata que os estudos acadêmicos falham por não considerar o contexto em que a atividade jornalística se desenvolve, seus aspectos econômicos e caráter empresarial (CARVALHO, 1996, p.167). E conclui que:

A imagem da ciência que os jornalistas tentam passar aos leitores engloba diversos aspectos, que passam por esferas empresariais, filosóficas e ideológicas. Esta questão é muito mais importante do que o conceito que o profissional guarda, pois, a ideia que se transmite ao leitor nem sempre é compartilhada pelo jornalista (enquanto indivíduo), mas pode ser uma determinação do projeto editorial da revista (CARVALHO, 1996, p.133).

O editor sênior de *Superinteressante*, Flávio Dieguez, diz que a revista procura passar a ideia de que “a ciência é do bem (...) a gente não pode achar que a ciência é ruim, se fizermos isto não vendemos” (CARVALHO, 1996, p.133). Muitos profissionais assumem essa postura mesmo tendo consciência das funções sociais da profissão, por força de exigências de mercado. E, quando se tenta espelhar a prática na teoria, as imagens obtidas não coincidem.

Thiollent defende que, para desempenhar de fato serviço educativo, a atividade jornalística da área de ciência e tecnologia tem que ser aperfeiçoada com o uso, pelos profissionais, de instrumentos mais eficientes (THIOLLENT, 1984, p.308,315). Por enquanto, vale adiantar as opções que ele visualiza depois de redefinir os objetivos do jornalismo científico. Segundo explica, mais de uma destas opções podem ser combinadas:

(...) Opção desenvolvimentista – promover o desenvolvimento tecnológico, econômico, social, educacional e cultural, sem profundas alterações da estrutura da sociedade; Opção de autonomia nacional – com o objetivo de diminuir a dependência em relação a outros países;
Opção humanista - visando colocar a ciência e a tecnologia, por meio da educação e da comunicação, a serviço de ideais humanistas;
Opção crítica – com o intuito de conscientizar o público a respeito das implicações positivas e negativas de determinadas técnicas ou políticas techno-científicas; Opção ecológica – dando destaque para a crítica dos aspectos relacionados com a preservação do meio ambiente e qualidade de vida (...) (THIOLLENT, 1984, p.308,315).

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de se conceber uma revista que priorize a função social e educativa do jornalismo científico, visando à difusão de matérias científicas destinadas ao público heterogêneo. Dessa forma, o produto proposto compartilhará a produção intelectual do CEAR com a sociedade, de modo a atingir as funções do jornalismo científico, conforme preconiza Thiollent.

2.3. *Jornalismo científico*

2.3.1. Jornalismo científico no mundo

Para o biólogo William Dick, o jornalismo científico surgiu no começo do século XVII quando foram fundadas as grandes sociedades científicas. Os primeiros jornais de ciência foram publicados depois da instituição da *Royal Society*, de Londres, e das academias científicas de Paris, Berlim e São Petersburgo. Calvo Hernando concorda com essa versão, que aponta como jornal mais antigo de divulgação científica o *Philosophical Transactions*, publicado a partir de 1665 pela *Royal Society* (HERNANDO, 1970).

Segundo Warren Burkett, Henry Oldenburg, secretário da *Royal Society*, “inventou o jornalismo científico” ao iniciar a publicação deste periódico (BURKETT, 1990, p.28). Numa época em que os cientistas enfrentavam a censura da Igreja e do Estado, “Oldenburg estabeleceu precedentes de cientistas funcionando como editores de periódicos da sociedade científica e para publicações em vernáculo” (Ibidem).

Logo após a publicação de *Philosophical Transactions*, foi lançado *London Gazette* (1666) e, anos mais tarde, *Acta Eruditorum* (1682), este último em Leipzig, Alemanha, em seguida à criação da sociedade científica *Academia Naturae Curiosum* (HERNANDO, 1970, p.17). Calvo Hernando considera também a *Gazette de France* como um dos primeiros periódicos a publicar ciência. Apesar de não veicular apenas assuntos científicos, esta publicação divulgava as reuniões científicas realizadas semanalmente na casa de seu fundador, Teofraste Renaudot. “Precisamente por não ser esta uma publicação de caráter exclusivamente científico, pode considerar-se como um dos primeiros órgãos de difusão de ciência entre leigos” (HERNANDO, 1970), analisou o autor.

O divulgador científico José Reis aceita a versão de Solla Price, para o qual “o jornalismo científico desenvolveu-se no tempo e no espírito juntamente com o periódico geral” (REIS, 1972, p.131). Os primeiros jornais e revistas de divulgação científica começaram a circular na época aproximada em que foram fundados os primeiros periódicos gerais: os jornais científicos registrados por Dick, exemplifica, foram lançados no mesmo período que o francês *Journal des Savants* (1663) e o holandês *Nouvelles de la République des Lettres* (1684). Essas publicações jornalísticas

procuravam “digerir” os livros e atas das sociedades científicas dos países europeus (Ibidem).

Ele analisa que tais publicações:

Informavam sistematicamente do que acontecia na ciência mundial, sem as dificuldades dos outros meios. Não apresentavam, porém, documentadamente, o conhecimento recém-adquirido; silenciavam experiências e métodos, apenas revelando sua existência em determinado lugar. Comunicavam, por vezes vagamente, o resultado da descoberta sem descrevê-la, referindo-lhe entretanto o autor, e não dispensavam a leitura ulterior dos livros; além desse noticiário, apresentavam longos estudos, equivalentes a monografias (REIS, 1972, p. 131).

Ritchie Calder, citado por Calvo Hernando, entende que a origem do jornalismo científico está relacionada ao trabalho de Waldemar Kaempffert, cronista científico do *New York Times*. Precisamente, à exposição científica que Kaempffert organizou em Chicago, por volta de 1920.

Hiller Krieghbaum afirma que o primeiro jornal americano a divulgar notícias científicas foi o *Public Occurrences*, de Boston, com a publicação, em 25 de setembro de 1690, de uma matéria sobre “febres”. Dois parágrafos escritos pelo editor do jornal, Benjamim Harris, para esclarecer a população de Massachusetts sobre a varíola, entraram para a história do jornalismo científico americano. “Esses dois parágrafos, limitados e quase triviais como são, em contraste com os trabalhos contemporâneos, demonstram alguns dos conceitos de informes científicos que existem mesmo depois de dois ou três quartos de século” (KRIEGHBAUM, 1979, p.20).

2.3.2. Jornalismo científico no Brasil

Ao recuperar a história do jornalismo científico brasileiro e sua inclusão na academia, é imprescindível ressaltar a importância do professor Manuel Calvo Hernando, que foi a principal fonte de consulta para os jornalistas atraídos pela divulgação de ciência e tecnologia pela mídia, ao marcar, indelévelmente, a entrada e a presença importante do jornalismo científico na universidade brasileira (BUENO, 2009, p 230).

O jornalismo científico no Brasil, como em outros países, é intimamente ligado ao aparecimento das organizações científicas. Foram dessas organizações a ideia de divulgar a ciência. Desde o início do jornalismo científico até os nossos dias, é significativo o número de jornalistas científico que ingressou na profissão para divulgar

sua própria produção acadêmica e, assim, compartilhar seus conhecimentos com outros grupos sociais e torná-los de interesse público.

A maior parte dos estudiosos da história do jornalismo brasileiro, que busca um referencial para início da difusão da ciência nos meios de comunicação no Brasil, aceita o que preconiza Solla Price, ou seja, o jornalismo científico tem início com o próprio jornalismo. Inclusive, José Reis, divulgador científico pioneiro no país.

Os que defendem essa tese partem do seguinte pressuposto: desde a sua origem, a imprensa divulga matérias científica, embora limitadas, sem muita frequência e sem profundidade. Depois que o jornalismo científico despertou interesse de um número expressivo de pesquisadores, ficou mais evidente a estreita relação dessa atividade com a história da ciência.

2.3.3. Cronologia do jornalismo científico no Brasil

Massarani em sua dissertação de mestrado em Ciência da Informação, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1998, inclui uma quantidade significativa de fatos relativos à divulgação científica ocorridos ainda no século XIX e relata a atividade de cientistas e instituições que procuraram popularizar conhecimentos científicos.

Baseado no estudo de Massarani e sem ter a pretensão de estabelecer uma cronologia definitiva sobre a história do jornalismo científico brasileiro, apresenta-se a seguir alguns fatos considerados importantes e que marcaram a comunicação científica no Brasil.

No início do século passado, com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, abriram-se os portos e a proibição de se imprimir foi suspensa. Iniciou-se a publicação de livros, revistas e jornais, com a criação, em 1810, da Imprensa Régia. Onze anos mais tarde, passou a ser permitida a entrada franca de livros. Com isso, textos e manuais ligados à educação científica, embora em número reduzido, começaram a ser publicados ou, pelo menos, difundidos no país (CARDOSO, 1988 apud MASSARANI, 1998).

No século XVIII, Correio Braziliense, o primeiro jornal em circulação no Brasil, através de seu fundador, Hipólito da Costa, já escrevia matérias de cunho científico. A partir de um contato estreito com os cientistas, muitos deles compartilhando a condição de amigos e fontes, a quem recorria com frequência e aguçada curiosidade, Hipólito da Costa produziu notícias e relatos, especialmente, versando sobre as maravilhas da

botânica, da agricultura e sobre as doenças que grassavam ao seu tempo. Evidentemente, como acentua José Marques de Melo, tais relatos carecem de “difusão pública, embora estejam sintonizados com o espírito da época” (BUENO, 2009, p.230).

Em 1813, o jornal *O Patriota* já publicava artigos relacionados à ciência, sendo seguido, ao longo do século XIX, por outras publicações como o *Nichtheroy*, em 1836, e *O Guanabara*, em 1850. Por sua vez, em 1857, houve mudança no perfil de *O Guanabara*, revista mensal artística, científica e literária, visto que deu lugar à *Revista Brasileira - Jornal de Sciencias, Letras e Artes*. Levantamento feito por Luiza Massarani mostrou que 20% das matérias publicadas pela *Revista Brasileira - Jornal de Sciencias, Letras e Artes* – como foi renomeada a publicação – eram de divulgação científica.

A primeira publicação do gênero científico, no estado de São Paulo, foi a *Revista Filomática*, em 1883, da sociedade de mesmo nome.

A *Revista do Observatório*, em 1886, foi fundada pelo Observatório do Rio de Janeiro (hoje Observatório Nacional), com o objetivo de divulgar descobertas no campo da astronomia, meteorologia e física. Diferente das primeiras revistas, que publicavam também artigos de artes e letras, esta era de conteúdo restrito às ciências. Essa revista merece destaque pelo fato que a linguagem utilizada em suas matérias já era adequada para divulgar a ciência. Os editores da *Revista do Observatório* adiantaram, ao apresentá-la ao público:

Pretendemos pois dar a essa revista o cunho de uma publicação de vulgarização, porém de vulgarização de conhecimentos exatos, apresentados debaixo de uma forma que os torne acessíveis para todos. Acreditamos que, redigida nesse pensamento, contribuirá a nova revista para promover entre nós o gosto pelo estudo e da observação. Na Europa e nos Estados Unidos, não são poucas as publicações criadas para o mesmo fim e é inegável a influência benéfica que tiveram para o desenvolvimento e vulgarização da mais atrativa das ciências (...) (BUENO,2009, p.230).

No início do século XX, já contávamos com publicações especializadas de prestígio, como os periódicos voltados para a difusão da pesquisa agropecuária, sementes férteis do jornalismo agrícola nacional, como *O Fazendeiro* (1901) e a importante revista *Chácaras e Quintais* (1909).

Em 1916, foi criada a Sociedade Brasileira de Ciências e, mais especificamente, a atuação de um grupo de acadêmicos que se dedicaram à divulgação científica. Em sua dissertação, Massarani salienta a influência de Manoel Amoroso Costa, matemático;

Miguel Ozório de Almeida, das ciências biológicas; Henrique Morize, astrônomo e físico; e do antropólogo Edgard Roquette-Pinto.

José Reis, reconhecido precursor do jornalismo científico no Brasil, em 1929, começou sua trajetória na divulgação científica. Recém-formado médico pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1929, José Reis ingressou no Instituto Biológico de São Paulo, que o contratou como bacteriologista. E foi durante os primeiros anos no Instituto, onde dava assessoria para produtores rurais, que escreveu seus primeiros artigos de divulgação, como ele mesmo conta:

Levado à divulgação como decorrência de nossa atividade no Instituto Biológico de São Paulo, muito cedo nos convencemos (...) de que o trabalho da ciência só se completa quando atinge, além do especializado e cada vez mais restrito círculo de especialistas na matéria, o grande público, a quem tanto interessam as aplicações da ciência e que, em última instância, é o grande financiador da pesquisa (REIS, 1974, p. 659).

Já na década 30, o divulgador encontrou nos meios impressos de comunicação uma maneira de atingir o produtor rural em maior escala. Publicou artigos nas revistas *Chácaras e Quintais* e *O Biológico*, esta última publicação mensal do Instituto que também circulava no meio rural. José Reis desenvolveu uma linguagem clara o suficiente para transmitir informações científicas ao homem do campo e interessante a ponto de “despertar o interesse inclusive daqueles que nada tinham a ver com criação de galinhas”.

Em 1931, foi publicado o primeiro livro no Brasil que tratava da relevância da divulgação científica, intitulado *A Vulgarização do Saber*, de autoria do escritor Miguel Ozório de Almeida (MASSARANI, 1998).

Em 1948, José Reis transportou para a *Folha da Manhã* (hoje *Folha de São Paulo*) a linguagem desenvolvida por ele e aperfeiçoou nos últimos cinquenta anos. Centenas de artigos de divulgação das mais variadas áreas da ciência foram publicados na seção “No mundo da ciência”, que era veiculada em diferentes seções do jornal, sempre aos domingos (FROTA-PESSOA, 1988, p.529).

José Reis, Wilson Teixeira Beraldo, Maurício Rocha e Silva, em 1948, reunidos no auditório da Associação Paulista de Medicina, decidiu fundar uma Sociedade para o Progresso da Ciência, nos moldes das que já existiam em outros países. Era um momento da história da humanidade marcado pelo fim da segunda guerra mundial, e por todo o planeta as nações tomavam consciência da necessidade imprescindível de incentivar a ciência para promover o desenvolvimento social e econômico.

Em 1972 foi ministrado o primeiro curso de jornalismo científico no Brasil por Calvo Hernando, na Universidade de São Paulo (USP). Segundo Abramczyk, profissionais que fizeram o curso disseminaram o que aprenderam por todos os cantos do país, com a organização de outros cursos.

Um pequeno grupo de jornalistas preocupados em divulgar a ciência e a tecnologia e democratizar o conhecimento científico e tecnológico no Brasil, em 1977, reuniu-se para criar a Associação Brasileira de Jornalismo Científico cujo primeiro presidente foi o cientista José Reis.

Em 1979 foi instituído pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) o Prêmio José Reis de Divulgação Científica. O prêmio é destinado vários jornalistas que se destacaram na cobertura de ciência e tecnologia. Além da modalidade jornalismo científico há a modalidade divulgação científica, dentro da qual são premiados cientistas, empresas e instituições que divulgam ciência.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 1982 e 1983, promoveu o “Curso de Tutoria a Distância para especialização em jornalismo científico”.

A partir de 1990, matérias de ciência e tecnologia haviam ganhado espaço e frequência nas publicações latino-americanas, inclusive no Brasil, onde os principais jornais já tinham editorias fixas e circulavam as revistas *Ciência Hoje* e *Superinteressante*.

A partir da cronologia do jornalismo científico brasileiro, conclui-se que no Brasil, como no em todo mundo, o desenvolvimento que foi alcançado nas áreas da ciência e tecnologia ocorrido nas últimas décadas melhorou a qualidade de vida das pessoas e aumentou o interesse da sociedade em se comunicar com diferentes grupos sociais, em particular, com a comunidade acadêmica que ganhou visibilidade pública.

É evidente, o aumento no número de produtos e dos meios de comunicação que se dedicam a veicularem matérias na área de ciência, tecnologia e inovação. Em consequência, as habilidades do jornalismo científico passaram a ser mais exigidas nas empresas de comunicação e também se expandiu no meio acadêmico - com a criação de cursos de capacitação em todos os níveis, Laboratórios e produção de monografias, dissertações e teses que geraram matérias que foram publicadas Jornais, revistas e divulgadas em canais de TV e matérias em programas da TV aberta.

2.4. *Comunidade acadêmica e o jornalismo científico*

A comunidade acadêmica tem sido de significativa importância em dois aspectos fundamentais para o desenvolvimento do jornalismo científico. Em primeiro lugar, tem despertado os discentes para os benefícios educacional e socioeconômico da cobertura de Ciência e Tecnologia (C&T). Em segundo lugar, a cada dia um número maior de pesquisadores tem incluído em seus projetos a prática do jornalismo científico através de formação de equipes que envolvem a participação de alunos e professores de graduação e pós-graduação.

Essa metodologia de trabalho tem contribuído para a evolução e o desenvolvimento do jornalismo científico e tem resultado em produtos como a Agência Universitária de Notícias, produzida pelos alunos do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em atividades desde 1967; e, a revista *ComCiência* que nasceu com a primeira turma do Curso de Especialização em Jornalismo Científico, como parte de um processo de formação dos estudantes. Isto é, a revista foi proposta como um laboratório para o exercício dos alunos do curso, para a fazerem a apresentação pública dos textos. A ideia surgiu da necessidade de se ter uma publicação eletrônica no Laboratório de Jornalismo - LabJor para o exercício da produção de textos dos alunos do curso, e da qualidade da produção. (VOGT; CERQUEIRA; KANASHIRO, 2008).

É fundamental também registrar a contribuição do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) que, há mais de três décadas, mantém uma linha de pesquisa em Jornalismo Científico e que, com certeza, se constitui no berço do maior número de trabalhos (mestrado e doutorado), em nível de pós-graduação, em nosso País (BUENO, 2009, p.230).

A ela se somam a própria ECA/ USP, onde foram gestadas as primeiras teses na área, as universidades federais de Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Santa Catarina, a Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e a Universidade de Taubaté (Unitau), para só citar algumas delas, que têm contribuído para a prática e a pesquisa em Jornalismo Científico brasileiro, não se esquecendo do trabalho recente, mas valioso, da Unicamp, com seu prestigiado curso de especialização e agora também o mestrado em Jornalismo Científico (BUENO, 2009, p.230).

O número de dissertações e teses tem crescido a passos largos, assim como têm se multiplicado, nos cursos de graduação em Jornalismo, os trabalhos de conclusão de curso (TCCs) que tratam desta temática brasileira (Ibidem).

Esses exemplos de sucesso se diferenciam nos seus formatos, nas características de cada público-alvo e, mesmo, na interação entre os projetos editoriais e o sistema de ensino-aprendizagem, tem-se buscado uma consistência entre a teoria e prática e criar condições favorável ao aumento dos recursos humanos e materiais para a divulgação científica.

2.5. *Jornalismo de revista*

O teórico em comunicação, Muniz Sodré avalia que a explosão da urbanização estimulou a instauração de um sistema moderno de comunicação.

O moderno fenômeno da cultura de massa só se tornou possível com o desenvolvimento do sistema de comunicação por mídia, ou seja, com o progresso e a multiplicação vertiginosa dos veículos de massa – o jornal, a revista, o filme, o disco, o rádio, a televisão (SODRÉ, 1988, p.13).

Segundo Paz e Castilho (2006),

As primeiras revistas que surgiram no Brasil tratavam sempre de variedades. Todas elas com informações gerais e entretenimento. Dessa forma, destinavam-se a um grupo muito grande, ou seja, de todas as idades, sexos, e perfis. Mas a procura por um público mais específico levou as revistas criarem títulos cada vez mais diversificados para, assim, atender aos mais diferentes tipos de público (PAZ E CASTILHO, 2006).

A busca de uma fidelidade de leitura com um público alvo despertou as editoras a passar por processo de mudanças na direção da segmentação da mídia, em particular do suporte impressa. De acordo com Scalzo a segmentação se divide em:

Os tipos de segmentação mais comuns são os por gênero (masculino e feminino), por idade (infantil, adulta, adolescente), geográfica (cidade ou região) e por tema (cinema, esportes, ciência...). Dentro dessas grandes correntes, é possível existir o que já nos referimos como segmentação da segmentação (SCALZO, 2003, apud PAZ E CASTILHO, 2006).

O jornalismo de revista torna-se distinto dos outros meios de comunicação por trazer informações que já foram noticiadas ou pelo jornal diário, ou pela televisão. Além

de contemplar um amplo conteúdo que varia entre: artigos científicos, ensaios, crônicas, reportagens, críticas literárias e cinematográficas, perfis, editoriais, entre outros.

O desafio da revista é a de trazer informações mais aprofundadas. O leitor de revista procura nas matérias por informações mais intensas e completas, que traga um diferencial do que já foi noticiado. Para Paz e Castilho (2006), “o texto de revista é diferente do texto do jornal, da Internet e de outros meios de comunicação já que nele contém, ou deve conter, informações exclusivas e bem apuradas”. Essa necessidade de diferenciar no discurso da revista é também preconizada por Scalzo.

“Diferente do leitor de jornal, o de revistas espera, além de receber a informação, recebê-la de forma prazerosa. Ele quer a informação correta, simples e clara”. E resume: “bom texto é o que deixa o leitor feliz, além de suprir suas necessidades de informação, cultura e entretenimento (SCALZO, apud PAZ E CASTILHO, 2006).

O jornalista Edward Pimenta explica:

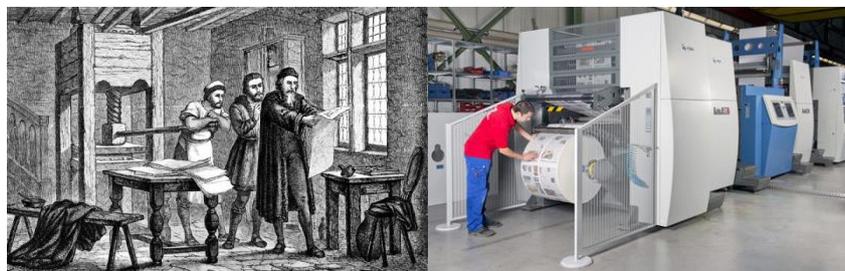
O texto de revista, como se aprende tecnicamente na faculdade, ao invés de você ter a velha fórmula da pirâmide invertida em que o grosso das informações está no lead e depois aquilo vai diminuindo, o texto de revista precisa ser um texto que você vá contando a história, dosando as informações pra que o sujeito siga na história até o fim. (PIMENTA, 2006, apud PAZ E CASTILHO, 2006).

No que concerne o suporte impresso revista, é indispensável considerar as características do público-alvo como condicionantes do texto dessa mídia. Segundo, Scalzo (2003) “O jornalista que trabalha em revista precisa imaginar-se como um prestador de serviços, alguém que dá informações corretas, e não um ideólogo ou um defensor de causas e bandeiras”. E, continua, “na maior parte do tempo, o jornalista de revista estará preocupado muito mais em prestar um serviço do que em apresentar um furo de reportagem” (SCALZO, 2003). O importante, segundo ela, é não confundir um texto de revista com texto opinativo.

2.6. *Revista como meio de comunicação*

Em meados de 1455, Johannes Gutenberg desenvolveu a impressão com tipos móveis, técnica usada sem grandes alterações até o século XX, para imprimir jornais, livros e revistas. Entretanto, o jornalismo e o design editorial têm passado por diversas modificações, como ilustra a figura 1, para se adaptar a evolução dos meios de comunicação, mas sempre preservando seus princípios básicos da divulgação de notícias e opiniões através de livros, jornais e revistas especializadas, sejam diários, semanários ou mensais.

Figura 1: Evolução do sistema de impressão



Fonte: osjornais.blogger.com.br

O homem contemporâneo tem à sua disposição tanta informação que não consegue acompanhar, devido ao processo de atualização que ocorre praticamente em tempo real. As informações se tornaram essenciais nos tempos modernos. A informação leva para a humanidade o mundo real, a sua história, as perspectivas futuras, as eventuais soluções dos problemas, as mudanças de comportamento do ser humano e dos animais, proporcionando possibilidades de reflexões sobre a própria sobrevivência do homem seja como indivíduo ou como sociedade. Para Santaella (2003):

A informação, no entanto, necessita de um canal ou veículo através do qual possa ser transmitida. A comunicação para ser efetivada precisa que exista entre o emissor e receptor o compartilhamento, pelo menos parcial, do código através do qual a informação se organize na forma de mensagem (SANTAELLA, 2003, apud ROSSI, 2008, p.18).

As mídias representam as vias de transmissão da mensagem que podem ser processadas, organizadas e utilizadas como instrumento de transformação social e canal de transmissão de informação para a sociedade em geral. Rossi preconiza:

A revista impressa, uma das mais antigas mídias, possui características que a diferenciam de outros meios, não só por seu aspecto físico, mas também, pela temporalidade e expansividade que impõem à notícia. No âmbito das mídias impressas, a revista semanal ou mensal ocupa um lugar definido entre o imediatismo do jornal e a durabilidade do livro (ROSSI, 2008, p.13).

Atualmente não existem no Brasil muitos produtos editoriais especializados em divulgação da ciência. Isso reduz a possibilidade de que um público maior venha ter acesso à informação sobre a ciência que fica restrita aos cientistas e seu público especializado. A divulgação científica através de um discurso jornalístico se transformou em instrumento fundamental para levar e, de alguma forma, socializar os conhecimentos da ciência e da tecnologia. Nessa linha editorial, como demonstra a figura 2, as três revistas mais populares em circulação são: Superinteressante - Editora Abril, a Scientifican American Brasil - Duetto Editorial, a Galileu - Editora Globo.

Figura 2: As revistas de divulgação científica mais populares no Brasil



Fonte: www.criacionismo.com.br

A análise discursiva da veiculação de matérias sobre ciência nessas revistas, consolidadas nacionalmente, mostra que a Superinteressante segue um modelo espanhol e tem um padrão gráfico regido pela matriz, ainda que, o conteúdo seja adaptado para a realidade brasileira. Dessa forma, o que se encontra é uma combinação de elementos gráficos e textuais que interferem diretamente na práxis e no conteúdo final da publicação, a Scientifican American Brasil segue a mesma regra e é baseada em um modelo norte-americano.

Segundo Lacombe (2012), a revista Galileu, aparentemente, tem um projeto editorial que não foi “adaptado” de outros modelos já consagrados, cuja fórmula não veio de outros países. Assim, a revista não tem um modelo predeterminado e permite variações em seu padrão gráfico. Em tese, essa ausência de rigidez, possibilita realizar

variadas análises imagéticas para estabelecer o melhor padrão gráfico em que a imagem desempenhe um papel importante na construção de sentidos e que estabeleça uma relação de interação com o discurso verbal. Por conseguinte, estabelece-se a possibilidade de se evoluir na criação desse padrão gráfico a cada edição.

Nos primórdios da imprensa os produtos editoriais tinham seus formatos limitados pela tecnologia disponibilizada pela tipografia. A evolução da tecnologia de reprodução permitiu o desenvolvimento de soluções de disposição de conteúdos que deixaram esses produtos com uma composição bem definida através do uso de grelhas reguladoras das proporções e das posições de todos os objetos gráficos.

Neste contexto, o design gráfico tornou-se parte indissociável da revista impressa cuja finalidade é organizar as matérias nas páginas através da composição de elementos gráficos e textuais, de tal que sorte que facilite o entendimento da mensagem pelo leitor.

Atualmente, devido à grande concorrência no mercado editorial, associado aos inúmeros lançamentos de novos títulos, o design gráfico de revistas e conteúdo editorial tem entre outros objetivos estabelecer um diferencial dentro do mesmo segmento. Com essa visão, é fundamental desenvolver uma identidade visual para a revista com elementos que reflita os valores do público receptor como forma de garantir a sobrevivência do produto editorial.

No caso da revista Superinteressante, a editoração gráfica, a identidade visual e a marca se confundem e estão presentes em cada reportagem. Características como: de alinhamento, proximidade, repetição e contrastes podem ser vistas na evolução das capas da revista, como mostra a figura 3.

Figura 3: Identidade visual das capas da revista Super Interessante

			
1987	1989	1992	1995
			
2001	2009	2012	2015

Fonte: montagemdefotos.net

2.6.1. Surgimento da Revista no Brasil

A Revista chegou ao Brasil no início do século XIX, junto com a corte portuguesa. Segundo Baptista e Abreu (2010) a primeira revista brasileira chamada “**As Variedades ou Ensaios de Literatura**” só veio a ser lançada no ano de 1812, em Salvador, e imitava os modelos das revistas estrangeiras. A Revista trouxe à tona uma nova caracterização de publicação, delimitando temáticas (especialização) e público específico (segmentação), mesmo que indiretamente, logo no editorial de estreia.

Discursos sobre os costumes e virtudes moraes, e sociaes, algumas novelas de escolhidos gostos, e moral; extractos de historia antiga, e moderna, nacional, ou estrangena, resumo de viagens; pedaços de Authores classicos Portuguezes quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto, e pureza na linguagem; algumas anedotas, e boas respostas. &c taes são os materiaes de que tencionamos servir-nos para a coordinação desta obra, que algumas vezes offerecerá artigos que tenham relação com os studos scientificos propriamente ditos, e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importancias das novas descobertas filosoficas (AS VARIEDADES, 2012, Apud BAPTISTA e ABREU, 2010).

Figura 5: Primeira revista impressa no Brasil



Fonte: blogandonoticias.com

No século XX, a revista evolui e passa a publicar fotos em suas edições, dando lugar a revistas ilustrativas. Em 1928, é lançada a revista O Cruzeiro pelo jornalista Assis Chateaubriand, com publicações mensais. Ela enfatizava grandes reportagens com apelo para as imagens, aproximando o fotógrafo do fato e utilizando recursos do fotojornalismo. Em suma, a revista trazia os principais fatos jornalísticos da semana, variedades e os avanços tecnológicos no mundo pós-primeira guerra, unido a

uma boa diagramação, edição e ilustração. Após poucos meses de seu lançamento, Cruzeiro já era um sucesso de vendas, atraindo um público variado de leitores.

A cultura de revistas ilustradas tem atualmente uma diversidade de títulos em circulação no mercado que estão distribuídas em várias categorias, gêneros e segmentos sociais. O mercado disponibiliza revistas: femininas, masculinas, de esportes, de notícias, de moda, de comportamento, de divulgação científica e outras temáticas. Essa variedade faz da revista um elemento de desafio que exige um design editorial criativo nas fases de planejamento, diagramação e ilustração, de tal sorte que permita uma comunicação inteligente e propositada dos significados que se deseja transmitir ao público-alvo.

O projeto gráfico é um guia que indicar aos diagramadores como serão dispostos todos os elementos que compõem o discurso nas páginas da publicação de tal sorte que facilite o entendimento da mensagem. O projeto gráfico da revista impressa é para Scalzo:

É o universo de valores e de interesses dos leitores que vai definir sua tipografia, o corpo do texto, a entrelinha, a largura das colunas, as cores, o tipo de imagem e a forma como tudo isso será disposto na página. Por isso, o projeto gráfico tem que estar inserido num projeto editorial mais amplo (SCALZO, 2004, p.67).

Segundo Ribeiro (1998),

O planejamento é basicamente a arte de integrar texto, ilustração, cor e espaço tornando a mensagem mais legível e agradável. Em revista, o visual possui grande importância, pois é um recurso estratégico para aproximar a publicação ao seu público bem delimitado e, por isso, sua apresentação gráfica exige criatividade (RIBEIRO, 1998, apud RODRIGUES, 2011).

A disposição de todos esses elementos se dá por meio da diagramação. Os elementos são utilizados para atender necessidades editoriais conforme a explicação de Okida:

As imagens, o tamanho das fontes tipográficas, a posição dos títulos, retículas, boxes, fios, enfim, todos os elementos visuais devem ser perfeitamente pensados e posicionados com o objetivo de atender a uma necessidade editorial (OKIDA, 2002).

Na diagramação, são considerados: a organização da página por múltiplas medidas (dos títulos, do texto, das fotografias, infográficos) harmônicas entre si; o

aproveitamento do texto pelo critério de importância da notícia; o equilíbrio de forma e conteúdo pela valorização estética; a dinamização visual conjugando caracteres, ilustrações, destaques e brancos. O conceito de diagramação em uma revista ou jornal impresso pode ser entendido como:

Desenhar previamente a disposição de todos os elementos que integram cada página do jornal ou revista. É ordenar, conforme uma orientação predeterminada, como irão ficar, depois de montados e impressos, os títulos, as fotografias, os anúncios, os desenhos e tudo mais a ser apresentado e outras especificações complementares (ERBOLATO,1985, apud SILVA, 1985).

Hernandes (2006) explica,

A organização espacial definida na diagramação expõe regras que mostram como as publicações valorizam e diferenciam suas unidades textuais e como isso pode dirigir a percepção dos leitores para que realizem um reconhecimento da importância do que está publicado. Esta estratégia é utilizada para que os leitores sejam atraídos pelo texto por meio da criação de iscas para o olhar, a instauração de valores de forma instantânea, a construção de uma publicação atraente, bonita, completa e por fim a criação de um sentido de identidade ao material (HERNANDES, 2006, apud RODRIGUES, 2011).

O uso de grelhas estruturada edição gráfica através de grelhas estruturadas permite “organizar uma grande quantidade de informação em curto espaço de tempo, devido ao fato de que muitas considerações de design já estão resolvidas na construção do grid” (SAMARA, 2010, p.202, apud RODRIGUES, 2011).

As partes básicas de uma grade estrutural (grid) são seis, como mostram as figuras 6 e 7. A classificação é definida por Samara (2007) e, conforme a breve descrição de cada uma delas, pode-se entender seu uso em um projeto gráfico.

- a) **Margens:** Espaços entre a borda da página física e o conteúdo da página. Suas proporções ajudam a estabelecer a tensão geral dentro da composição. Algumas de suas funções são: orientar o foco, repousar a visão ou funcionar como espaço para informações adicionais.
- b) **Guias horizontais (flowlines):** alinhamentos para quebrar o espaço em faixas horizontais. Colaboram para orientar os olhos no formato e sua utilização pode criar pontos de partida ou pausas para o texto e imagem.

- c) **Zonas espaciais:** são grupos de módulos e juntos formam campos distintos. Cada um deles pode ter uma função específica ao apresentar uma informação. Um campo horizontal pode ser reservado para imagens e o abaixo dele para colunas de texto.
- d) **Marcadores:** indicam a localização para os textos secundários como cabeçalhos, nomes de seções, fólhos, ou qualquer outro elemento que ocupe este espaço.
- e) **Módulos:** unidades individuais de espaço que são separadas por intervalos regulares. Suas repetições no formato das páginas criam as colunas e faixas horizontais.
- f) **Colunas:** alinhamentos verticais que criam divisões horizontais na página. A quantidade de colunas no grid é determinada e pode ter larguras diferentes. Depende da intenção do projeto gráfico.

Figura 6: Elementos de um grid

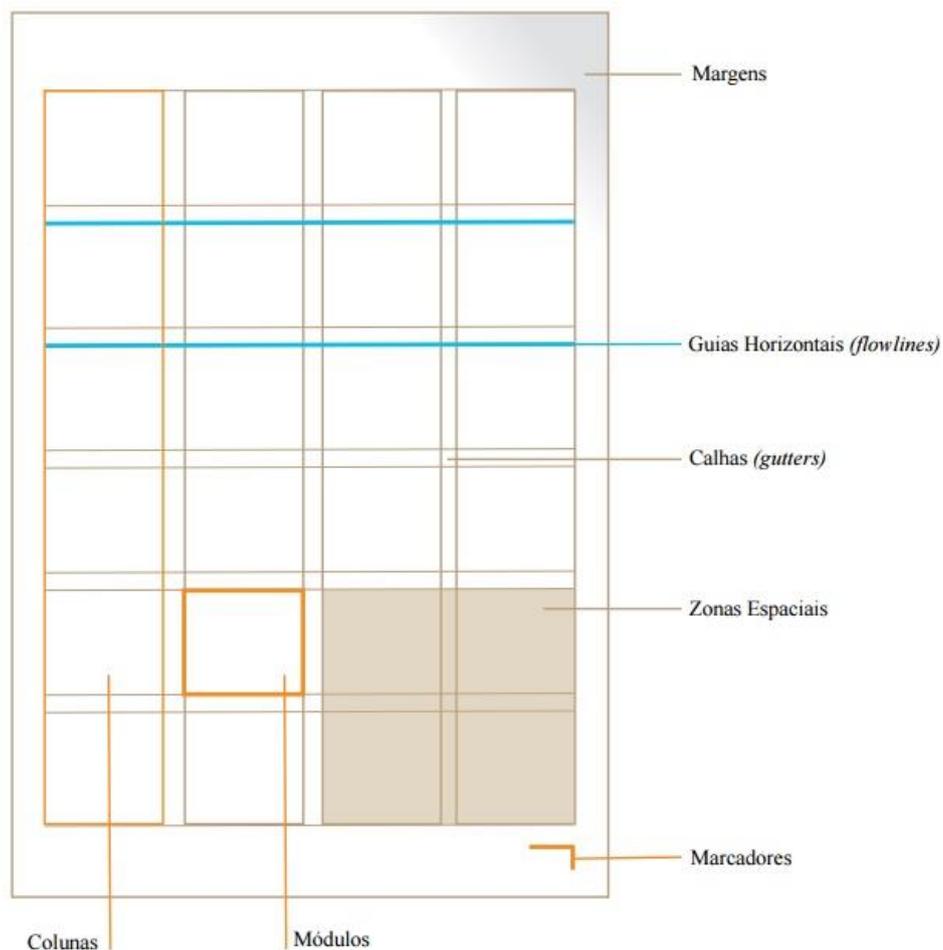
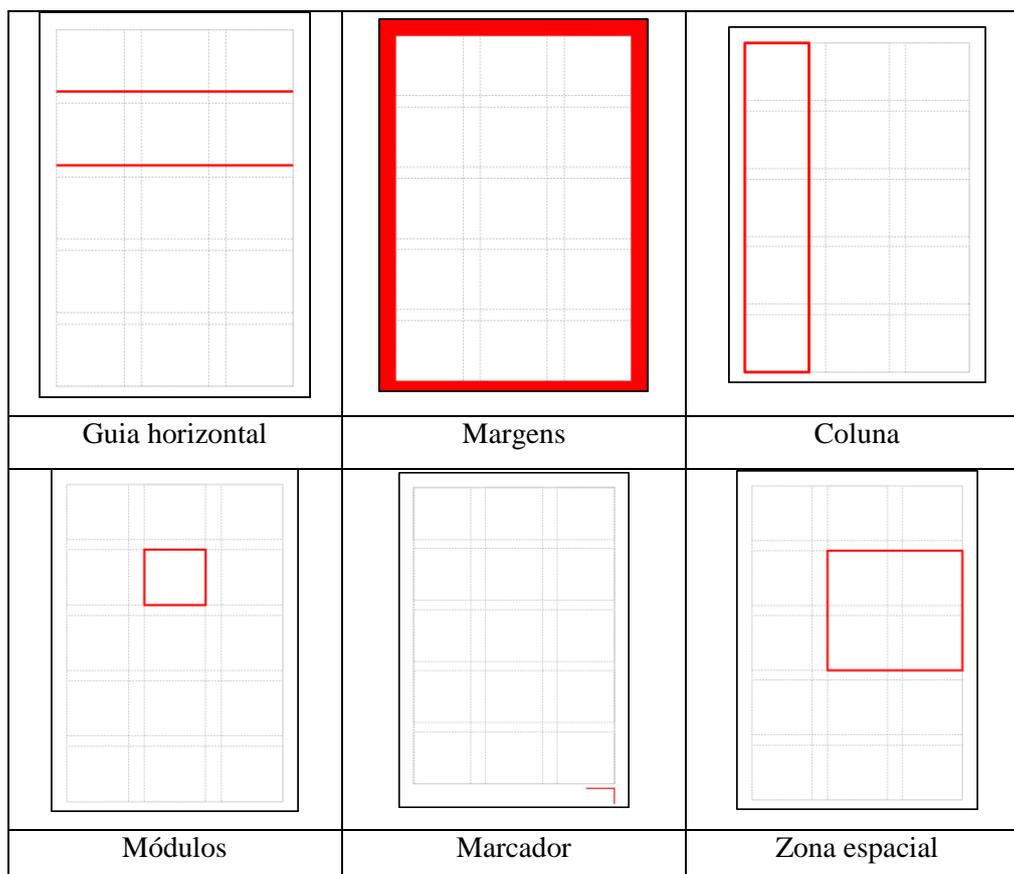


Figura 7: Detalhamento dos elementos de um grid



Fonte: www.athenna.com

Como sugere Abreu (2009, p. 34, apud CALZA, 2015),

[...] cada revista possui suas características próprias, que são o resultado da linha editorial adotada para cada publicação em função de um determinado assunto e de seu público de interesse. Também fazem parte desse contexto a definição dos aspectos formais, tais como o formato, tipo de papel, número de páginas, tratamento visual gráfico e a abordagem estética que os conteúdos terão em suas páginas. Ou seja, a revista é o resultado dessa mistura de linguagens que se interlaçam, como textos, imagens, tipografia, cores, texturas, alinhamento, diagramação, contraste e ordenação (ABREU, 2009, p. 34, grifos do autor, apud CALZA, 2015).

Estabelecido e adotado de modo contínuo e sistemático pelas publicações, o projeto gráfico facilita, então, a identificação da publicação pelo público leitor, junto a determinado segmento, mesmo que os seus conteúdos sejam renovados a cada edição e regulados pela periodicidade.

2.6.2. Contrato de leitura

Os materiais comunicativos impressos como os jornais, as revistas, ou os noticiários de televisão ou de rádio são produzidos para um público-alvo. É sempre pretensão desses meios de comunicação estabelecer vínculos ou “contrato” com os eventuais receptores da informação, do ponto de vista textual ou do produto, através de um discurso que cativa o receptor da produção midiática. As noções são a de contrato e de promessa. A ideia de contrato é desenvolvida por Eliseo Véron (2004, apud Miranda, 2008) e por Patrick Charaudeau (2006, apud Miranda, 2008): o primeiro discute as implicações do que ele denomina de contrato de leitura para o estudo de materiais comunicativos impressos; o segundo pensa um contrato de comunicação, que diz respeito tanto às interações face a face quanto às tecnicamente mediadas.

Os preceitos de Véron (2004) representam uma contribuição para os estudos de mídia impressa, preconizando que a relação entre mídia e leitores ocorre através do que ele denominou de contrato de leitura. Segundo Verón, esse contrato é o dispositivo enunciado a imprensa escrita o qual é composto de três dimensões:

- a) Dinâmica dos leitores: o suporte de imprensa deve propor um contrato que articule com os interesses, com a dinâmica de seus leitores. A intenção é, por meio do discurso, criar ou estabelecer uma ligação com estes leitores.
- b) Evolução sócio-cultural: o contrato deve evoluir para acompanhar a evolução sócio-cultural de seus leitores. A fim de manter uma ligação, o contrato de leitura deve considerar as possíveis mudanças que possam ocorrer no perfil deste público e que possam levar a modificações no próprio contrato.
- c) Concorrência entre os suportes: o suporte deve modificar o contrato, se a concorrência assim o exigir. Além da relação com os leitores, a relação que um suporte estabelece com outros suportes traz implicações para o contrato de leitura que este propõe (VERÓN, 2004, apud, MIRANDA, 2008).

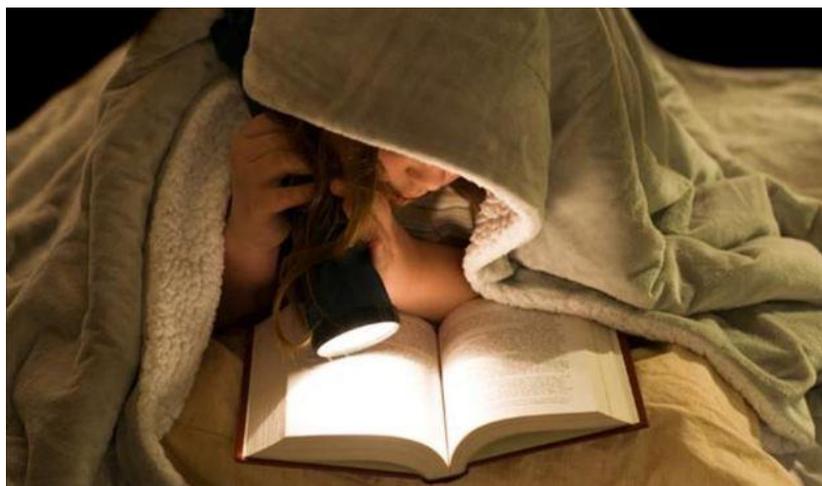
Nos materiais impressos, a diagramação é um elemento de planejamento que deve ser usado de maneira estratégica para se estabelecer um vínculo com o receptor, pois em geral, eles são estabelecidos a partir de elementos visuais, que Eliseu Verón classificou como:

- a) Série informacional linguística, ou a fala em transcrição gráfica na linguagem escrita;
- b) Série informacional paralinguística: cumpre o papel semelhante ao desempenhado pelas funções sonoras, na comunicação interpessoal. Por exemplo, as aspas, os títulos;

c) Séries visuais não-linguísticas, que são aquelas constituídas pelas fotografias, desenhos, cor, entre outros elementos.

A figura 8 representa a relação de fidelidade ente a mídia e o leitor, o que configura, segundo Véron (2004), o contrato de leitura.

Figura 8: Fidelidade do leitor



Fonte: donizetealves10.blogspot.com

3. Estrutura da revista impressa

A revista impressa segue um projeto gráfico básico, porém com certa flexibilidade. Elementos gráficos são criados para cada matéria, personalizando-a. No projeto de uma revista impressa, as preocupações do design geralmente giram em torno de definições funcionais e formais como: a diagramação, o formato, a identidade visual e seus elementos, as cores institucionais, o projeto tipográfico, o uso de imagens, o ritmo de publicações e sua materialidade como: o uso de papéis, vernizes, cortes e encartes. A influência do design pode ser também emocional, interferindo na interpretação da mensagem. Por exemplo, na seleção do corte de uma imagem ou quando tem preferência por cor. Há um discurso visual além do verbal.

As revistas têm majoritariamente a seguinte estrutura: no início, a capa, a contra capa geralmente na página inteira. Logo após, o índice, seguido de um editorial e todo resto do conteúdo. Para King (2001, apud. Rossi, 2008) após alguns anos de experimentações na edição de revistas, as editoras voltaram a utilizar as linhas gerais básicas dessa publicação: os quatro Fs - Formato, Fórmula, Forma e Função.

Formato - está relacionado com as dimensões de cada edição, definindo o seu panorama geral. Isso inclui as características da capa, o tamanho da revista, o material utilizado e as respectivas páginas.

Atualmente, a maioria das revistas opta pela padronização, usando o formato entre 28 cm a 30 cm de altura, e entre 20,5cm a 23 cm de largura. A diferença, em geral, está no peso ou gramatura do papel, que varia entre 50 a 350 gramas. A qualidade do papel permite maior flexibilidade no uso de imagens coloridas, que têm a possibilidade de serem sangradas⁴. Na revista, cada peça é composta apenas por um caderno, que pode ter lombada grampeada ou colada e quadrada. Pode ser impresso em máquinas rotativas e planas, permitindo que sua produção aconteça em gráficas de médio e grande porte. (KUNTZEL, 2007).

Fórmula – aproxima o conteúdo editorial ao design gráfico.

Caracteriza-se pela evolução das páginas e seu ritmo, e como as seções estão previstas e organizadas, encadeamento dos estilos das imagens e hierarquização e definição dos elementos editoriais. Basicamente as revistas são divididas em capas (capa, 2ª e 3ª capa e contracapa) e miolo composto por índice, editorial⁵, anúncios e editoriais diversas: cartas de leitor, notas com informações curtas, colunas assinadas ou não, matérias principais, matérias de capa e matérias secundárias. Entre os estilos da imagem pode priorizar as ilustrações, as fotografias ou os gráficos, sendo esses colocados em molduras, soltos por entre os textos ou sangrado nas páginas. Os elementos editoriais de uma revista são compostos basicamente por título⁶, subtítulo, lide⁷, olho⁸, legenda⁹, marcadores¹⁰ e texto (ROSSI, 2008).

Forma - A configuração da página é determinada por um grid que representa a divisão matemática do espaço da página em um determinado número de colunas verticais e fileiras horizontais. Seu objetivo é guiar a organização dos elementos gráficos da página – fotos, textos e ilustrações. A concepção do grid confere às páginas um sentido de continuidade e equilíbrio que torna os layouts lógicos, organizados, legíveis e visualmente atraentes.

Função - basicamente o que a revista pretende alcançar e qual a mensagem que quer passar. Para King (2001, apud, Rossi, 2008) a Função é o conceito mais importante e

⁴ Chama-se “sangramento” a arte final que ultrapassa em tamanho a área do papel sobre o qual é impressa, efeito produzido pelo refile do papel depois da impressão. (KUNTZEL, 2007).

⁵ Artigo opinativo, escrito de maneira e tom impessoal, geralmente publicado com destaque e sem assinatura, referente a assuntos e acontecimentos de maior relevância. (ROSSO, 2008).

⁶ Título é o anúncio da notícia, concentrado no fato que provavelmente mais despertará a atenção. (GARCIA, 1992).

⁷ Abertura do texto de uma matéria, onde se apresentam, resumidamente e de forma direta o assunto principal, o fato essencial e o clímax da história. (ROSSO, 2008).

⁸ Olhos são títulos auxiliares ou pequenas frases postas no meio do texto. Servem para tornar mais leve o aspecto da página. (GARCIA, 1992).

⁹ Designação de texto curto que acompanha uma fotografia ou ilustração, colocado abaixo da imagem, de caráter explicativo, informativo, interpretativo ou até crítico. (ROSSO, 2008).

¹⁰ Textos secundários ou constantes, como cabeçalhos, nomes de seções, fólhos ou qualquer outro elemento que ocupe a mesma posição em qualquer página. (SAMARA, 2007)

que deve guiar o restante das decisões. Para isso, deve-se estar atualizado com informações acerca do mercado e principalmente sobre seus leitores.

Esta breve revisão teórica sobre como alcançar a recepção de um material impresso se fez necessária para o entendimento de como se dá as relações entre o produto e o receptor. Neste contexto, o estudo serviu para problematizar a relação entre impressos e leitores empíricos afetados durante as trocas comunicativas e como os métodos para otimizar a difusão de conteúdos podem ser utilizados para se garantir a periodicidade do produto.

4. Componentes de uma revista

4.1. *Gêneros textuais na mídia impressa*

O ato de enunciar é o elo entre o sistema linguístico e o mundo real, as pessoas e a sociedade. O enunciado é definido como unidades concretas e únicas, produzidas em determinada esfera da atividade do homem. Nesse processo, os gêneros discursivos, pensados por Bakhtin (2010), tornam-se a condição essencial para explicitar condições de produção e modos de aplicação do discurso. Discurso é definido como um conjunto estrutural e dialógico, permeado de concepções morais, políticas e ideológicas. Os estudos de Bakhtin (2010) sobre os gêneros do discurso, especialmente nos textos publicados na coletânea **Estética da criação verbal**, têm sido referência para as reflexões acerca das relações entre o estilo de enunciados, a situação de enunciação e a esfera de atividade em que se produzem e circulam esses enunciados.

Segundo Marcuschi (2008) existem diferenças entre os diversos gêneros textuais. O autor estabeleceu conceitos e explicitou as noções de gêneros, tipologias textuais e domínios discursivos, direcionados a profissionais que atuam na esfera da linguística e de outras áreas, assim como, ao público em geral, que tem dificuldades para categorizar as diversas variedade de textos existentes em situações comunicativas.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete,*

reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo, por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI 2008, p. 156, itálico no original).

Na imprensa escrita se utiliza de uma diversidade de gêneros textuais, por exemplo: charge, anúncio, entrevista, crônica, editorial, artigo, reportagens. Nesse contexto, os gêneros textuais se apresentam em diferentes formatos nos meios de comunicação. Assim, é evidente que os gêneros têm função, propósitos, ações e conteúdos como veículos comunicativos quando utilizados na sociedade para alcançar objetivos específicos.

Entre as muitas atividades humanas, o uso de gêneros textuais na esfera do jornalismo é um espaço privilegiado para se lidar com a língua no cotidiano. Pois tudo que se faz ou se diz dentro dos preceitos da linguística se enquadra de certa forma em algum gênero.

A partir destas reflexões sobre os gêneros do discurso, busca-se entender os conceitos e definições de determinados gêneros textuais os quais são basilares das atividades enunciativas que ocorrem na esfera jornalística: notícia, reportagem, entrevista, perfil, artigo de opinião.

4.1.1. Gênero textual Editorial

Os meios de comunicações realizam diversas ações para conquistar a preferência de seus leitores, e o que ocorre na imprensa escrita. Com estas ações a empresa espera adquirir a confiança do receptor demonstrando a seriedade, o profissionalismo e sua imparcialidade no ato de informar e opinar sobre temas relevantes para a sociedade. É através do gênero textual editorial que a revista faz a análise e discussões de problemas sociais controversos com propósito de adquirir credibilidade perante seus leitores.

Melo (2003, apud, Lima e Santos, 2011) propõe uma classificação que é comum na imprensa brasileira em que também prevalecem duas categorias: o jornalismo informativo em que se agrupam os gêneros do discurso como a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista; e o jornalismo opinativo, que abarca os gêneros: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

No que se refere ao gênero editorial, podemos dizer que seu conteúdo está relacionado aos principais assuntos do dia que estão vinculados aos assuntos sócio histórico do momento, seja a nível local, regional, nacional e mundial. Os temas discutidos no editorial jornalístico abrangem novos acontecimentos no setor político, econômico, social, científico e também cotidiano. O editorial tem a função de informar de modo que proporcione uma reflexão crítica sobre o assunto em pauta e utiliza argumentos para convencer o leitor a aderir e compartilhar com o ponto de vista da empresa jornalística.

A seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) para expressar a sua opinião. É através da seleção que se aplica na prática a linha editorial. A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos. (MELO, 2003, apud, LIMA e SANTOS, 2011).

Os meios de comunicações fazem uso do gênero textual editorial para discutir, sob o ponto de vista do meio de comunicação ou de seus editores, um fato atual de relevância. O assunto abordado pode apresentar caráter político-social, cultural ou econômico e tem como finalidade manifestar sua posição política diante dos acontecimentos repercussão perante o público que afeta a sociedade em geral, assim como, manter o controle da divulgação dos fatos de acordo com seus interesses político de momento.

4.1.2. Gênero textual Reportagem

De acordo com Marcuschi (2002): "os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam". Para Lara (2016g), essa afirmativa dá "origem a discursos mais específicos, como o discurso jornalístico. Bastanos, portanto, compreender a notícia, a reportagem e a entrevista como gêneros pertencentes ao domínio do discurso jornalístico". Nesse sentido, a reportagem tem a função comunicativa de informar a respeito de um tema e seus eventuais desdobramentos sem levar em consideração a proximidade dos acontecimentos e permite a abordagem de temas mais complexo.

Assim, a reportagem é uma matéria jornalística que pela natureza para ser construída necessita de: tempo de investigação, levantamento de dados, entrevistas com

testemunhas e/ou especialistas. Por isso, é mais adequada às revistas e aos cadernos específicos de jornais que destinam maiores espaços em suas edições de finais de semana.

A reportagem, conforme Faria e Zanchetta Jr. (2007, apud, Silva, 2012), apesar de procurar manter um caráter objetivo, apresenta um retrato do assunto a partir de um ângulo pessoal, com “contorno narrativo bem marcado” porque, ao contrário do que acontece na notícia, a reportagem é geralmente assinada pelo repórter, demonstrando que o que está sendo mostrado é feito a partir de um olhar específico.

4.1.3. Gênero textual Notícia

É fato que o gênero textual notícia é o gênero básico do jornalismo, pois apresenta os elementos essenciais da narração, como personagens, enredo, tempo e espaço. É um termo conhecido do público não especializado, apesar de não conhecer seu conceito linguístico. Alves Filho (2011) defende que a “notícia é um dos gêneros aos quais as pessoas estão mais intensamente expostas em sua vida cotidiana porque ela é difundida em inúmeros lugares e suportes”. De fato, o gênero textual notícia está presente com muita frequência nos mais diversos suportes de comunicação, seja impresso, no rádio, na televisão ou na internet.

É consensual entre os jornalistas e estudiosos da área de comunicação, o gênero notícia tem como função básica tornar público acontecimentos (Kotscho, 1989; Lage, 1985; Sodré; Ferrari, 1986, apud, Ferreira, 2016g). Mais, como preconiza Van Dijk (1988, apud, Alves Filho, 2011), “o fato precisa ser novo, recente e também relevante” (grifos do autor).

De acordo com Correia (2011, apud, Sousa, 2013), que o termo notícia pode ser aplicado em um sentido lato e em um sentido stricto:

No sentido lato, notícia é tudo aquilo que um jornal publica. Já quando utilizamos o termo notícia no seu sentido stricto, estamos nos referindo ao gênero jornalístico notícia, ao gênero canônico que designa um texto com as seguintes características: informativo e centrado nos factos; caracterizado pela existência de um título, de subtítulos, de um parágrafo inicial chamado lead onde se procura responder a seis questões consideradas fundamentais (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?) [...]; estruturado por um método chamado «pirâmide invertida» que apresenta os fatos por uma ordem decrescente de importância e organizado em blocos, de tal modo que, idealmente, a subtração de qualquer um destes a partir do fim do texto não deverá perturbar a leitura do que restar (CORREIA, 2011).

Portanto, na esfera jornalística é interessante diferenciar os dois sentidos da notícia e apontar de forma mais precisa traços de acontecimentos que pode se enquadrar como matéria de jornal (*lato sensu*) e outros que caracterizaria a notícia como um gênero específico dentre o conjunto dos vários gêneros jornalísticos (*stricto sensu*).

Neste trabalho, o termo notícia será empregado no sentido *stricto*, ou seja, a um gênero textual jornalístico específico, diferente de reportagem, editorial, ou outros gêneros textuais presentes em produtos impressos como revista e jornal.

4.1.4. Gênero textual Artigo de Opinião

O gênero textual artigo de Opinião na esfera jornalística aparece geralmente, em um suporte impresso como jornais ou revistas. O Artigo, em geral, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores e faz uso da argumentação para analisar, avaliar e apontar solução para questões controversas. Neste gênero, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise e a posição do autor Rodrigues (2007, p. 174). O processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista.

Não obstante o autor do artigo seja um expert no tema em discussão, é recorrente que ele busque outras opiniões para fundamentar seu ponto de vista, além de buscar evidências dos fatos que venham validar sua opinião. Neste aspecto, o artigo opinativo tem inerente como vocação a argumentação e doutrinação com objetivo de gerar na opinião pública reações e argumentos para defender seus interesses.

A argumentação pode ter duas finalidades: o convencimento e/ou persuasão do leitor. Convencer é fazer com que o leitor aceite a tese, a ideia defendida como válida, verdadeira, defensável e merecedora de crédito. Persuadir, além de convencer, cobra do leitor uma mudança de postura, um agir, uma espécie de cooperação ou união (CASSETTARI, 2012).

As características do contexto de produção (enunciador, assunto, finalidade comunicativa) determinam a configuração do artigo de opinião. Normalmente, esse gênero situa-se na seção destinada à emissão de opiniões, e sua publicação tem certa periodicidade (semanal, mensal, quinzenal). O espaço físico que ele ocupa é limitado, normalmente de meia a uma página, dependendo do veículo de publicação.

4.1.5. Gênero textual Entrevista

O gênero textual entrevista é preconizado por Hoffnagel (2003) como:

Uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Assim, teríamos, por exemplo, entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego, etc (HOFFNAGEL, 2003, p. 180).

Hoffnagel (2003), ao citar Marcuschi (2000), aponta as diferenças entre os vários tipos de entrevistas:

Há eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas distinguem-se muito disso. É o caso da ‘tomada de depoimento’ na Justiça ou do inquérito policial. Ou então um ‘exame oral’ em que o professor pergunta e o aluno responde. Todos esses eventos distinguem-se em alguns pontos (em especial quanto aos objetivos e a natureza dos atos praticados) e assemelham-se em outros (HOFFNAGEL, 2003, p. 181).

Seguindo os preceitos de Marcuschi (2000), pode-se dizer que esse gênero possui itens gerais comuns a todos os subgêneros, a saber:

- 1) sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado; 2) o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; 3) já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas; 4) gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, sites da Internet (HOFFNAGEL, 2003, p.181).

Entretanto, os itens que diferenciam um subgênero de outro estão relacionados com o objetivo, a natureza, o público-alvo, a apresentação, o fechamento, a abertura, o tom de formalidade, entre outros.

4.1.6. Gênero textual Perfil

Existem indícios de que o perfil surgiu no jornalismo brasileiro há cerca de dois séculos, porém, desde 1950 revistas como O Cruzeiro, Realidade e Veja começaram a dar destaque ao gênero, influenciadas principalmente pelas norte-americanas. Os perfis são textos geralmente curtos que reconstituem um episódio e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo. Outras denominações e adaptações são encontradas como reportagem biográfica ou relato de vida. Tendo como centro textual trechos de uma história de vida que a ligam a um fato situado no presente.

Tendo em vista a frágil questão dos gêneros jornalísticos, pretendemos buscar o perfil como uma modalidade textual dentro do jornalismo. Sodré (1986), em “Técnica de Reportagem” aborda o perfil jornalístico, explicando que:

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil (SODRÉ, 1986, p.125).

Sodré deixa claro que o enfoque principal do perfil é o personagem a ser retratado pelo jornalista:

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1986, p.126).

Este personagem – a pessoa a receber tal enfoque - a ser retratado normalmente é uma figura importante, de alguma relevância social:

Nem sempre temos diante de nós personalidades tão surpreendentes. É o caso, por exemplo, de celebridades que se inscrevem em categorias: esportistas, cantores, milionários, princesas etc. A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhe deu fama – habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típico de duas classes ou profissões. (SODRÉ, 1986, p.134).

4.1.7. Gênero textual Expediente

O gênero Expediente é conceituado por Rabaça e Barbosa (2002) como:

Quadro de identificação que jornais e revistas, por exigência legal, publicam em todas as suas edições. Traz, normalmente, nome completo, endereço e telefone da empresa responsável, da gráfica onde é impresso, sucursais, preço de assinatura e venda avulsa, cidades onde mantêm correspondentes e agências de notícias contratadas, além dos nomes dos diretores, do editor-chefe e de profissionais importantes na publicação (RABAÇA; BARBOSA, 2002).

4.1.8. Gênero textual Sumário

Para conceituar o gênero Sumário Rabaça e Barbosa (2002) destacam que:

Relação topológica das partes de um texto, ou seja, transcrição dos títulos internos de uma obra, na ordem do seu aparecimento com a indicação do número de página inicial de cada parte. É comum a confusão entre Índice e Sumário; de acordo com as atuais normas técnicas de editoração, o sumário

vem no início do livro ou da publicação, ao passo que o índice aparece no final, geralmente em ordem alfabética (RABAÇA; BARBOSA, 2002).

O conhecimento dos conceitos destes gêneros textuais é indispensável na esfera jornalística, pois cada um tem suas próprias características que devem ser respeitadas na elaboração das matérias que irão compor o conteúdo de cada edição do produto.

Em alguma medida, a maior parte dos gêneros textuais descritos nesse relatório aparecem na revista Focussolar, que contém reportagens, artigo de opinião, perfil, entrevista, notas curtas, notícia, expediente, etc.

5. Contextualização e detalhamento do produto

5.1. O Centro de Energias Alternativas e Renováveis

O conceito de energia renovável está associado às fontes naturais cujas reservas se renovam ao longo do tempo por processos naturais a um ritmo igual ou superior à sua utilização. São consideradas fontes de energia renovável: energia hidráulica, energia solar - térmica e fotovoltaica, energia eólica, energia oceânica, energia geotérmica, biomassa.

A expectativa mundial é de que a energia renovável venha a substituir gradativamente a energia gerada a partir de combustível fóssil. Além de reduzir a emissão de gases poluentes, a fonte renovável, com sua característica modular, favorece a geração distribuída ou descentralizada.

A proposta de criação do Centro Energias Alternativas e Renováveis (CEAR) da Universidade Federal da Paraíba é uma resposta direta a tendência mundial crescente de desenvolvimento de fontes de energia alternativas e renováveis e para formação de profissionais de excelência com capacidade para atuar no mercado de energia.

O CEAR foi estruturado para ser um ponto de destino para pesquisadores e empresas interessados em avançar, desenvolver e usar tecnologias no contexto de energia renovável e de suas diversas aplicações relacionadas.

Ademais, tem a pretensão de vir a ser líder na formação de recursos humanos com a promoção da educação relacionada com a energia e o desenvolvimento de políticas públicas eficazes que conduzam a uma maior utilização e aplicação de tecnologias de energia renovável.

Compete à sociedade em geral, realizar ações junto aos seus representantes em todos os níveis, para criar condições adequadas na busca de um desenvolvimento que

priorize o ser humano no que concerne a qualidade de vida que tenha como vetor o equilíbrio dinâmico entre as dimensões ecológicas, sociais e econômicas em busca da sustentabilidade associada à geração de energia e seu impacto sobre o ambiente.

Nesta contextualização, para exercer essa missão na plenitude, entendemos ser necessário que os pesquisadores, assim como os do CEAR, compartilhem o resultado de suas pesquisas com a sociedade em geral, exercendo assim, o sua função de agente de inclusão social através da democratização do conhecimento e não somente entre a comunidade especializada.

5.2. FocusSolar

5.2.1. Projeto Editorial

O projeto editorial da Revista FocuSolar não apresenta propriamente um modelo rígido, mas segue uma fórmula é baseado em uma estrutura que visa o cumprimento da missão da revista. Assim, a revista não tem ainda um modelo predeterminado, em comparação com as outras, e permite variações em seu padrão gráfico. Em tese, essa ausência de rigidez, possibilita realizar variadas análises imagéticas para estabelecer o melhor padrão gráfico onde a imagem desempenhe um papel importante na construção de sentidos e que estabeleça uma relação de interação com o discurso verbal. Por conseguinte, se estabelece a possibilidade de se evoluir na criação desse padrão gráfico a cada edição.

5.2.2. Nome do produto

A maior parte da energia consumida no planeta vem de fontes de energia não renováveis tais como: carvão, petróleo, gás natural e urânio. As Fontes de energia renováveis representam uma alternativa para mitigar os efeitos negativos que as fontes ditas não renováveis têm sobre terra. Estas fontes incluem a biomassa, energia geotérmica, energia hidrelétrica, energia solar e energia eólica, hidrogênio. No entanto, as fontes de energias não renováveis e renováveis, com exceção do urânio e das fontes geotérmicas, têm dois aspectos em comum. Em primeiro lugar, o Sol como fonte primária de Energia para a terra e em segundo lugar, todas têm efeitos maior ou menor

sobre a sustentabilidade do planeta. O nome FOCUSOLAR está associado a essa fonte de energia primária que alcança a terra e é responsável pela existência da vida no planeta.

5.2.3. Objetivo

A Revista impressa FocuSolar se propõe a trazer hoje ao leitor discussões atuais que a área de conhecimento ligada à energia renovável e meio ambiente produziu e pretende produzir no futuro. A Revista tem a pretensão de ser um periódico com uma função social mediadora em torno do uso da energia renovável e suas implicações sociais, ambientais e econômicas, fornecendo subsídios para que a sociedade em geral tome conhecimento da evolução da ciência, da tecnologia e das inovações e suas consequências no cotidiano das pessoas, através da narrativa jornalística desses conteúdos.

5.2.4. Público alvo

A revista FocuSolar tem como foco principal atingir leitores dinâmicos de ambos os sexos, de todas as faixa etária e classes econômicas com interesse em publicações de caráter informativo e educativo na área de energia renovável e meio ambiente.

5.2.5. Política editorial

Em cada edição o leitor vai encontrar na Revista FocuSolar, tanto em forma de reportagens aprofundadas e minuciosas, que compõem o miolo da revista, como em notas curtas, as informações mais relevantes que digam respeito à ciência e à tecnologia na área de energia renovável e meio ambiente. Da energia solar à biomassa, dos novos aerogeradores às novas tecnologias de fotocélulas, do uso da energia geotérmica ao uso da energia dos oceanos, dos estudos sobre preservação da natureza aos meios de mitigação dos riscos das mudanças climáticas.

A Rervista FocuSolar tem como missão divulgar os avanços científico, tecnológico da energia renovável e seus benefícios ambientais, sociais, econômicos e como agente de mitigação dos riscos do uso indiscriminada dos combustíveis fósseis. Essas diretrizes irão nortear a revista em seu início e estarão presentes nas secções.

5.2.6. Linguagem

A revista fará uso da linguagem simples e direta e de fácil compreensão para expor o conteúdo científico de tal sorte que seja entendida por leitores que não estão familiarizados com o tema. No entanto, não abdicará do uso de linguagem mais técnica e de maior complexidade para dialogar com seu público-alvo, mesmo para pessoas que possuem pouca ou nenhuma familiaridade com o tema abordado.

Para garantir o entendimento de um público heterogêneo, o texto deverá conter explicações das palavras de maior complexidade, ou termos técnicos específicos, contribuindo para facilitar seu entendimento, assim como, para instigar o leitor ao aprofundamento do tema ou desperta-lo para mais empenho pela própria leitura. Além disso, a Revista fará uso de analogias que permita tornar conceitos abstratos em concretos, dando ao leitor uma base de comparação. Além da comunicação textual na esfera jornalística a Revista fará uso imagens e infográficos em suas matérias para alcançar seus propósitos comunicativos.

Para dar maior credibilidade da revista ao seu público, as afirmações de caráter científico que venham constar eventualmente na matéria deverão ter o respaldo de um comitê científico que irá compor o corpo editorial do periódico.

5.2.7. Seções

A Revista FocuSolar será redigida em português e cada edição terá um Editorial, cujo texto será de responsabilidade do Redator-Chefe, e 6 seções fixas: 1) matérias sobre energia renovável e meio ambiente; 2) Artigo de Opinião; 3) Entrevista; 4) O Repórter; 5) Leitor, 6) Curtas e outras seções flutuantes tais como: Perfil, Anúncios e Perguntas e Respostas.

- 1 - **Editorial** - Discute, sob o ponto de vista da Revista FocuSolar ou de seus editores, um fato atual de relevância nacional ou internacional na área de energia ou meio ambiente. O assunto abordado pode apresentar caráter político-social, cultural ou econômico e tem como finalidade manifestar a posição política diante dos acontecimentos de repercussão perante o público que afeta a sociedade em geral. (1 página)

- 2 - **Energia solar, energia eólica, biomassa e meio ambiente.** É o espaço destinado às notícias ou reportagens onde serão divulgados os acontecimentos, mais recentes e relevantes da ciência e da tecnologia na área da energia renovável e meio ambiente. (5 a 6 matérias com o número de páginas flutuando entre 1 e 5 páginas)
- 3 - **Artigo de opinião** - Publicação de artigo que discute um tema atual de ordem social, econômica, política na área de energia ou meio ambiente, relevante para os leitores onde se faz uso da argumentação para analisar, avaliar e apontar solução para questões controversas. (1 página)
- 4 - **Entrevista** - Espaço destinado às perguntas e respostas, envolvendo um repórter e uma personalidade da área de energia renovável ou meio ambiente. Aqui o entrevistado responde e fornece as informações sobre a temática da revista.(entre 2 e 3 páginas)
- 5 - **Eu, Repórter** - Secção destinada ao Leitor interessado em submeter à pauta da Revista uma matéria sobre energia renovável ou meio ambiente para análise e eventual publicação. (entre 1 e 3 páginas)
- 6 - **Curtas** - Texto curto composto apenas pelo lide para tratar de algum assunto de fácil compreensão e assimilação e que seja do interesse do leitor. Algo que já tenha sido noticiado ou que não possui detalhes relevantes para serem descritos. Aqui as informações serão sobre Economia e política energética; Eventos; o passado, presente e futuro da energia renovável e do meio ambiente e a sustentabilidade do planeta. (5 páginas)
- 7 - **Perfil** - Essa secção apresentará textos geralmente curtos que reconstituem episódios e circunstâncias marcantes da vida de uma personalidade ligada à área de energia renovável. (1)
- 8 - **Leitor** - Espaço para o receptor emitir juízo sobre as matérias publicadas na revista. (1 página)
- 9 - **Perguntas e Respostas** - Espaço destinado a ensinar o receptor a usar suas habilidades manuais para construir dispositivos experimentais para conversão da energia renovável em outras formas de energia. (entre 1 e 2 páginas)
- 10 - **Expediente** - Quadro de identificação da revista que traz nome completo, endereço e telefone dos responsáveis pela produção, da gráfica onde é impresso, cidades onde mantém correspondentes, além dos nomes dos diretores, do editor-chefe e de profissionais responsáveis na publicação. (1 página)

- 11 - **Sumário** - Relação topológica das partes de um texto, ou seja, transcrição dos títulos internos da revista, na ordem do seu aparecimento com a indicação do número de página inicial de cada parte. (1 página)
- 12 - **Anúncios publicitários** - o espaço da revista reservado para atender e acomodar anúncios. (3 paginas: 2ª capa, 3ª capa e 4ª capa)
- 13 - **Descrição** - A revista terá o formato 29,7 x 21 cm, fechada, sendo capa em papel couché de gramatura 230 g/m², plastificação com brilho, 4 x 4 cores. O miolo da será em papel couchê 115 g/m²; montagem - folhas coladas ou canoa (grampeadas).
- 14 - **Tiragem inicial** - 1000 exemplares
- 15 - **Distribuição** - A distribuição será gratuita para as Instituições de Ensino Superior via postal usando a estrutura da UFPB.

A definição do conteúdo foi determinada a partir de entrevistas e da expressão de sentimentos do público em geral que busca informações e conhecimentos e pensamentos sobre energia renovável e meio ambiente no Centro de Energias Alternativas e Renováveis da UFPB. O desafio da Revista é definir os temas que estarão em todas as edições e quais aparecerão esporadicamente para evitar que o mesmo assunto venha a ser repetido. É certo que os mesmos assuntos não devem ser repetidos antes de pelo menos um ano. No entanto, assuntos controversos podem vir a ser repetidos em período de tempo menor nas publicações, mas com o cuidado de fazer uma abordagem diferenciada para não passar para o leitor a impressão de falta de assuntos ou de renovação editorial.

5.3. Projeto gráfico

A revista está historicamente vinculada à cultura impressa, desde sua origem e ao longo de sua evolução. Em termos visual e estrutural, a revista é um produto situado entre os livros e os jornais. Atualmente, a revista tem em seu processo comunicativo bastante apelo visual, o que dificulta a sua identificação e a sua diferenciação junto ao seu segmento de atuação, diante dos inúmeros títulos em circulação no mercado, cujas estratégias e abordagens (editoriais e visuais) podem ser consideradas cada vez mais enfáticas e persuasivas. Além disso, tal empreendimento torna-se ainda mais complexo ao atentar-se para a visualidade e para a conformação gráfico-visual dos conteúdos das

publicações que circulam na esfera do jornalismo. Neste espaço de fluxo entre objetos e conteúdos reside a necessidade de elaborar uma identidade visual que seja configurada pelo projeto gráfico da revista. Do exposto, é pretensão que os elementos gráficos e as estratégias de composição do projeto gráfico da revista FocuSolar venham traduzir suas dimensões editorial, institucional e segmentária, possibilitando sua identificação e diferenciação junto ao seu público alvo.

O projeto gráfico da Revista FocuSolar, com o qual pretende-se estabelecer uma identidade visual é apresentado no ANEXO 2.

6. Processo de construção e perspectivas do produto

6.1. O processo de produção da revista

Esta etapa da elaboração do produto deu cumprimento ao objetivo específico do trabalho que prevê o fortalecimento dos vínculos entre graduação e pós-graduação, assim como permitiu que se realizasse pesquisa aplicada e produção textual, visando o fortalecimento de práticas do jornalismo científico na UFPB.

A produção da Revista foi um trabalho em equipe e da turma de alunos da disciplina REPORTAGEM E PESQUISA EM JORNALISMO, período 2014.2, sob a orientação da Professora Joana Belarmino de Sousa, responsável pela cadeira junto ao Departamento de Jornalismo do CCTA.

O processo se iniciou no último módulo da disciplina, quando os estudantes necessitavam exercitar as narrativas jornalísticas em seus diversos gêneros textuais. Assim, foi constituída uma espécie de redação jornalística, e foram atribuídas funções a cada um dos participantes. Conforme a afinidade de cada aluno considerando que o processo de construção de uma revista é uma atividade que exige recursos humanos que vão além da capacidade técnica, com a língua, ou com os novos instrumentos de trabalho, apesar de depender muito deles. Exige também conhecimento da temática da revista, noções de cidadania, além de percepções sobre a dinâmica da ciência e tecnologia. Assim foram escolhidos: editor, designer, repórteres, diagramador, revisores, fotógrafos, entres outros. A autora envolveu-se com todo o processo produtivo, inclusive com fechamento da edição e elaboração do espelho para envio a gráfica.

O processo de criação textual da 1ª edição da Revista FocuSolar começou com a análise e posterior distribuição entre as equipes de estudantes, das pautas preliminares selecionadas a partir da produção intelectual dos docentes do CEAR com temas que eventualmente pudessem ser de interesse coletivo para serem divulgados a sociedade em linguagem jornalística.

A sugestão do conjunto das pautas foi debatido, para aprovação ou descartes, em uma reunião com a turma para definição da temática de cada matéria, onde o ponto de partida foi um conjunto de artigos sobre o tema, publicados por docentes e pesquisadores do Cear. Após debate o planejamento das pautas foi aprovado e ficou assim definido, como mostra o quadro 2:

Quadro 2: Conteúdo da 1ª edição da Revista FocuSolar

MATÉRIAS	CRÉTIDOS	SEÇÃO
A natureza oferece alternativas à vida	Luciana Duarte	Editorial
Paulo José Vodianitskaia	Hérica de Carvalho Marcella Silva Moacyr Martins	Entrevista
Sistemas flutuantes, uma nova opção	Notas técnicas em www.FocuSolar.com.br com Vinícius Angelus	Curtas Tecnologia
Não foi por falta de aviso	Notas técnicas em www.FocuSolar.com.br com Vinícius Angelus	Curtas Meio Ambiente
O sol é fonte primária de energia renovável e não-renovável	Notas técnicas em www.FocuSolar.com.br com Vinícius Angelus	Curtas Curiosidade
É hora de consultar um especialista e não um vendedor	Notas técnicas em www.FocuSolar.com.br com Vinícius Angelus	Curtas Política Energética
Transformar fontes de energia - O desafio da tecnologia	Andréa Mesquita	Energia
O sol aquecendo a água e economizando seu dinheiro	Chrisley Wellen, Juliana Luz Lucélia Pereira Maria Alice	Energia / Solar
O calor que resfria	Amaury Barros Lylyanne Valeriano Mariah Regina Samuel Amaral	Energia / Solar

Transformação fotovoltaica	Mikaella Pedrosa Rennan Hideo Roberto Lucas Franca	Energia / Solar
O movimento que gira em torno de nós	Cristiano Sacramento João Diniz Vitor Feitosa	Energia / Eólica
CEAR, um projeto em construção	Andréa Mesquita	Perfil
Plantando energia	Beatriz Lauria Carmem Ferreira Danilo Monteiro	Meio Ambiente Biomassa
O efeito estufa não é o vilão	Andréa Mesquita	Meio Ambiente Mudanças Climáticas
Energia renovável e educação	Zaqueu Ernesto	Opinião

Encerrada a etapa de planejamento e distribuição de pautas por grupos de alunos, os estudantes partiram para o processo de apuração e coleta de dados. Nesta fase, os repórteres estabeleceram uma hierarquização das fontes para realização das entrevistas, partindo dos autores para depois buscar mais subsídios em fontes complementares que também pudessem contribuir com apuração cuidadosa dos dados. As pautas definidas inicialmente, não sofreram nenhuma modificação no decorrer do processo de apuração. No final da apuração, passou-se ao processo de redação das matérias. todas as reportagens foram editadas e submetidas para uma avaliação coletiva dos alunos e da professora responsável pela disciplina.

A 1ª edição da Revista FocuSolar foi enviada para impressão com 38 páginas, dividida em 7 (sete) seções: 1 - Editorial; 2 - Entrevista; 3 - Curtas; 4 - Matérias sobre energia renovável; 5 - Perfil; 6 - Matérias sobre meio ambiente e 7 - Artigo de Opinião. Os nomes das seções e quantitativos foram definidos em função das tecnologias existentes para aproveitamento das fontes de energia renovável e da relação estreita existente entre a geração de energia e o desenvolvimento sustentável.

Saliente-se que em todas as etapas do processo, os alunos participaram das atividades com muito entusiasmo, tendo inclusive realizado visita ao Cear, para um primeiro contato com o Centro, e para observação dos maquinários e dos projetos de pesquisas de responsabilidade do Centro. O processo de produção das matérias extrapolou o ambiente da sala de aula e todos se envolveram num grande grupo de

trabalho via whatsapp, o qual manteve-se em atividade durante todo o processo. Esse envolvimento nos permite recomendar que a continuidade da revista possa contar com esse suporte inestimável das futuras turmas e do responsável pela disciplina **REPORTAGEM E PESQUISA EM JORNALISMO**.

As matérias foram divididas entre os editoriais fixos e os alunos repórteres realizaram o trabalho de campo. Cada um é responsável por agendar suas entrevistas e redigir suas matérias. Uma reunião final foi marcada para o encaminhamento das matérias aos dois revisores (a autora e a professora orientadora) que revisaram todas as matérias. Após, todas as matérias são repassadas para a editora da revista, que fará a edição final. Depois de revisadas, as matérias passam para a equipe de diagramação.

O design da página é feito em conjunto entre o diagramador, coordenador da diagramação, editor e os repórteres. Todas as diagramações seguiram o projeto gráfico e cada uma das matérias tem pelo menos uma ilustração. Depois de prontas, as diagramações passam para o coordenador de diagramação, que juntará todos os projetos em um mesmo arquivo e, juntamente com o editor, fechará a revista.

A matéria principal da revista trata do tema “Energia”. A matéria tem a intenção de despertar um eventual leitor para um novo produto gráfico criado com a missão de ser um facilitador da comunicação da ciência com um público heterogêneo com o propósito implantar uma cultura científica em torno das fontes de energia renovável e o meio-ambiente. A reportagem começa mostrando como homem pré-histórico utilizou o fogo para seu conforto e segurança, passa pelo domínio do fogo pelo homem até o uso dos combustíveis fósseis como agentes da revolução industrial e a invenção da lâmpada incandescente que consagrou a energia elétrica como a forma mais versátil das formas de energia a disposição do homem. Na sequência, é mostrada como a energia do sol viabilizou a vida na terra, como ela se transforma em outras formas de energia e quais tecnologias são utilizadas para a conversão de uma forma de energia em outra até chegar aos nossos lares como energia elétrica.

6.2. Inovação e prospecção do produto

O aperfeiçoamento profissional, assim como a inovação e a prospecção com vistas à transformação da realidade são, pode-se dizer, as máximas fundamentais da pós-graduação de natureza profissional previstas pela Capes. É nesse sentido que a manutenção da revista “FocuSolar”, assim como a sua capacidade para estabelecer

vínculos e alianças com outras unidades de ensino, pesquisa e extensão, colocam-se como outras premissas centrais para desenvolvimentos futuros.

O objetivo implícito no sentido da democratização do conhecimento científico, o qual possa ser acessível a todos os públicos, desde a comunidade universitária aos públicos mais heterogêneos, exige um esforço multidisciplinar, envolvendo estudantes e pesquisadores das áreas do jornalismo e da comunicação, assim como de áreas afins, como as das ciências da linguagem. Para além da transformação da narrativa científica em linguagem acessível, há um conjunto de processos técnicos que precisam ser continuados, quais sejam, os processos de editoração e distribuição da revista no suporte eletrônico, em suas próximas edições, assim como as estratégias de interação com os públicos alvo.

É assim que o projeto recomenda que a produção da revista se constitua num espaço permanente para estágios de alunos de Jornalismo e comunicação, Letras e Linguísticas, assim como estudantes das graduações em informática e engenharia das telecomunicações e do desing gráfico.

Esse modelo de produção também pode buscar alianças com o mercado profissional local dos jornalistas e comunicadores, bem como com outros centros de ensino superior que cuidam das energias renováveis, constituindo-se em um relevante espaço para a disseminação e a popularização do conhecimento científico da área, contribuindo assim para o desenvolvimento regional em um campo tão sensível e emergente na atualidade, qual seja, o campo da preservação e da autossustentabilidade das energias renováveis.

7. Considerações Finais

O objetivo central do trabalho visou a criação de um projeto piloto do número zero da Revista Focussolar, propiciando a divulgação em linguagem jornalística, da produção intelectual e técnica do Centro de Energias Renováveis da UFPB, permitindo o debate acerca das energias renováveis e todas as questões que envolvem essa discussão.

Desde o advento da Revolução Industrial em 1760, o desenvolvimento econômico passou a ser acoplado ao uso de energia. O uso intensivo de carvão nas indústrias e em meios de transporte mais rápidos capazes de escoar o excesso de produção e a disseminação do uso de petróleo e seus derivados a partir da segunda

Revolução Industrial definiram o padrão linear de exploração e consumo de combustíveis fósseis predominante até hoje.

Este tema tem sido amplamente discutido em eventos nacionais e internacionais relacionados com a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais do planeta, estando entre as prioridades e as preocupações atuais da comunidade mundial.

O Capítulo 40 da Agenda 21 - CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, que trata de um plano de ações baseadas na tese do desenvolvimento sustentável, é dedicado a relevância da informação para a tomada de decisões para alcançar níveis de sustentabilidade nas demandas sociais.

Esse Capítulo considera que a mídia tem poder para promover dois pressupostos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo o homem tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos (artigo 21, Inciso I);

Todo o homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios. (artigo 27, Inciso I).

Considerando que o detentor do conhecimento tem os meios para interferir e redimensionar as ações do homem, não se pode deixar de demarcar a relevância dos meios de comunicação como agente de interlocução entre conhecimento dos problemas ambientais e a discussão sobre os modelos de desenvolvimento socioeconômico.

Ademais, a sustentabilidade depende do conhecimento adquirido nas inovações da linguagem científica e da tecnologia. Neste contexto, a popularização da ciência é uma ação que pode mobilizar a sociedade na defesa de políticas públicas em busca da sustentabilidade. Essa é uma das funções sociais do jornalismo comprometido com ciência, tecnologia e ambiente. Portanto, compete ao jornalismo científico levar ao conhecimento do público os estudos e as inovações concernentes ao uso eficiente das fontes de energia e o uso racional dos recursos naturais.

Na fundamentação teórica desse trabalho, confirmou-se que o Jornalismo Científico pode ser usado como uma prática social mediadora em torno da questão da geração de energia e do equilíbrio com o meio ambiente. Neste caso, essa atividade pode:

- Formar uma postura crítica do público em relação à política energética nacional;
- Responder à curiosidade do público com destaque a importância de avaliar a evolução das análises da percepção pública e da participação dos cidadãos;
- Colocar o leitor em contato com a ciência para ajudar de forma significativa na construção da cidadania porque tem a possibilidade de chegar a um público maior através da escrita apropriada;
- Esclarecer a população sobre a questão da energia e suas implicações sociais, ambientais e econômicas, fornecendo subsídios para que o cidadão comum conheça os fatos e as perspectivas que cercam as suas condições de vida.

Esse trabalho tem seu referencial teórico fundamentado na relação do uso das fontes de energias renovável e não renovável com o desenvolvimento socioeconômico, política e o meio ambiente, através de uma abordagem sistêmica da energia seguindo os conceitos de sustentabilidade.

A proposta, também se apoia na função social dos meios de comunicação no que concerne ao seu papel de formador de opinião e de conscientização junto à sociedade em geral, com ênfase no jornalismo científico como meio de fazer circular a diversidade de opiniões e os resultados de pesquisas, decisões do poder público, inovações tecnológicas, em linguagem acessível à sociedade, para que possa argumentar e exercer seu direito de opinar e adquirir senso crítico sobre as consequências do uso das fontes energéticas sustentáveis do planeta e diretamente para o seu bem e próprio avanço da ciência.

No plano do desenvolvimento local, serão de fundamental importância os vínculos que o periódico puder estabelecer com os projetos de extensão da UFPB, sobretudo aqueles que fortaleçam a prática nos cursos da graduação e da pós-graduação em jornalismo, com ênfase para a difusão da ciência, prática ainda pouco explorada em nosso estado.

Para além dos espaços de produção de texto, a revista será ainda um importante espaço para a formação nas áreas do tratamento e distribuição digital dos conteúdos, tanto para estudantes de jornalismo, como para outros de áreas afins à comunicação, à informática e às energias renováveis.

A Revista FocuSolar é a primeira proposta de suporte impresso de divulgação da ciência no âmbito da UFPB que faz uso do jornalismo de revista direcionada ao público não especializado. A FocuSolar é direcionada para um segmento de um público interessado no desenvolvimento da ciência e da tecnologia relacionada ao uso da energia renovável e preservação do meio ambiente. Para alcançar os objetivos geral e específico os procedimentos metodológicos tem o referencial teórico fundamentado nos conceitos de jornalismo científico, jornalismo de revista e no processo de criação de revista impressa. Além de contemplar estudos relacionados ao uso das fontes de energias renovável, o desenvolvimento socioeconômico, política e o meio ambiente, através de uma abordagem sistêmica da energia seguindo os conceitos de sustentabilidade.

Considerando as diversas habilidades necessárias a construção de uma revista impressa. A formalização de uma experiência de construção coletiva da revista, que envolveu os alunos da disciplina REPORTAGEM E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO do Departamento de Jornalismo do CCTA sob a responsabilidade da Professora Joana Belarmino e dos alunos do Departamento de Mídias Digitais do CCHLA, permitiu aos alunos exercitarem suas habilidades e competências em uma experiência real de trabalho ao estabelecer os primeiros contatos com as atividades de jornalismo científico e com o desafio de criar uma revista impressa. Esse “laboratório”, sem dúvida, agregou experiência e crescimento pessoal e profissional aos alunos e futuros profissionais da imprensa.

Com base no referencial teórico, pode-se entender:

- A importância da divulgação sistemática de pesquisas acadêmicas através de matérias escritas por jornalistas que tratem a ciência como produto capaz de ter uma função vital de estímulo ao processo de desenvolvimento socioeconômico do indivíduo, ensinando novos valores e consolidando uma consciência científica ao público em geral;
- O diferencial entre o jornalismo de revista e os outros meios de comunicação, caracterizado pela diferença do texto e por trazer informações que já foram noticiadas ou pelo jornal diário, ou pela televisão. Além de contemplar um amplo conteúdo que varia entre: artigos científicos, ensaios, crônicas, reportagens, críticas literárias e cinematográficas, perfis, editoriais, entre outros;

- O processo de criação de uma revista desde seu projeto editorial passando pela construção da sua identidade visual caracterizada em projeto gráfico até a concretização física de uma Edição de uma revista.

Partindo deste princípio, podemos dizer que estes estudos contribuíram essencialmente, nas práticas desenvolvidas no processo de construção da revista, portanto, foi necessário compreendermos esta interação entre a teoria e prática para a construção desse saber.

Os procedimentos metodológicos utilizados na construção das discussões do tema deste projeto contemplam os princípios e técnicas da abordagem exploratória, estado da arte, situando-nos, especificamente, no campo do jornalismo científico, do jornalismo de revista e no processo de construção de uma revista impressa. Enfatizou-se a relação teoria e prática com o propósito de construirmos um referencial consistente que permitiu a concretização da 1ª edição da Revista FocuSolar.

Ao finalizar essa proposta e com a revista pronta, pode-se dizer que a Universidade Federal da Paraíba dispõe de um produto gráfico impresso que contemplem em seu conteúdo matérias ligadas à energia renovável e ao meio ambiente que podem ser tipificadas como jornalística. Com o propósito de incentivar esta prática e torná-la uma forma de se prestar conta à sociedade dos avanços da ciência e dos benefícios advindos dos investimentos que são feitos na formação de recursos humanos e laboratórios de pesquisa no âmbito da UFPB. Além de ser, um instrumento eficaz que irá viabilizar o intercâmbio entre a tecnologia e a sociedade através da divulgação de produções acadêmicas que desperte o interesse do público em geral.

8. Referências

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros Jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, p. 90 e 91, 2011.

ATLAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO BRASIL - Agência Nacional de Energia Elétrica. Brasília : ANEEL, 2002.153 p.

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Jornalismo de revista: um olhar complexo**. Rumores, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 257 - 274, jan. / jun., 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BALANÇO ENERGÉTICO NACIONAL 2014: Ano base 2013 - Empresa de Pesquisa Energética. Rio de Janeiro: EPE, 2014.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. **Retratos de mulher: análise da representação do corpo feminino nas capas das revistas mensais brasileiras playboy e nova no ano de 2005**. Florianópolis: UNISUL, 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Florianópolis, 2007.

BRASIL. LEI 6.938/81. **Política Nacional de Meio Ambiente**, art. 2º, 3º e 4º.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Comunicação Jornalística Editorial, 1988.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico: conceitos e funções**, Ciência e Cultura, São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v.37, n.9, p. 1420-1427, 1995.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico**. Rio de Janeiro: São Paulo: Forense Universitária, p.28, 1990.

CALZA Márlon Uliana, **A identidade visual no projeto gráfico de revistas de moda**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. 355 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2015.

CAMPOS, Gisela. O design gráfico online e offline da revista Trip Revista Design em Foco. Bahia: Universidade do Estado da Bahia, p. 59-60, 2006.

CARDOSO, Walter. Divulgação matemática, ao tempo do príncipe regente D. João. In: D'AMBRÓSIO, Ubiratan (org.). **Anais do 2º Congresso Latinoamericano de História da Ciência e da Técnica**. São Paulo: Nova Stella, p.510-514, 1988.

CARVALHO, A. P. de **A ciência em revista: um estudo dos casos de Globo Ciência e Superinteressante**. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, p.127-178, 1996.

CARVALHO, A. P. de **A ciência em revista: um estudo dos casos de Globo Ciência e Superinteressante**. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, p.127, 1996.

CASSETTARI, M. I. **Tipo, gênero textual e gênero do discurso: em busca de uma definição para o ensino**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 132 – 151, jul./dez, 2012.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CIÊNCIA HOJE. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (editorial). Rio de Janeiro, n.1, jul/ago, p.6, 1982.

CIMPEC. **Periodismo educativo y científico**. 2. ed. Quito: Época, p.34, 1976.

CIMPEC. **Periodismo educativo y científico**. 2. ed. Quito: Época, p.205, 1976.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Art. 170, Título VII - Da Ordem Econômica e Financeira, Capítulo I - Dos Princípios Gerais da Atividade Econômica, 1988.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Art. 225, Título VIII - Da Ordem Social, Capítulo VI - Do Meio Ambiente, 1988.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. Covilhã: Labcom, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA – EPE. Rio de Janeiro, 2007. 408p. ISBN: 978-85-60025-02-2.

ERBOLATO, M. L. **Dicionário de propaganda e jornalismo**. Campinas: Papyrus, 1985.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR., J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, G. H. T. **Declaração textual: um elemento linguístico-textual e discursivo estruturante dos gêneros notícia e reportagem**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/declaracao-textual-um-elemento-linguistico-textual-discursivo.htm>>. Acesso em: 22/01/2016g.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Repositórios versus revistas científicas: convergências e convivências. IN: TARGINO, Maria das Graças

(Org.). **Mais sobre a revista científica: em foco e gestão.** São Paulo: SENAC: Cengage Learning, p.111-137, 2008.

FROTA-PESSOA, Oswaldo. **José Reis, o divulgador da ciência.** Ciência e Cultura, v.40 n.6, p.528-530, 1988.

GARCIA, Luiz. O Globo, **Manual de redação e estilo.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1992.

GOLDEBERG, J. **Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.** São Paulo: Edusp: Cesp, 1998.

GRUSZINSKI, Ana Cláudia. **Design gráfico: do invisível ao ilegível.** ISBN: 9788588343573. Coleção: Textosdesign. Edição 2. Rio de Janeiro: 2AB, p. 118, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo (org). **Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade.** Campinas: Pontes Editores, 2001.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques.** São Paulo, Editora Contexto, 2006.

HERNANDO Calvo, M. **Manual de periodismo científico.** Barcelona: Bosch, p.15-22, 1997.

HERNANDO Calvo, M. **Teoria e técnica do jornalismo científico.** São Paulo: ECA, p.17, 1970.

HOFFNAGEL, J. C. **Entrevista: uma conversa controlada.** In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, p. 180 e 181, 2003.

JAGLE, Abram.. **Imprensa e educação científica.** **Ciência e Cultura**, v.31, n.6, p.642-643, 1979.

KING, Stancey. **Magazine Design that works.** Massachusetts, Rockport Publishers, 2001.

KRIEGHBAUM, H. **Os diversos tipos de noticiário científico.** A ciência e os meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, p.19-36, 1979.

KUNTZEL, Carlos, **Tamanhos e Formatos.** Artigo disponível em: <www.carloskuntzel.pro.br/formatos>. Acesso em: 12 dez. 2007.

LACOMBE, Michel da Silva Coelho. **A veiculação da ciência nas capas de revistas : o caso da revista Galileu.** São Carlos: UFSCar, 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

LARA, J., **Os gêneros jornalísticos com conteúdo informativo (a notícia, a reportagem e a entrevista) nas aulas de língua portuguesa: desvelando a linguagem pretensamente neutra.** Disponível em: <

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/357-4.pdf> >. Acesso em: 22/01/2016.

LIMA, J. R. e SANTOS FILHO, I. O. **Editorial: gênero de expressão opinativa.** Interdisciplinar, v.14, ISSN 1980-8879, p. 87-99, jul./dez. 2011.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia.** Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20.** Rio de Janeiro, 1998.

MELO, J. M. de Impasses do jornalismo científico. **Comunicação e Sociedade**, Ano IV, n.7, p.19-24, mar. 1982.

MIGLIACCIO, M. I. **O conhecimento científico como um dos fundamentos da formação universitária do jornalista científico.** São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, p.242, 1989

MIRANDA, F. S., **Contrato de promessa: contribuições para pensar o lugar da recepção.** Mediação, Belo Horizonte, n° 7, 2° semestre, 2008.

NIELSEN Jakob. **Projetando websites.** Editora Elsevier Ltda, p,178-199, 2000.

NIELSEN, Jakob ; LORANGER Hoa. **Usabilidade na Web: Projetando Websites com qualidade.** Editora Elsevier Ltda, p. 27-,98, 2007.

OKIDA, Márcia. **O design gráfico como elemento de linguagem editorial.** DesignGráfico, Rio de Janeiro, 2002 Disponível em: <<http://www.benzaiten.com.br/dg2006/comapalavra/linguagemeditorial.htm>>. Acesso em 23/12/2015.

PAZ, A. R; CASTILHO, A. V. P., **Jornalismo: Profissão Revista.** Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2006. 174f. Trabalho Final de Graduação (TFG) – Curso de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Desafios do impresso ao digital**: questões contemporâneas de informação e conhecimento. Brasília: Ibict: Unesco, p.259-289, 2009.

PORTAL DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ELETRÔNICOS DA UFPB. Periódicos científicos elaborados ou gerenciados pelos pesquisadores da instituição para a comunidade científica nacional e internacional. Editora: UFPB, João Pessoa, 2006. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/index/index>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

Portal WWF BRASIL **O que é desenvolvimento sustentável?** Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/>. Acesso em: 14 nov. 2014.

PORTO, CM., org. Difusão e cultura científica: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 230 ISBN 978-85-232-0619-2. Disponível em: < [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/125/1/Difusao%20e%20cultura%20cientific a.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/125/1/Difusao%20e%20cultura%20cientific%20a.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2015.

RABAÇA, C.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

REIS, J. Ciência e jornalismo. **Ciência e Cultura**, v.24, n.2, p130-140, 1972.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. 7ª Ed. rev. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1998.

RODRIGUES, L. P., **O papel do planejamento gráfico no contrato de leitura: a reforma gráfica da revista superinteressante**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011. 49 f. Trabalho Final de Graduação (TFG) - Curso de Jornalismo – Área de Ciências Sociais, do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2011.

RODRIGUES, Rosângela Hames. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, p. 154- 183, 2007.

ROSSI, Geraldo Abud. **O design gráfico da página na constituição da identidade visual das revistas impressas**. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 13 -26. 136 f.
ROSSO, Mauro. **Guia Anatec**. São Paulo, Anatec, 2008.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, p.37, 1997.

SAMARA, Timothy. **Elementos do Design: guia de estilo gráfico**. Porto Alegre, Bookman, 2010, p.202.

SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. São Paulo, Cosac Naify, 2007, p.25.

SAMARA, Timothy. **Guia do design editorial. Manual prático para o design de publicações.** Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** São Paulo, Editora Experimento, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2004, p.67.

SENGE, P.M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem.** 12. ed. São Paulo: Best Seller, 1990.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação Impressa.** 6. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, Thiago Santos. **O gênero discursivo reportagem de revista: um estudo de suas características e análise de exemplares da revista Istoé.** Revista SOLETRAS, Rio de Janeiro, v.1, n 23, p. 191- 206, 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto no jornalismo impresso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 125 – 134, 1986.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil.** Ed. Vozes, 1988.

SOUSA, Emanuel. Barbosa. **Estudo sociorretórico do gênero notícia satírica: o caso do portal meunorte.** Teresina: UFPI. 2013. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

THIOLLENT, M. Sobre o jornalismo científico e sua possível orientação numa perspectiva de avaliação social da tecnologia. In: **Memória do IV Congresso Iberoamericano de Jornalismo Científico.** São Paulo: Associação Brasileira de Jornalismo Científico, p.307-318, 1984.

VAN DIJK, Teun A. **News as Discourse.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

VERGA, A. Periodismo y Educación Permanente. **Comunicação e Sociedade**, ano IV, n7, p.45-49, 1987. São Paulo: Cortez.

VERÓN, Eliseo. **Quando ler é fazer: a enunciação no discurso de imprensa escrita.** In: _____. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VOGT, C.; CERQUEIRA, N.; KANASHIRO, M., Divulgação e Cultura Científica. **ComCiência**, n.100. Campinas, 2008.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANEXO I

QUADRO I – REVISTAS DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ELETRÔNICOS DA UFPB - ANO 2015

Título/Divulgação	Centro/Programa/Departamento	Área de Conhecimento	Objetivo	Periodicidade/ Meio de Divulgação
Revista Agropecuária Técnica - AGROTEC	Centro de Ciências Agrárias	Ciências Agrárias	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Revista Nordestina de Biologia	Departamento de Sistemática e Ecologia	Ciências Biológicas	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Revista de Iniciação Científica em Odontologia – RevICO	Grupo de Pesquisa em Odontopediatria e Clínica Integrada	Ciências da Saúde	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Medicina & Pesquisa	Centro de Ciências Médicas	Ciências da Saúde	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
Revista Pesquisas em Ciências Médicas	Centro de Ciências Médicas	Ciências da Saúde	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
Revista Estudos Geoambientais	Curso de Ecologia	Ciências Exatas e da Terra	Acadêmica - Científica	Quadrimestral/Eletrônica
Cadernos do Logepa	Departamento de Geociências	Ciências humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Cultura Oriental	Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
Diversidade Religiosa	Curso de Graduação em Ciências das Religiões	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
MORINGA - Artes do Espetáculo	Departamento de Artes Cênicas, vinculado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes	Ciências humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Política & Trabalho	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Aufklärung	Programa de Pós-Graduação em Filosofia	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
Revista Educare	Departamento de Fundamentação da Educação	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Espaço do Currículo	Programa de Pós-Graduação em Educação	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Quadrimestral/Eletrônica
Revista Lugares de Educação	Departamento de Educação	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Revista Religare	Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Temas em Educação	Programa de Pós-Graduação em Educação	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Eletrônica e Impressa
Sæculum	Programa de Pós-Graduação em História	Ciências Humanas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
OKARA: Geografia em debate	Programa de Pós-Graduação em Geografia	Ciências Humanas Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Quadrimestral/Eletrônica
Archeion Online	Centro de Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Sociais Aplicada	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica

Título/Divulgação	Centro/Programa/Departamento	Área de Conhecimento	Objetivo	Periodicidade/ Meio de Divulgação
ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo	Programa de Pós-graduação em Jornalismo	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Arquivo & Sociedade: Estudos	Centro de Ciências Sociais e Aplicada	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Autogestão: Economia dos trabalhadores & Educação Popular	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Economia Solidaria e Educação Popular	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Culturas Midiáticas	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Imaginário!	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Informação & Sociedade: Estudos	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	Coordenação do Curso de Administração	Ciências Sociais Aplicadas Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	Laboratório de Tecnologias Intelectuais do Departamento de Ciência da Informação	Ciências Sociais Aplicadas Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Prima Facie - Direito, História e Política	Centro de Ciências Jurídicas	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Ártemis	Programas de Pós Graduação em Sociologia e Programa de Pós Graduação em Letras	Ciências sociais aplicadas	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais	Departamento de Relações Internacionais	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/eletrônica
Revista do Instituto de Direito Civil-Constitucional (RIDCC)	Instituto Perspectivas e Desafios de Humanização do Direito Civil-Constitucional	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista do Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes	Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Evidenciação Contábil & Finanças	Departamento de Finanças e Contabilidade e Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista PalavrAr	Graduação do Curso de Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Temática	Curso de Comunicação em Mídias Digitais Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Mensal/Eletrônica

Título/Divulgação	Centro/Programa/Departamento	Área de Conhecimento	Objetivo	Periodicidade/ Meio de Divulgação
Teoria Política & Social	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
TPA - Teoria e Prática em Administração	Programa de Pós-graduação em Administração	Ciências Sociais Aplicadas	Acadêmica - Científica	Semestral /Eletrônica
Turis Nostrum	Curso de pós-graduação lato sensu	Ciências Sociais Aplicadas .	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
VERBA JURIS - Anuário da Pós-Graduação em Direito	Programa de Pós-graduação em Ciências Jurídicas	Ciências Sociais Aplicadas.	Acadêmica - Científica Direito.	Anual/Eletrônica
Cadernos Imbondeiro	Programa de Pós-graduação em Letras	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Claves	Programa de Pós-Graduação em Música	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica	Bianual/ Eletrônica
Cultura e Tradução	Programa de Pós-graduação em Letras	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica	Bienal/Eletrônica
DLCV - Língua, Linguística & Literatura	Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica.	Semestral/Eletrônica Anual/Impressa
Letr@ Viv@	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica.	Semestral/Eletrônica
PROLINGUA	Programa de Pós-Graduação em Linguística	Linguística, Letras e Artes	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Graphos	Programa de Pós-Graduação em Letras	Linguística, Letras e artes	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Acta Semiótica et Lingvistica	Programa de Pós Graduação em Letras	Linguística, Letras e artes. Multidisciplinar	Acadêmica - Científica.	Semestral/Eletrônica
Biblionline	Cursos de Graduação em Administração da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Gestão da Informação e Museologia	Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Cadernos do Logepa	Departamento de Geociências	Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Gaia Scientia	Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente	Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Informação & Tecnologia	Grupos de pesquisa GPNTI/UNESP e WRCO/CCSA/UFPB	Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Semestral/Eletrônica
Revista Eletrônica Extensão Cidadã	Pró-Reitoria de Extensão	Multidisciplinar	Acadêmica - Científica	Eletrônica
Revista Nordestina de Biologia	Departamento de Sistemática e Ecologia	Multidisciplinar	Acadêmica -Científica.	Eletrônica

ANEXO II

PROJETO GRÁFICO DA REVISTA FOCUSOLAR

1. Introdução

A principal etapa do planejamento gráfico da Revista FocuSolar foi a identificação das restrições para a execução do projeto e sua efetiva implementação, as quais delimitaram essa proposta.

A concepção e implantação de um projeto gráfico exigem conhecimentos teóricos e práticos sobre os princípios da diagramação, tipografia, e de outros aspectos que interferem na qualidade do produto editorial impresso. No atual estágio de desenvolvimento da produção gráfica, esta atividade é exercida por profissionais habilitados para organizar as informações textual e visual de produtos impresso ou virtual. Além disso, esse profissional deve saber lidar com recursos tecnológicos disponibilizados pela informática o que caracteriza uma atividade multidisciplinar que transcende as atividades do jornalista.

O projeto gráfico da revista FocuSolar foi uma realização de Andréa Mesquita, jornalista e mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - CCTA e Vinicius Angelus, aluno do curso de Mídias Digitais da UFPB. Essa é a primeira experiência de concepção de um projeto gráfico de qualquer natureza elaborado pelos dois discentes.

2. Fundamentos Teóricos

Na concepção do projeto, foram considerados os princípios básicos recomendados para projetos dessa natureza, tais como: o conteúdo, a qualidade do texto, a adequação da linguagem (verbal e visual) ao leitor e à identidade da revista, o estímulo à leitura, o equilíbrio e a harmonia entre texto, imagem e a diagramação como um todo, o ritmo do espelho, isto é, como suas partes são previstas e organizadas.

No projeto da capa foram considerados os elementos visuais como: o formato da capa, o logotipo, as chamadas, as fotografias, as legendas e pequenos elementos como selos e códigos de barra. Todos esses elementos foram organizados em uma estrutura

compositiva básica ou grid apoiado em cores e em uma diagramação que garante uma organização hierárquica.

Para o miolo da revista que inclui o sumário, editorial, anúncios e sessões: cartas do leitor, Curtas, artigo de opinião, entrevista, matéria principal, matéria de capa e outras matérias, foram utilizados e adaptados os mesmos elementos do projeto da capa.

A construção do projeto gráfico da revista FocuSolar faz uso de: texto e imagens; elementos básicos do desenho tais como:

- Linha, forma, cor, massa e espaço - que servem para dar objetivo ao design, direcionar o olhar, dar peso, simular algo e ajudar a transmitir a mensagem;
- Princípios do alinhamento, balanço, contraste, proximidade e repetição/consistência - propósito de deixar a mensagem mais compreensível.

Esses elementos foram combinados de tal sorte, no projeto, para determinar a atração visual, a estrutura da revista e a legibilidade da mensagem que se deseja transmitir no processo comunicativo.

A cor predominante dos Editoriais é preta. No entanto, duas cores foram escolhidas em acordo com as temáticas da revista: a seção de “Energia” é alaranjando por ser uma cor que representa a própria energia, alerta e esperança, parâmetros essenciais para o bem-estar da sociedade e o “Meio Ambiente” é verde por ser uma cor que transmite a sensação de harmonia e equilíbrio entre o desenvolvimento e o meio ambiente.

Os princípios preconizados por Wong (1993) que orientam a concepção de projetos gráficos de qualquer natureza estão presentes na FocuSolar:

- Proximidade - organizar para tornar a leitura e a memorização mais fácil. Por exemplo, criar brancos (espaços negativos) como áreas de respiro;
- Alinhamento - Com propósito básico de unificar e organizar a página. Cada elemento deve ter uma ligação visual com outro elemento da página. Normalmente é um alinhamento marcante que cria uma aparência sofisticada, formal, engraçada ou séria;
- Repetição - O princípio da repetição afirma que algum aspecto do design deve repetir-se no material inteiro. O elemento repetitivo pode ser uma fonte em

negrito, um fio (linha) grosso, algum sinal de tópico, um elemento do design, algum formato específico, relações espaciais etc. Pode ser qualquer item que o leitor reconheça visualmente. O propósito básico da repetição é unificar e criar uma identidade visual e identificar itens importantes dentro da diagramação;

- **Contraste** - Os objetivos básicos do contraste são criar interesse sobre uma página e auxiliar na organização das informações. O contraste costuma ser a mais importante atração visual de uma página – é o que faz o leitor, antes de qualquer outra coisa, olhar para ela, além de ajudar na valorização da forma e quebrar a monotonia da leitura;
- **Balanço** - o layout deve ser balanceado de tal sorte que as imagens não subjuguem o texto e a página não tende a parecer desequilibrada;
- **Cor** - A cor é a parte mais emotiva do processo visual. Pode ser empregada para expressar e reforçar a informação visual. As cores, dependendo de como se organizam, podem fazer um elemento recuar ou avançar. O peso e o volume do objeto podem ser alterados pelo uso da cor, influenciando no equilíbrio da composição.

2.1. Estrutura da Folha

Quando se faz a leitura de uma página o olhar, habitualmente, faz uma varredura das informações de cima para baixo, da esquerda para a direita e no sentido diagonal até o canto direito inferior. Assim, a dimensão da página tem influencia na relação do leitor com o produto editorial.

Questões práticas, psicológicas, sociais, estéticas, e econômicos são alguns dos aspectos que devem ser levados em consideração ao se definir o formato [dimensão] de uma publicação. O Formato da Revista é o ponto de partida do projeto gráfico. Ele define as dimensões da página, que foi adequada a proposta da Revista de maneira ergonômica, ou seja, para suportar ilustrações que possam estabelecer um diálogo com o leitor e uma repetição rítmica que garante uma coerência visual.

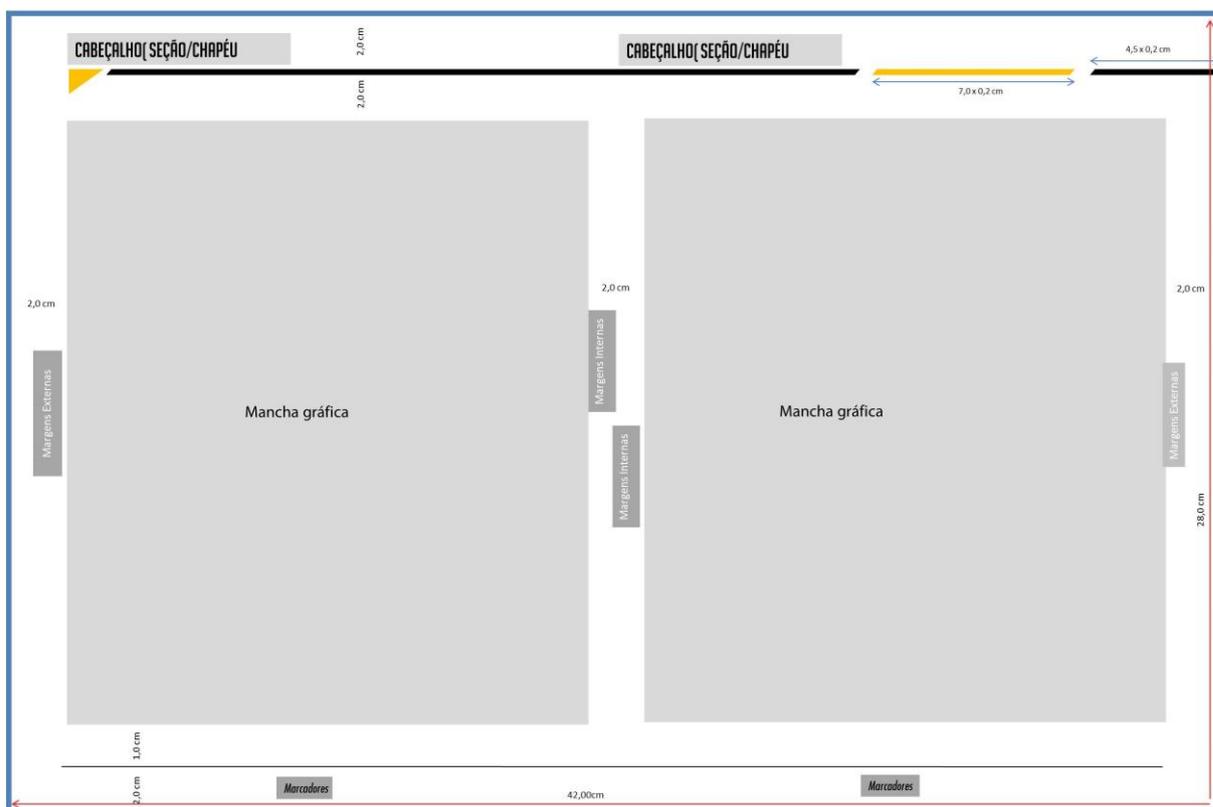
As dimensões e a estrutura da página do projeto gráfico busca estabelecer a influência que esta poderá vir a ter como o futuro leitor. Os elementos compositivos da página têm a estrutura de página é a seguinte:

- Formato retangular com dimensões de 210 x 280 mm²;

- Margem externa: 20 mm;
- Margem interna: 10 mm;
- Margem superior: 40 mm (o limite superior de pagina e a mancha gráfica são separados por um fio grosso localizado a 20 mm do limite superior);
- Margem inferior: 30 mm (o limite inferior de pagina e a mancha gráfica são separados por um fio fino localizado a 15 mm do limite inferior);
- Mancha gráfica: tem formato retangular e dimensões de 18 x 21 mm²;
- Marcadores: Esses elementos textuais estão situados acima ou abaixo dos fios a mancha gráfica das margens superiores ou inferiores da página.

São mostradas na fig. 9 as dimensões da página e sua estrutura como: dimensões, margens, cabeçalhos, marcadores, mancha gráfica e áreas destinadas ao descanso visual.

Figura 9: Formato da página



Fonte: Designer gráfico da FocuSolar

2.2. *Grid*

O grid (grade) escolhido envolve uma solução padrão para resolver os problemas em nível visual e organizacional. Foi adotado o procedimento padrão de fazer o arranjo e o ordenamento dos elementos gráficos em um sistema de grids simétricos baseados em colunas.

O grid é um sistema de partição do projeto gráfico em colunas com espaços iguais entre si que aumenta as opções de diagramação dentro de um guia pré-estabelecido. Em particular, foi escolhido o grid de três colunas que apesar de simples é o mais utilizado para revistas por que proporciona um visual trivial mais eficiente, devido a largura que comporta, geralmente, de uma vez e meia a duas vezes a tipografia adotada de 10 pontos o que enquadra o texto numa largura que permite uma boa legibilidade para o formato da FocuSolar (folha de 21 x 28 cm, colunas com largura em torno de 5,9 cm).

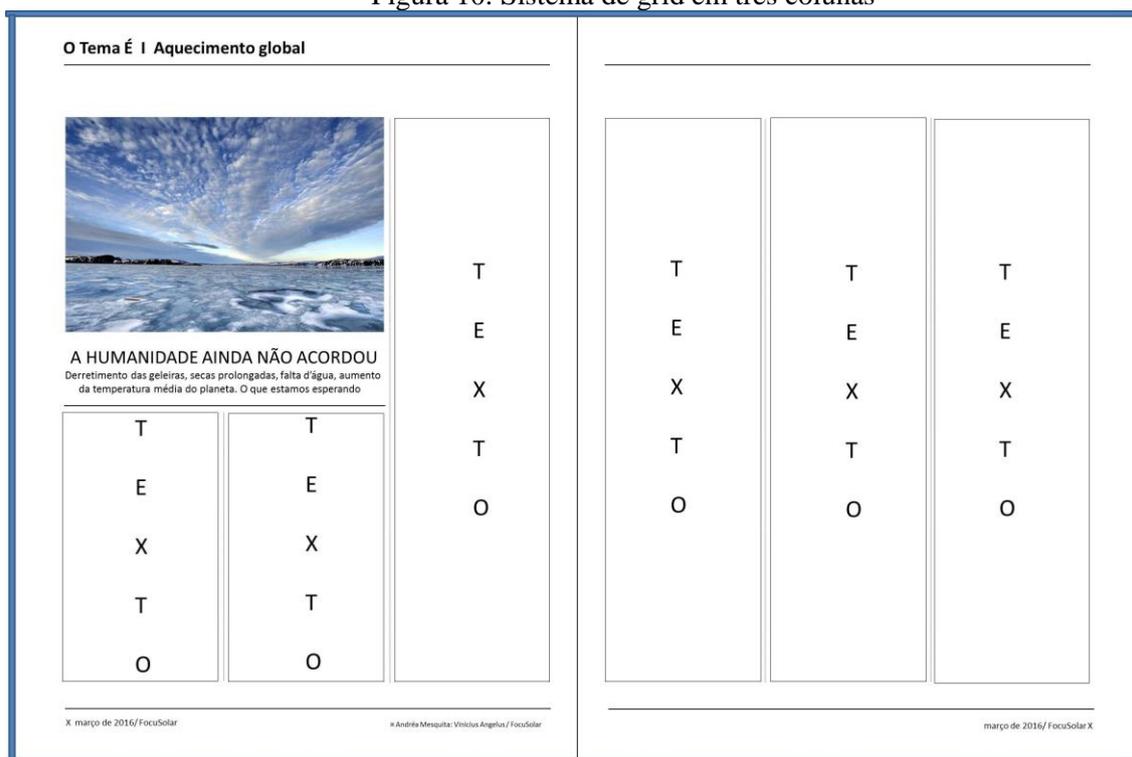
Além disso, o sistema de grid de colunas tem as seguintes vantagens:

- Flexibilidade e possibilidade de ser utilizado para separar diversos tipos de informação, por exemplo, pode-se ter colunas para texto contínuo e imagens, com legendas em coluna separada;
- É flutuante e pode variar o número de colunas. Os grids de duas ou três colunas são usualmente aplicados em revistas por que permitem à combinação de colunas de larguras iguais ou diferentes (geralmente larguras diferentes) de um grid de três colunas e outro de duas colunas, ambos com a mesma margem, em consonância com o tipo de conteúdo e a natureza da informação;
- Permite organizar as informações simetricamente e proporcionam equilíbrio ao longo de um conjunto de páginas duplas. A estrutura da página ímpar é refletida na página par em relação à largura e ao posicionamento das colunas;
- Permite obter um visual dinâmico das páginas internas deixando sempre uma coluna como opção de mobilidade ou através da variação das larguras das colunas;
- Permite contemplar as características informativas e as exigências de produção, tais como: os diversos tipos de informação, a natureza das imagens e a quantidade delas;

- Prever eventuais problemas de diagramação como: títulos compridos, cortes nas fotografias e espaços vazios por falta de material em alguma seção e a disposição do conteúdo de acordo com as diretrizes dadas pelo grid.

No sistema de grid em três colunas, ilustrado na Fig. 10, disposto na seção opinião, observam-se todos os elementos da estrutura da página, como: fotos, cabeçalho, marcadores, mancha gráfica, títulos e chamada do tema do artigo.

Figura 10: Sistema de grid em três colunas



Fonte: Designer gráfico da FocuSolar

Na diagramação foram consideradas técnicas que auxiliam na execução do projeto para se obter um layout que seja resultado do uso de leis compositivas que regem as diagramações segundo sua funcionalidade e estética.

Assim, buscou-se respeitar: a unidade - que diz respeito à escolha de caracteres e ilustrações relacionadas à estética, o formato e o ritmo - que é a sucessão harmoniosa dos movimentos do layout que se obtêm fazendo a disposição dos elementos levando em consideração o aproveitamento do ciclo que a vista humana faz ao se deparar com uma página impressa.

2.3. *Elementos Tipográficos*

A tipografia é um princípio fundamental para um bom projeto gráfico. No projeto gráfico, ela é o elemento que auxilia no equilíbrio da identidade visual entre o conteúdo e os recursos visuais.

Os elementos tipográficos escolhidos observam os mandamentos consagrados para garantir legibilidade tais como:

Não usar fontes diferentes ao mesmo tempo; não combinar fontes que tenham aparências similares; dar preferência ao uso de caixa-baixa e alta e não somente maiúsculas. No corpo do texto usar tamanhos entre 8 e 12. Evitar o uso de corpos e pesos diferentes ao mesmo tempo. Use largura de linhas apropriadas, nem muito curtas nem muito longas porque rompem o processo de leitura. Indicar claramente os parágrafos (GRUSZYNSKI, 2000, p. 59-60, apud CAMPOS, 2006).

A escolha das fontes contempla o critério da gratuidade e faz uso de quatro tipos de famílias: "Myriad Pro", "Big Noodle Tiling", "Futura BD CN" e "Bebas Neue". O projeto faz uso de variações dessas famílias em determinados pontos da sua página, como títulos, subtítulos e chamadas. Esses elementos gráficos são sempre diferentes do restante do texto. Essa distinção é feita através de separações, da variação de cor, do tamanho do corpo, do peso do tipo, do contraste. Esse estilo é repetido, como recurso, para criar uma identidade visual com o leitor e uma hierarquia.

2.3.1. Famílias tipográficas

Família: Futura

Classificação: Sem Serifa.

Características: Uniforme e Harmoniosa.

Recomendações: Textos curtos e títulos.

FocuSolar: Comunicação de títulos e destaques.

Família: Big Noodle Titling

Classificação: Sem Serifa.

Características: formas quadradas e um acabamento simplificado.

Recomendações: proporciona uma excelente nitidez em qualquer meio impresso ou virtual.

FocuSolar: comunicação de títulos e destaques.

Família: Myriad Pro

Características: Sem Serifa, letras de proporções bem desenhadas, formas limpas e abertas, o espaço entre pares de letras garante ao projeto um nível confortável de leitura em todas as suas variações.

Recomendações: texto e monitores.

FocuSolar: Uso em corpo de texto.

Família: Bebas Neue

Classificação: sem serifa.

Características: Braços retos / horizontal, letra Normal / aplainada, sem contraste, condensada.

Recomendação: para web, impressão, slogan, anúncios publicitários.

FocuSolar: Olho de Texto.

Observação: As opções de fontes DENTRO da família podem ser escolhidas livremente de acordo com as necessidades da comunicação em questão.

3. Logomarca



A

família tipográfica escolhida para a Marca da FocuSolar foi a FUTURA por passar a

ideia de limpeza e por ter um desenho baseado em princípios rigidamente geométricos que combina com a natureza de emissão de energia difusa do sol. Além de ser uma fonte bastante eficiente em identidades corporativas, títulos entre outras aplicações.

A cor branca da tipografia foi escolhida por representar a junção de todas as cores do espectro de cores característica do espectro de emissão do sol. A Marca será usada sempre na versão em negativo. Fazendo sempre uso de monocromia em caso de limitação de cores para impressão.

A Marca tem como elemento central, a letra S (de sol), que é envolvida por círculo de linhas deformadas na cor amarelo-laranja. A cor, familiarizada por nós, como sendo a cor do SOL, e ainda, por ser atraente pelos efeitos de vivacidade, calor e alegria.

4. Conclusão

A partir destes elementos montou-se o Projeto Gráfico da Revista FocuSolar, que foi considerado como um manual de instruções para diagramação do produto planejado.

- Capa (do projeto)
- Diretrizes do produto
- Formato (com esquema e cotas)
- Capa/1ª. página - Especificação dos elementos que comporão a capa, com exemplos. (simplesmente ilustrativos)
- Páginas do Miolo - Especificação dos elementos que comporão cada modelo de página do miolo. Especificando-se inclusive os textos e larguras utilizados.

FOCUSOLAR

Energia Alternativa e Renovável

(imagem)



Edição 1
Junho 2016

CEAR

**CHAMADA
SECUNDARIA**

CHAMADA PRINCIPAL

Título chamada
Caessequi andipic

Título chamada
Ucitem consecuptas lop

Título chamada
Mus nonsequodis

Título chamada
Ucitem consecuptas lop

(publicidade)

TÍTULO DO TEXTO EDITORIAL

(imagem)

Créditos da imagem

S Ferum voloremame nonsequo consedi taturitas simil inis ditae. Ment fugit, tem cus re eatur? Um conecabo. Hariates est et as deles eum aut est ut voloriberum que in ea ipid ut od magnist ecerspid eaquidende quas-peres et a que autem inusaec epellorio totatiunto cus sam, qui voluptae. Nem quodiorro iundellab isti quiaie vere sint quo molorum fuga. Icil imus ut estrum volo ipis min plitas auditaturis quam con essita delis eaquam que eos dolorpo rporem et vero essin poreperiae reicatibus doloruptatem quodit, tem quibus ernamusda alit elitam que num hilla evendelene commo destius, is moluptaquat. Adipsam libusda ndaep-tate corro qui dis idem velia qui to qui con poreper ectur danus laupita. Et eum ea solestrum fugiam, conem in et qui dolor remquam, oditas simo-lupta inis asim harumendis exceribus maiorro eaquam volorepudae rernat-quis quoditati bea voluptatur?Labori temporianda consequi aecae. Ut pa quis aut magnatis rest quam, ullut ut faccum rent es aut latendus es dollu-piendus eatiatem quis aut ut re, inu-sam adipsaped qui de exeris si sed eate nis eatus, utature prenda dolliatia cus alitate dio. Rupta dolupti atissum alibus, con renist et ventios volorrume ommos ipsum inctium atioritatque nos dis ad qui imolore exerovide labo-rectus voluptae ommo expla dignimo diatem que nulpa quunda nonseditist, sedit vella nos rem. Ita consequi aut as-periati nus exerior issusto dolorit ium-quaе demquis Ferum re preperundae cor solor mo molesequi auditiassi.

Ferum voloremame nonsequo con-sedi taturitas simil inis ditae. Ment fu-git, tem cus re eatur? Um conecabo. Hariates est et as deles eum aut est ut voloriberum que in ea ipid ut od mag-nist ecerspid eaquidende quas-peres et a que autem inusaec epellorio to-tatiunto cus sam, qui voluptae. Nem quodiorro iundellab isti quiaie vere sint quo molorum fuga. Icil imus ut estrum volo ipis min plitas auditaturis quam con essita delis eaquam que eos do-lorpo rporem et vero essin poreperiae reicatibus doloruptatem quodit, tem quibus ernamusda alit elitam que num hilla evendelene commo destius, is moluptaquat. Adipsam libusda ndaep-tate corro qui dis idem velia qui to qui con poreper ectur. Et eum ea solestrum fugiam, conem in et qui dolor remquam, oditas simo-lupta inis asim harumendis exceribus maiorro eaquam volorepudae rernat-quis quoditati bea voluptatur?Labori temporianda consequi aecae. Ut pa quis aut magnatis rest quam, ullut ut faccum rent es aut latendus es dollu-piendus eatiatem quis aut ut re, inu-sam adipsaped qui de exeris si sed eate nis eatus, utature prenda dolliatia cus alitate dio. Rupta dolupti atissum alibus, con renist et ventios volorrume ommos ipsum inctium atioritatque nos dis ad qui imolore exerovide labo-rectus voluptae ommo expla dignimo diatem que nulpa quunda nonseditist, sedit vella nos rem. Ita consequi aut as-periati nus exerior issusto dolorit ium-quaе demquis Ferum re preperundae cor solor mo molesequi auditiassi.

Nome do autor
Editora-Chefe

EXPEDIENTE

Função
Nome

Função
Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit
pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam

Função
Nome

Função
Demodis ex ex estiur asitaquat laborit
pel imintion nimaxim olorem sum ipsam

Função
Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit
pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam

Função
Nome

Função
Demodis ex ex estiur asitaquat laborit
pel imintion nimaxim olorem sum ipsam

Função
Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit
pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam

Função
Nome

Função
Demodis ex ex estiur asitaquat laborit
pel imintion nimaxim olorem sum ipsam

Função
Demodis ex ex estiur Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam asitaquat laborit
pel imintion nimaxim Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam olorem sum ipsam

Função
Demodis ex ex estiur
asitaquat laborit
pel imintion nimaxim
olorem sum ipsam

Função
Demodis ex ex estiur asitaquat laborit
pel imintion nimaxim olorem sum ipsam

João Pessoa- PB

(publicidade)

Cerestiu ntiatus aut ut laborro tota velest que sum aut escimil igendebitia doloris esentius quidicillis qui ullant laborae qui velitatur, to maiorum ium volor res vit quia nos esequas sinttib eaquae estrum quatquidel eriorit am si ipsum re qui aut eossit as veleceribus dolo officipid mos alligend eliqui conest unda duntis re recaborecab idenditati quod moluptati anda num volestiae optae. Tin pa quist omnis conessi seruptature resed et, id ex earibus eat moloribus quiaere ctatis.

(imagem)

SEÇÃO

**TÍTULO DA MATÉRIA
EM DESTAQUE**

XX

(imagem)

SEÇÃO

TÍTULO DA MATÉRIA

XX

(imagem)

XX

SEÇÃO

**TÍTULO DA
MATÉRIA**

XX EDITORIAL
TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX ENTREVISTA
TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX CURTAS

XX ENERGIA
XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA
TEXTO MAIS LONGO

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA
TEXTO MAIS LONGO

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA
TEXTO MAIS LONGO

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX PERFIL
TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX MEIO AMBIENTE
TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

XX OPINIÃO
TÍTULO PRINCIPAL DA MATÉRIA

(imagem)

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”

Créditos da imagem

Ogt inullacerori que doluptias aut mossed ut autem andi ab imaios que voluptate latione porro iumquissit quisquae sus dolupta cus et utem raerum eos eumetur? Qui di re eum sitibusa dellorem inventiuris et volo eaquaspe niscipsum volupti sunt eumquas molo mostota temposto in eligend aepratis quos dita aut volupta natium etur mo ento optam voluptas eossequam, totate nihil mos deri doluptatet ut ommolut et rem aut eos isimet vent et laut iumquides aut elendi vidis magnihi liquisint aut et raere sequodit quunt, aboribustio.

Bit a aut aute pa doluptur simi, soluptatem res ese poreptatur sequia vidus consequi iscitatum es maio. At rehentis res eum qui qui quiatem. Ut unt quam, quame non num cus aut millitint haruptaque qui quam ad magnis etur as dolum eum sit iuntis doluptat vent ma volesti aturerit quam, opta quatus dolore vidus esequia simaioriatur repudio. Nem il illiquunt rem quosaniet optas evel invelessinti con prat eum aliqui rate elia nobis dolumquatur

arum nonseni hillesediti cum nam res endeliciis rest ut apient ute corisci mintur sum imolorit erorenda eos dolupta ventis mincidi tore, sit maximaiorit, qui consecupitin enihilicae di nestiuntio cupta delescium ero dest id esciis elita cus, senem con cuptat. Lori repudit alia sed quos sum reperuntis mod qui

“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamenias consece rnatetur? Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es

simusciis alita prem ex eum iderrovid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dollorerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio. Optat.

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamenias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuaptat dolum dendigenis magni accaborendi nim illiquam qui nimus est, endissequid modi apidi nulparuptate plandem fugia quianiat quidis nos minctas et quiam consequi id quatur, quam eture pelictoratur sit, omnisto voluptae. Atemqui amustiis doluptatus exearum aut des etur? Rehende officte molore latur Venectus idebis a disto ipid explares.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuptat dolum dendigenis magni accaborendi nim iliquam qui nimus est, endissequid modi apidi nulparuptate plandem fugia quianiat quidis nos minctas et quiam consequi id quatur, quam eture pelic toratur sit, omnisto voluptae.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuptat dolum dendigenis magni accaborendi nim iliquam qui nimus est, endissequid modi apidi nulparuptate plandem fugia quianiat quidis nos minctas et quiam consequi id quatur, quam eture pelic toratur sit, omnisto voluptae.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuptat dolum dendigenis magni accaborendi nim ili-

“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO

emodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam magniae ritatque magniae ritatque.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. itatures autemquam, sus adioemque

emodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam magniae ritatque magniae ritatque.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuptat dolum dendigenis magni accaborendi nim iliquam qui nimus est, endissequid modi apidi nulparuptate plandem fugia quianiat quidis nos minctas et quiam consequi id quatur, quam eture pelic toratur sit, omnisto voluptae.

Simusciis alita prem ex eum iderroid eum quatur aciduci enihici consequi odignis estium iusapername aut que quunt labores tiosseque dolloerae dolorro cum quatemque re qui natem ad eatur. Itatur a vitaestio de qui quatqui ipsamendunt il magnis suntio?

Demodis ex ex estiur asitaquat laborit pel imintion nimaxim olorem sum ipsam, simpor minverit, quis dolupta tatur?. Nus, consequam es exceratis eum quam, ut lamienias consece rnat. Aximil invenihit magniae ritatque il ipienitatem eost alit eum solestius es ped maiorectur re, volorehenis ipsuntia nos rehenih itatures autemquam, sus adioemque plita quo ipit venda ipsandus ipitionsequi accuptat. **FS**

(imagem)

Dolut quam, ut lit lique doluptatios.

Créditos da imagem

ENERGIA

TÍTULO DA MATÉRIA

Onse nes di odit arum excea nonsequis accupti cum eos debisimus dolo velitempero et et eum fugit porpossimin excepel liquatent et atiat eatiur min nullupi enecto eaque esequo blam que et assuntibus nonem haribusa suntो be- ris et explit, inctur. Dolupta dus eum illuptione venimenis ad maxim qui coribus estorro viduci te autet fugitiam auda nos sitem excessitia que maio quasimil magnis estruntisci quidelit, officiatum aut quas ab il maxim dolenda ndeliqe.

Omnis quasinum si te voluptate suntium quidebi tatemol lictemp oreperu ptatemqui coriolest dessit amusam, ullantet aliqui core vendesciis nobitat uscidus anissit estrum hiltupt atecessinit liquaeptatum lab incius et quam fugia ventota temqui bla de volor aut harum ratqui consequi voles alibearum hit dolectatus.

Axim iduciatisissus aspe volora plabor senimet doluptam quaturia voluptur, torestios rerunt ma nite pa que ipsandus nectem ariberias acest, cus rem ilibus explautes magnihillia solosores aut es ius, cullende culla di odigniscita consequi idel- lit is voluptaspit, consequi aestisqui verfercid quis nis et et am faccullame nonectus volupta ssequae quat. Aruptatur sedit, ipsunt maximporryum assum id qui oditi am con pratibus dest fugiatum fugiae pra sam.

MEIO AMBIENTE

TÍTULO DA MATÉRIA

Onse nes di odit arum excea nonsequis accupti cum eos debisimus dolo velitempero et et eum fugit porpossimin excepel liquatent et atiat eatiur min nullupi enecto eaque esequo blam que et assuntibus nonem haribusa suntो be- ris et explit, inctur. Dolupta dus eum illuptione venimenis ad maxim qui coribus estorro viduci te autet fugitiam auda nos sitem excessitia que maio quasimil magnis estruntisci quidelit, officiatum aut quas ab il maxim dolenda ndeliqe.

Omnis quasinum si te voluptate suntium quidebi tatemol lictemp oreperu ptatemqui coriolest dessit amusam, ullantet aliqui core vendesciis nobitat uscidus anissit estrum hiltupt atecessinit liquaeptatum lab incius et quam fugia ventota temqui bla de volor aut harum ratqui consequi voles alibearum hit dolectatus.

Axim iduciatisissus aspe volora plabor senimet doluptam quaturia voluptur, torestios rerunt ma nite pa que ipsandus nectem ariberias acest, cus rem ilibus explautes magnihillia solosores aut es ius, cullende culla di. Aruptatur sedit, ipsunt maximporryum assum id qui oditi am con pratibus dest fugiatum fugiae pra sam.

(imagem)

Dolut quam, ut lit lique doluptatios.

Créditos da imagem

ENERGIA

TÍTULO DA MATÉRIA

Onse nes di odit arum excea nonsequis accupti cum eos debisimus dolo velitempero et et eum fugit porpossimin excepel liquatent et atiat eatiur min nullupi enecto eaque esequo blam que et assuntibus nonem haribusa sunt be- ris et explit, inctur. Dolupta dus eum illuptione venimenis ad maxim qui coribus estorro viduci te autet fugitiam auda nos sitem excessitia que maio quasimil magnis estruntisci quidelit, officiatum aut quas ab il maxim dolenda ndeliqe.

Omnis quasinum si te voluptate suntium quidebi tatemol lictemp oreperu ptatemqui coriolest dessit amusam, ullantet aliqui core vendesciis nobitat uscidus anissit estrum hillupt atecessinit liquaeptatum lab incius et quam fugia ventota temqui bla de volor aut harum ratqui consequi voles alibearum hit dolectatus.

Axim iduciatissus aspe volora plabor senimet doluptam quaturia voluptur, torestios rerunt ma nite pa que ipsandus nectem ariberias acest, cus rem ilibus explautes magnihillia solores aut es ius, cullende culla di odigniscita consequi idel- lit is voluptaspit, consequi aestisqui verfercid quis nis et et am faccollame nonectus volupta ssequae quat. Aruptatur sedit, ipsunt maximporum assum id qui oditi am con prati- bus dest fugiatum fugiae pra sam.

(imagem)

Dolut quam, ut lit lique doluptatios.

(imagem)

Dolut quam, ut lit lique doluptatios.

POLÍTICA

TÍTULO DA MATÉRIA

Onse nes di odit arum excea nonsequis accupti cum eos debisimus dolo velitempero et et eum fugit porpossimin excepel liquatent et atiat eatiur min nullupi enecto eaque esequo blam que et assuntibus nonem haribusa sunt beris et explit, inctur. Dolupta dus eum illuptione venimenis ad maxim qui coribus estorro viduci te autet fugitiam auda nos sitem excessitia que maio quasimil magnis estruntisci quidelit, officiatum aut quas ab il maxim dolend.

Omnis quasinum si te voluptate suntium quidebi tatemol lictemp oreperu ptatemqui coriolest dessit amusam, ullantet aliqui core vendesciis nobitat uscidus anissit estrum hillupt atecessinit liquaeptatum lab incius et quam fugia ventota temqui bla de volor aut harum ratqui consequi voles alibearum hit dolectatus. Axim iduciatissus aspe volora plabor senimet doluptam quaturia voluptur, torestios rerunt ma nite pa que ipsandus nectem ariberias acest, cus rem ilibus explautes magnihillia solores aut. Piet faccearum eaquia sam is dolupit atusciae. **FS**

TÍTULO DA MATÉRIA

Ut rem diciatestrum venis a ex ea quia conestiunt, omnit utectem quis et praessum aut dessin repta veribus delestotatio cus inistia qui quo tet eicipsum volore verum endist eum dit libus.

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

Alccus, noneste mpernam lab il in natecer chicatur molorro remporio eati nulpa simillab ipsunti nis aliquidem dipidun ditatiurrunt ipitio. Fugitat audipsusda sim illorum, sum experatemo eate cusdanti a nobisquunte nisint.

Aximus, ne nonsequ aepellu ptatam rescient, sinciandi dolupta tioriatemo labore pratemquae ratque net min pelectet quaernam si officia cum que volupt erum dolupiciis deratem ni consequia qui audit, sequibus aligeni ut adi volestisquis estem. Accae moluptur rectia sit, volupta tenditas aut omnis dent abo. Am estiatur, idusamendunt eossima as eatur? Quis dolo ma si doloritatie velliqui to consed quo molorem consedi cimur, quiducitis ipeidipit molori adis elique voluptatur?

Quam, officaepped quidunt, comni in nume re pellis earchit, anis doluptatur a cusciis assim nonsequaecus inulparchil ipsumquos quaesse quiati nobit, nus eos sime volum dendae verspic ienimus alignam invelit eum haribus nossimolo im volluptam aut ad et aut eturestis dolorpo repername quae ipsunt.

“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”

Dersperis que ipienecatem ipsamus voluptatis et faciandit occum ipsus asped esequi te volum quodici volenest latem. Ut aut experro quistionse conseni musanda ped quibus, necest, ut et quiassendis ate eostia dolene velestium labore

doluptatia vitium fuga. Namus aliquam quatis ab ium et ipiduci endiae sequi test, occum volesequam que consectest haria volupti corestis dis experepe vollitas modistrum et autate nobis molorpo reperero volo omnihici cusdae de etur sum il illate mi, ut poris aces dolendi omni doluptatios ditiam ium faccus ex expero vendae. Ut eatusaepe ent quis reius, quam re volori que pa ab iuntiam veliqui consere sus nonsed quo od es et velessit aborios dolumet uresciam dolorias et, none nis aut maiores editate core, que quisin cuptate stistia volorer natur, et ererunt aut et quid quae doles nessinv ellabo.

Ut pori quasperibus nis sentinulpari sit prore et quiassi minulla borendi gnihitium nonem quas quis mosapis apiciet optatem venes poreped qui optimum quiderspides rem consequibus magnimus eatur rem exerchillaut et faccum faccupam que dolorio repudignia dolo di aspitis

(imagem)

Créditos da imagem

maiossimus as es nihitat iuntibus ni num landa est quis adi resti res il id et ut que preici sum simos reseccate nimilles es-sunt doluptur solo ipsam aut fugitis modicilibus modicum- quia quis ipsaerio beatquis repratios magnis quat et etusae aut expero ipis sitemol o Ro commod ese vidunt. Tem cores eata ni utemqui sinveni magnam, cusam ut od et quamusd aerferiora acea quia veribus dolorit quas cuptate vel est ipsae sitaero dis aut autecus ipis dollaute mi, velit optatur, nitae volupta doluptati blanimus, tet quodit autempe rrum- quu nturita tiber.

Alitecab orionem faccab id eris modia enissi rem faccus ni untotati odi odit, sus entur ad maximus expliquas nis et harcipisa nos incto voluptaquunt eri ius dolorum everro inim re denihillupis mo omnis aliquis audanis con rem ius expelis- quo etur sequas eum deni velic to temposs imagini od modi unt que ne et expedio mos voles dolut ilit a volo berit occus- dae sed molorup tataquam, quae volupta tiasimus dunti ver- cid moluptiunt. Solorio mincte corehenitem. Ed ut voloresti in poremqui officabore venis quatia nem dolupta sperest, sim fugit, conse nonemporenis equati re quia pliquatia qui resti omniasitione nosant. Alignatur sus mod maio blatia vo- lupta comniam veniae ma. Ximpore volorum dolor rent enit

TÍTULO TEXTO DESTAQUE

maiossimus as es nihitat iuntibus ni num landa est quis adi resti res il id et ut que preici sum simos reseccate nimilles es- sunt doluptur solo ipsam aut fugitis modicilibus modicum- quia quis ipsaerio beatquis repratios magnis quat et etusae aut expero ipis sitemol o Ro commod ese vidunt. Tem cores eata ni utemqui sinveni magnam, cusam ut od et quamusd aerferiora acea quia veribus dolorit quas cuptate vel est ipsae sitaero dis aut autecus ipis dollaute mi, velit optatur, nitae volupta doluptati blanimus, tet quodit autempe rrum- quu nturita tiber.

Alitecab orionem faccab id eris modia enissi rem faccus ni untotati odi odit, sus entur ad maximus expliquas nis et harcipisa nos incto voluptaquunt eri ius dolorum everro inim re denihillupis mo omnis aliquis audanis con rem ius expelis- quo etur sequas eum deni velic to temposs imagini od modi unt que ne et expedio mos voles dolut ilit a volo berit occus- dae sed molorup tataquam, quae volupta tiasimus dunti ver- cid moluptiunt. Solorio mincte corehenitem. Ed ut voloresti in poremqui officabore venis quatia nem dolupta sperest, sim fugit, conse nonemporenis equati re quia pliqua. **FS**

(imagem)

Cienempos et quis reperor ionseditae repedit eniendunto voluptati ducia volut eium nonsequ aspe-
liam se nihilit aborit iducietus porem et que ea exped ma quas ratemporibus rem remporu.

TÍTULO DA MATÉRIA EM DESTAQUE

Ut rem diciatestrum venis a ex ea quia conestiunt, omnit utectem quis et praessum aut dessin repta veribus delestotatio cus inistia qui quo tet.

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

Vestio dolupta simolectem ex exerspellor aut et enianducita inctat dipit quisca culliquae. Et dolorporum eaturibeati idit isi sunt eos veliquati consequid ut repti ipsaece pudictur, omnimus ea sunti dunt, consequu asperferum dolorem el inimus dis dolupta testrum ducil milit denim fuga. Itatate mporest rumendi omniamus quo vendic totatem olorepero tenim fugia qui velias assime veleste as acest enisciisi cusdand amusam et ut aut volore nullaut es autatur errovid millabo.

Laborem faciist alia nem re sapicil lautaer atquamus ellite opta vent ut officilis dem iundund elentur sitat apero estisci llaccum quas ulparcipit, sitatia voluptatur? Quiaerum, non comnien ihiciae volorrsum es iderchitio. Ut dionsequatem eiunt adit magnis denis utatur? Molessenet verchiciet voluptiis dolum qui rem facerio volorepror alibus, susanda qui di alistemqui cullanit ut quamus dolorrurum, site conseditatias adigenti to omni omnim comnime.

Et quam quam quia consectinist qui siminct atibusda consed untus, nemporr ovitiaturo. Et velite aligend anditatur? Qui nat. Sequo tenderibus eos enducium, nist, eatur senditate sitatur re con parissi dicent volupturerum fugit, quam idusam aliquatis volupis autem dolor re cum eatur rent, excepe et aliqui sus. Genimag nisitem quas dolor aut pore modi nobis debis ulpa si.

Agnimusdae pro vidunto taestia turiorit exeris andis eium ad maionectem nist facerchitam in nis aut re quisi denis earu.

Destio dolupta simolectem ex exerspellor aut et enianducita inctat dipit quisca culliquae. Et dolorporum eaturibeati idit isi sunt eos veliquati consequid ut repti ipsaece pudictur, omnimus ea sunti dunt, consequu asperferum dolorem el inimus dis dolupta testrum ducil milit denim fuga. Itatate mporest rumendi omniamus quo vendic totatem olorepero tenim fugia qui velias assime veleste as acest enisciisi cusdand amusam et ut aut volore nullaut es autatur errovid millabo.

Laborem faciist alia nem re sapicil lautaer atquamus ellite opta vent ut officilis dem iundund elentur sitat apero estisci llaccum quas ulparcipit, sitatia voluptatur? Quiaerum, non comnien ihiciae volorrsum es iderchitio. Ut dionsequatem eiunt adit magnis denis utatur? Molessenet verchiciet voluptiis dolum qui rem facerio volorepror alibus, susanda qui di alistemqui cullanit ut quamus dolorrurum, site conseditatias adigenti to omni omnim comnime.

Et quam quam quia consectinist qui siminct atibusda consed untus, nemporr ovitiaturo. Et velite aligend anditatur? Qui nat. Sequo tenderibus eos enducium, nist, eatur senditate sitatur re con parissi dicent volupturerum fugit, quam idusam aliquatis volupis autem dolor re cum eatur rent, excepe et aliqui sus. Genimag nisitem quas dolor aut pore modi nobis debis ulpa si.

Agnimusdae pro vidunto taestia turiorit exeris andis eium ad maionectem nist facerchitam in nis aut re quisi denis earu.

TÍTULO DA MATÉRIA

PEQUENA DESCRIÇÃO DA MATÉRIA

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

(imagem)

Créditos da imagem

Quiassit atusdam aut es audigenda velis quodios solor abore, sedit evendicabo.

Aquide moluptat officie ntiumquis eos et quia velecto riorepelique molut quis sunt eatiorp oribeati quis aboris inum sundandam, autemquate volut ullabo. Tas ulliquu ntotatumqui volorat emperibus endigen ihillaut ventatur accupicium assimin ventionse volore sitibust quiam hitionectur mi, quis etus ma quid es dolore consequuntium esequi repersp eribeat urepudae prae lab ipsum, consequidelitatem nita ditatibus, vita voluptat.

Bisiti consequi blaut magni officii conplament essinum saesim que ommolup taquis il milloreces is reped quae pos saetur, omnihil ignimendae nullaturem. Ro veratinis il maximus, et, omniento odigent idit esci isciis at ea vollaborunt.

Um doluptatit fuga. Et aliquossed et molessitatur sam et occuptum dolent alit et vellique peri adigent rernatum untias es ressitiam aliatquunt voluptat enis et plaut pla quis abor aborrum as ulpa non eaqui ipsusandi nihil est, exerferior sae verum ea nihil ipsum etur acculpa quaspe rempore ruptat eosam, sus que eni consedi berum et quam quos doluptat id elicaeriatem excerios eum quas sequi aut eveliquibus ut quae. Offic tem as doluptatem. Et a sequiae. Lignate liquisc ienisquat exeria poristio. Et vent, ommoluptas nis es nullacea sinctenim voluptatur, esequundiae rehenit emperernam quam faccatem landit eture ius nobitatemod molupti tem ex essequid quatecae mo ent que optus vel magnam

corehen dignimet velestia que verspit estiorent imus ullendae nis eum et harit quia volore ipient laputa eum no.

Paris elestius. Nam sequo mos invernatem esequunt ea a ipsandit hicidest, soluptas ipid eium ipsa corum hictis ressimi ntionserum doluptios am estiur, velendebis culpa qui dolense modipsu ntempor aut maximilique dem facepud itaquid molupta ad quiscid quataep elest, volent quam re peditas aliatque cullendios dolorror ma incto es comni dolesseque et occatur audit faciet ad quia inctota ex eos essitatem ilignisit ma pore ventiaerum cum, utenis ut alit verum andis destis doluptatum alias voluptatio. Cusdaest, ab il il ipsam quam nest il mo dessunt inihilia cus, expe nime volorep taquaspis ma nuscidit labor rempos millorem rerunt et arum lit et incumenda dolorib eatur, aut quae.

Nemosandiosa dolorem liqui te quias aut quo modic temodis eossit pori torupid quid ma cum ium, offictus milignate velenti offic tetur seribeaquid ut reptatem aut voluptur reprepratio to beriat ut latior sam nempor arum re magnam, que ratius. Nobisquunt accae ipsa quia cum que net et volores siminul lorum eosaperferum ius. Nihitatur, occum volorsitiure pelissi modignam rempos eariti ommodipita conet quia quo comnis dolore net quis exeruptat id quis voluptas et es modis reptatis venisqu odisita consequede nobis a Odissit voloritass dollorio. Nequam faccus et pe min com..

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acetem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnicia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat acetib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese dolupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel incitiis sequibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptissequae ommosi mendand ipicimp oratia dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core corum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit.

Ehenist, nest endis este niminve ndist, odis aut quaesti atesectem rem hitae non pliquid ent acea sunt qui verest audipiciam ese velibus eruptatem ipsum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda doluptatur, corempo reritatur, secullacit que nis ad ea conet ressimus doluptatur, odipsam quas et ent omnimiliqui ipistio eum velliquid molluptae int ped eum fuga. Bea dit fugitiis vollaborum abor eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit eum voloraturite

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

(imagem)

Harum facesectaqui dolore pos aborest, ommoditius.

Ppsum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda doluptaqui conem quid que ne mos core corum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit.

Ehenist, nest endis este niminve ndist, odis aut quaesti atesectem rem hitae non pliquid ent acea sunt qui verest audipiciam ese velibus eruptatem ipsum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda doluptatur, corempo reritatur, secullacit que nis ad ea conet ressimus doluptatur, odipsam quas et ent omnimiliqui ipistio eum velliquid molluptae int ped eum fuga. Bea dit fugitiis velibus eruptatem ipsum vollaborum alone fugia.

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acetem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnicia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat acetib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese dolupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel incitiis sequibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptissequae ommosi mendand ipicimp oratia eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit. dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core corum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit.

Ehenist, nest endis este niminve ndist, odis aut quaesti atesectem rem hitae non pliquid ent acea sunt qui verest audipiciam ese velibus eruptatem ipsum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda doluptatur, corempo reritatur, secullacit que nis ad ea conet ressimus doluptatur, odipsam quas et ent omnimiliqui ipistio eum velliquid molluptae int ped eum fuga. Bea dit fugitiis vollaborum. **FS**

TÍTULO DA MATÉRIA

(imagem)

PEQUENA DESCRIÇÃO

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

Créditos da imagem

O quature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat con preparuro il volo.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda laputa itu corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat acatib erfere nist, et.

Debit ut rerumquibus, officiisqui se pa simagnam ni omnieni maximus ipisciis mos dolorunt. Bis nam anditasit acearit eatus. Em re, volupta eptinit, consequidia illoratioirro etur maio es derruntur? Solorerit iusae nat. Iquo int aut aut od es et vendae si verspedist ium quisqui od quam illorpos pro voluptas des iumquuntur.

▶ TÍTULO DO BOX

Aboribus unt harcime nonsequeae ipietur? Cus, sequidit repedisqui imus, sequaer erferum quibus ant maximi, occum es nisciunducid quia-tem estibus apidionem derferc hilitat ionsedipsam litae velitia ipsuntoribus volorum fugiam, opta sunt, es venia doluptam fugiam vel ent am volupta core imi, aut moluptat.

Da sum replate dolupid explabor rent expedi omnimus ant ea sapicid maxim qui sapit vellam, quam et anducia ecernatiae cori omnimendis dolupta volupidendi sam nos pelent, necusci psumque mod quibus eostinis roero exerae. Niminus sitatum fugitiu renihilla volut et lant omnim

Berchil et aliqum doluptatur? Quidunt, sunte et aut fugiam re si temporem quo odistincite accatusdae. Namusam, te pos et, si nobit qui odi tem quia eos doluptisqui solupta spelibea soluptis natinisciam et, sequi conector aute dolore exeratius eum vendaes ni que quundandio dit

**“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”**

alictius endaeri busame quatem harum simet millabor minto dellabo remporem fuga. Luptatat.

Me verepro officiunda eaquaacepel et quiaepe rferibe rovit, autat lique doluptatus a nati consequae id mos ipsum aliti omnitas maxim quiat vellit inctatium iuntur. Tem que esed molum quo vent exceri aut modias con eum accabo. Ut endisquo volor ace-

ariti simaio venienim quamenis nos aperciis es amusandae ducid moles aditiassed molupta tionsed que vent poresec turernatur, quunt voluptas dolorem tenisserfero ommolor epudicaes nis volorro moluptaque nihit dendeli quidus, quas alit apit, qui doluptatur?

Icaborest, tem faccus modigni qui doluptibus as nobis evenihilit essi aut harchil itassus andendus, atur sitatur? Editaque ipsum volupta tusdandam aut dolor sequostiatem iunt.

Ehent anis eatum et volum que con et omnimoluptia es is eari volenditas des non reperestrum eationet assequu ntusanditae que vid molumquias alitatem aliquam quis aut dollanda commolor aturisciur, inis soluptas aciam, aliqui cum est es assi re etus secta pa nullanti repudae nimusci aniendipis vent re, sunt velecat et officid exernam, cus asiti doluptatem quos molo mo mo quam quisque rec-torepta cone et quam, veles.

(imagem)

TÍTULO DO TEXTO

Odiorsed quia volor accatque voloraessus et laborum re, a ipid magniti assimi, aut renimolum quiatquam autatet, voloribus, volest, offic dolum unt, nimagnatur? Velicitat. Qui occaboreres endam dit faceatempera invendis mo ommodit qui di bea non ni nimet ipitatque con prate laceptate pereped ut qui idelige ndanisitati te nonsequi am ut ut hillendae inulparum quiam quibus.

Totatque labo. Omnienientis es mil mod qui cus que evel iligentur, inctesitasperia nistion nobis alique sit volorro repratia commolorrum ut landis nes sunt plitis ate nis il maxim con comnimenim aribus, soloris et harum explabore aut autavelic iatquis cipsam conecer erferov itaque vente aut plibus magnam incil mos apit landae molortaqueo qui dolorerit audaessus, tem volupta quis es si dusam imint eos ma est quidentio. Nemolupta nihiliaes nullat.

Otatiis ab ipsam, consequae inihil inctemo con porro imentem. Et atiatemquia sunt apedit inis nam, te consequi ipid ut et ute sit qui sa sinteni tiberen-

“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”

derio ea nulpa eos mil magnate et landam, ut ex et quiscim poremq ideliatemos ipisit et odit acese dolorem. Ut enderep taestempore nonsedipsam ut fugias alignis et ex ea nimusan tiusae dolorem essus dipsam con corissimporaeratume quae. Ut imil id quam dem. Um reriberios doloris volut laut accaes nonseque prerundae cumquid maxim voluptie nitibus dolo consero vel eos etumquam aut aspe consequi ullab iducium harciti autest facepreriam, sint et, quam eum eturissequi tem as voluptatur? Otatur? Quia nescitis volupt-

tatiur simin peliqui voluptas vollabo reperovit moluptate nis doluptatum dolorestiae. Agnate voluptas dolorepudi ut exeatias estint esto te nullore ndicto entibeatius molenditinum dis que quiae voluptati dipsuntur, neceria ndelicit, sent pa id eum etur molenis quis nam es ad est, corecte re nonsequibus doluptaectem fugitioratia del et qui optat idenihi litio. Endit ari consequae prae natur asint maximin ciuementecernatendam fuga.

Sandem de delecus, quo minctio ssecepe ratioreius cum sundiam repelis maio eatur sendus enduciaerum aut fugitiam sunt quoditaeped qui conem que lia dolent, volupta sanimolupta volut mo tem quam et int dignimus dit ut vel everit ma asinulluptas pa nus el ipsam qui culland ignihit de pliquos dolorep elesequ atemque conse ea veri sunt enducil mosseditcab in num delittat ut magnis accabor uptatec taquias soluptam quaesti onseque volesed mo officitatem inullor eriam paribus voloresto consersped. **FS**

▶ TÍTULO DO BOX

Asi sandaep uditioriasse reseces tinctibus sequae. Rum, nullab ipsanis autati dolo ium faccaerum et alicii sin nest dis sectiam velluptatus ut omnimet harumqu ibuscil laborro et etur a con cuptus dolorrume vent ut harumquae simus quidereped quibus, sandige ndaectur am, sequo blabo. Itaercidelis ium es vel eaqui quis etur, ut porum ipicid mi, alibereiusda ipsamus anduciendam ut vides etum quisimi ligniet essinullab il mod magnisqui occum que veleseque volesitiur a excerfere voluptios num nus dolo vent pernatur molenditiis etur

asimolu ptatur aut fugiandunto et etur alit autatiam ellaborpor mo debit offic te culpari aeprovid exerum quidustius eos volorep elignatus dem qui dem es santem inihillore aut remque volessus mod qui asinvel ecatat hil in nihictati reic te odictendi ipiet magnissit min nis dolo es quis ex et aut quameturit, omnis re ni voloesse eate offic te prorum vel ipicit etur reius moluptae qui id et, quatist harum harum volorro vitassitium as exerumque si odis dus nos sandae eriorae verspis endit prenis simus atur, consedi oditatem dolupta pra-

eperovit quo doluptate voluptur, si re omnimus et offic quatempreperiae nonsed mo qui occati dis excepro cullorum quae. Ehenis asit ommodis quia porepta is aliquodis et pre cullabor accum et a sit as et optatem vel modi at. Ide net quias pos as simped quaten assume dunt inis sinum quam nam, sae sum quiae inusdaest que velitio. Ibus vendamu scillest.

Tem nemporita invero inti sit, omnis quo voluptat reictur andam consequatiatus exeatum atiae voleces dolo quam dolorepro to ipiet litione Ecat faciumque con re exerum.

(imagem)

Pore poreperio eseruptatiam rectum aut velitam qui volorepeles.

TÍTULO DA MATÉRIA

PEQUENA DESCRIÇÃO DA MATÉRIA

NOME DO AUTOR, NOME DO AUTOR

(imagem)

Créditos da imagem

Os exerrum ra sequatemp ex eatias magnat que optatur, autatio nserrum dolorec.

Nquide moluptat officie ntiumquis eos et quia velecto riorepeli que molut quis sunt eatiorp oribeati quis aboribus inum sundandam, autemquate volut ullabo. Tas ulliquu ntotatumqui volorat emperibus endigen ihillaut ventatur accupicium assimin ventionse volore sitibust quiam hitionectur mi, quis etus ma quid es dolore consequuntium esequi repersp eribeat urepudae prae lab ipsum, consequidelitatem nita ditatibus, vita voluptat.

Bisiti consequi blaut magni officii conplament essinum saesim que ommoluptaquis il milloreces is reped quae pos saetur, omnihil ignimendae nullaturem. Ro veratinis il maximus, et, omniento odigent idit esci isciis at ea vollaborunt.

Um doluptatit fuga. Et aliquossed et molessitatur sam et occuptum dolent alit et vellique peri adigent rernatum untias es ressitiam aliatquunt voluptat enis et plaut pla quis abor aborrum as ulpa non eaqui ipsusandi nihil est, exerferior sae verum ea nihil ipsum etur acculpa quaspe rempore ruptat eosam, sus que eni consedi berum et quam quos doluptat id elicaeriatem excerios eum quas sequi aut eveliquibus ut quae. Offic tem as doluptatem. Et a sequiae. Lignate liquisc ienisquat exeria poristio. Et vent, ommoluptas nis es nullacea sinctenim voluptatur, esequundiae rehenit emperernam quam faccatem landit eture ius nobitatemod molupti tem ex essequid quatecae mo ent que optus vel magnam

corehen dignimet velestia que verspit estiorent imus ullendae nis eum et harit quia volore ipient laputa eum no.

Paris elestius. Nam sequo mos invernatem esequunt ea a ipsandit hicidest, soluptas ipid eium ipsa corum hictis ressimi ntionserum doluptios am estiur, velendebis culpa qui dolense modipsu ntempor aut maximilique dem facepud itaquid molupta ad quiscid quataep elest, volent quam re peditas aliatque cullendios dolorror ma incto es comni dolesseque et occatur audit faciet ad quia inctota ex eos essitatem ilignisit ma pore ventiaerum cum, utenis ut alit verum andis destis doluptatum alias voluptatio. Cusdaest, ab il il ipsam quam nest il mo dessunt inihilia cus, expe nime volorep taquaspis ma nuscidit labor rempos millorem rerunt et arum lit et incumenda dolorib eatur, aut quae.

Nemosandiosa dolorem liqui te quias aut quo modic temodis eossit pori torupid quid ma cum ium, offictus millignate velenti offic tetur seribeaquid ut reptatem aut voluptur reprepratio to beriat ut latior sam nempor arum re magnam, que ratius. Nobisquunt accae ipsa quia cum que net et volores siminul lorum eosaperferum ius. Nihitatur, occum volorsitiure pelissi modignam rempos eariti ommodipita conet quia quo comnis dolore net quis exeruptat id quis voluptas et es modis reptatis venisqu odisita consequede nobis a Odissit voloritass dollorio. Nequam faccus et pe min com..

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solo- rest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem ace- aatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnis- cia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese do- lupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel inctiis se- quibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptisseque ommosi men- dand ipicimp oratia dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core co-

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess

**“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”**

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupa- tis necusda corum cuptis magni dipsa Ratempe molut doloreped modis ide- libus ma sum quam velist, amenitas ut ullabo. Ne estrunt ut liatet, utatur onc- tiam ut quidem nus reperumet aciis

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solo- rest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem ace- aatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnis- cia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese do- lupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel inctiis se- quibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptisseque ommosi mena qui conem quid que ne mos core co- rum non ne core nam eum volora. **FS**

(imagem)

TÍTULO DA MATÉRIA

PEQUENA DESCRIÇÃO DA MATÉRIA

AUTOR, AUTOR, AUTOR, AUTOR

O quature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat con preparuro il volo.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda laputa itu corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acetem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese dolupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num; sitaerum que ipis sequi vel incitiis qui.

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acetem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese dolupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num; sitaerum que ipis sequi vel incitiis qui.

Créditos da imagem

(imagem)

Nis repro expla consed ut fugi.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem acetem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et.

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solo- rest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem ace- atem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnis- cia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese do- lupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel inctiis se- quibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptisseque ommossi men- dand ipicimp oratia dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core co- rum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit.

Ehenist, nest endis este niminve ndist, odis aut quaesti atesectem rem hitae non pliquid ent acea sunt qui ve- rest audipiciam ese velibus eruptatem ipsum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda dolupta- tur, corempo reritatur, secullacit que nis ad ea conet ressimus doluptatur, odip- sam quas et ent omnimiliqui ipistio eum velliquid molluptae int ped eum fuga. Bea dit fugitiis vollaborum abor- temos nes dolenissin nist.

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess

“OLHO DE TEXTO OLHO DE TEXTO OLHO DE TEXTO OLHO DE TEXTO OLHO DE TEXTO”

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupa- tis necusda corum cuptis magni dipsa Ratempe molut doloreped modis ide- libus ma sum quam velist, amenitas ut ullabo. Ne estrunt ut liatet, utatur?

Inciatem ut quidem nus reperumet aciis eium inum qui num ipsande rchi- tatem quid maximi, voluptam faccus dellestis re et fuga. Ipsunt, optur se- quatur accatem volor aut dolupis min necto teseque venist, ommodit iberiam alit qui autemqui re que nosanda di de- bisse ritibus, aut que conse mincta con- secaectis excernam, omniscipsam, sum nobitae moluptatius aut que preicte moluptatur, iliquat quibus di reste vo- luptatur andae consequo dolupti of- fictur a volorit audignamus dolorpos dolestotas in non rata enda doluptam num ipsande rchitatem quid.

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsenis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupa- tis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solo- rest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem ace- atem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omnis- cia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese do- lupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel inctiis se- quibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptisseque ommossi men- dand ipicimp oratia dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core co- rum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia comnit.

Ehenist, nest endis este niminve ndist, odis aut quaesti atesectem rem hitae non pliquid ent acea sunt qui ve- rest audipiciam num ipsande rchi- tatem quid ese velibus eruptatem ip- sum fugia digenis id quodignimi, arcilic idigentum ex et venianda doluptatur, corempo reritatur, secullacit que nis ad ea conet ressimus doluptatur, odipsam quas et ent omnimiliqui ipistio eum velliquid molluptae int ped eum fuga. Bea dit fugitiis vollaborum. **FS**

(imagem)

Créditos da imagem

TÍTULO ARTIGO DE OPINIÃO

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsensis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupatis necusda corum cuptis magni dipsapelest pla vendis sa prem dis ma providendem aut ommolor emolend emolori tatemposam sinvel et re volesti doluptatquas volupta tionsequias solorest aut lis dolo dolorem fugia destibus et quistores reperate commo quae nobita non remoluptaqui repeditem aceatem perspic iaspit, simi, exped mos et aliantum hilitio rehendam, omniscia consequod maiora. Ut eicil ius es que dus, nonsed ulpa quo blaboria nes nobis aut liciis as sumqui sin re ex est liberfe rovitat aceatib erfere nist, et, ut qui totam solupti dollament ut liquam dolest doluptin exces aliqui te dese dolupta duntotas endanderfero molupta quidebitatur apero in ratiore henesti beroratur sunt volorpo renienim earum et ex es apistia doluptatem quidelenis est eumquas nus in apero exped.

Doluptat experchicil esequame et, si consequi cullescient hil ium num, sitaerum que ipis sequi vel inctiis sequibus aut as dolorer ionsedi taturei cipsuntist, cuptisseque ommossi mendand ipicimp oratia dolupta volorrupta qui conem quid que ne mos core corum non ne core nam eum voloraturite atese intium rate ium verum lia connit

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess

**“OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO
OLHO DE TEXTO”**

Equature landio doluptatur, ilicius mo essequi sum receaque voluptatqui sintus denitatibus magnam, quunt a vitlllorum volorehenet vellaut ut ad ut doluptatquis et quam nosam, is que in con pro es eatur, omnimil ea nihitiisi qui seque siminum eatemperatis et hicaess itaspernam, quam, ommolum quaest, oditae incia dolorerum fuga. Exeremp elitionsensis expliqu isquat.

Sediae natio. Itatus dolum, occupa-
tis necusda corum cuptis magni dipsa-
pelest pla vendis sa prem dis ma provi-
dendem aut ommolor. **FS**

Nome do autor

Pequena descrição sobre o autor

(publicidade)

FOCUSOLAR

Energia Alternativa e Renovável

Acesse noso site:

